

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**INVESTIGANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA PARA A  
TRADUÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO**

LAURA BAIOTTO PEREIRA

PORTO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: PSICOLINGUÍSTICA

**INVESTIGANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA PARA A  
TRADUÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO**

LAURA BAIOTTO PEREIRA

ORIENTADORA: PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MAITY SIQUEIRA

Dissertação de mestrado na área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Psicolinguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2019

### CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Laura Baiocco  
INVESTIGANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA  
COGNITIVA PARA A TRADUÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO DE  
INTERVENÇÃO / Laura Baiocco Pereira. -- 2019.  
102 f.  
Orientadora: Maity Siqueira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. metáfora primária. 2. metáfora complexa. 3.  
expressões idiomáticas. 4. tradução. 5. Teoria da  
Metáfora Conceitual. I. Siqueira, Maity, orient. II.  
Título.

LAURA BAIOTTO PEREIRA

**INVESTIGANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA COGNITIVA PARA A  
TRADUÇÃO DE METÁFORAS: UM ESTUDO DE INTERVENÇÃO**

Dissertação de mestrado na área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Psicolinguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 30 de agosto de 2019.

---

Prof. Dr. Maity Siqueira – Orientadora (UFRGS)

---

Prof. Dr. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (UFRGS)

---

Dr. Dalby Dienstbach (UFF/FGV)

---

Dr. Larissa Moreira Brangel (UNISINOS)

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo apoio incondicional e incentivo de sempre à educação.

Aos meus amigos novos e antigos que ajudaram nessa etapa, desde opinar na ideia inicial do projeto até divulgar a pesquisa em redes sociais.

À Maity, que já está cansada de unir os agradecimentos pessoais aos acadêmicos nos trabalhos dos orientandos, pela animação e encorajamento de sempre. Tenho muito que agradecer não só por ter me apresentado à perspectiva de linguagem da qual gostei tanto a ponto de querer aplicá-la a tudo, mas também por ter aceitado minhas ideias e projetos relacionados à tradução.

Ao METAFOLIA, pela companhia e pelas discussões tão enriquecedoras à minha formação. Minha vida acadêmica não seria tão feliz sem este grupo e, como sempre digo, tenho muita sorte de os ter encontrado. Em especial, muito obrigada Carol, Nichele e Paloma, pelo apoio, amizade e por ajudarem em meus dilemas sobre pequenos detalhes e grandes questões da dissertação.

Aos professores da linha de pesquisa, que ajudaram a compor diferentes partes deste trabalho. Aos professores do inglês, da tradução e da 117 do Instituto de Letras que cederam suas salas de aula e gabinete para a condução do estudo. Também agradeço muitíssimo aos professores da banca pelas importantes contribuições para a versão final deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, aos participantes que toparam ser sujeitos de um estudo com duas a três sessões.

## RESUMO

A Teoria da Metáfora Conceitual (TMC, LAKOFF e JOHNSON, 1980) postula que a metáfora é abundante na linguagem cotidiana e tem papel fundamental na cognição e na conceitualização de noções abstratas. Mesmo com o crescente número de estudos sobre metáfora em diversos âmbitos, pesquisas sobre metáfora na tradução na perspectiva da Linguística Cognitiva (LC) ainda dão seus primeiros passos (MANDELBLIT, 1995; SCHÄFFNER, 2004; ROJO e IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013a). Do ponto de vista dos estudos de tradução, a metáfora é um fenômeno ainda considerado desafiador. Com base nisso, este trabalho propõe avaliar a possibilidade de uso da TMC para a tradução de metáforas em textos do inglês para o português. Um estudo *quasi*-experimental foi conduzido em que os participantes realizaram duas tarefas de tradução, cada uma com três pequenos textos jornalísticos que continham linguagem figurada em três níveis (metáforas primárias, complexas e expressões idiomáticas metafóricas). As tarefas foram aplicadas antes e depois de um treinamento/capacitação sobre metáfora na perspectiva da LC. Os textos traduzidos pelos participantes dos grupos controle e experimental pré- e pós-intervenção foram comparados, e as contribuições da TMC tanto para a prática quanto para o produto tradutório são discutidas. Ainda, as percepções dos próprios participantes sobre a aplicação da teoria também foram consideradas através de questionários. Ao contrário do que esperávamos, os resultados sugerem que a intervenção não causou um aumento no uso de metáforas na tradução, e sim contribuiu somente para a interpretação das expressões pelos participantes. Existem indícios de que a intervenção tenha sido concisa demais em relação à tarefa complexa que é traduzir metáforas. Ainda, considerações sobre essa prática e sobre a pesquisa empírica neste âmbito são elaboradas. Entendemos que este estudo contribui para a área de tradução, possibilitando reflexões sobre essa atividade no que tange à linguagem figurada e ao desenvolvimento de estratégias para a prática, mas também complementa a TMC em relação aos estudos de tradução e multilinguísticos ao tentar avaliar sua utilidade para uma aplicação ainda pouco explorada.

**Palavras-chave:** metáfora primária; metáfora complexa; expressões idiomáticas; tradução; Teoria da Metáfora Conceitual.

## ABSTRACT

Conceptual Metaphor Theory (CMT, LAKOFF & JOHNSON, 1980) postulates that metaphor is abundant in daily language and plays a fundamental role on cognition and on the conceptualization of abstract notions. Even with a rising number of studies about metaphor in many contexts, research on metaphor translation within the Cognitive Linguistics (CL) enterprise is still in its first steps (MANDELBLIT, 1995; SCHÄFFNER, 2004; ROJO e IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013a). On the other hand, from the perspective of translation studies, metaphor is considered to be a challenging phenomenon. With this in mind, this study proposes to investigate the possibility to use CMT for metaphor translation from English to Brazilian Portuguese. A *quasi*-experimental study was conducted, in which participants performed two translation tasks, each with three small journalistic texts which had figurative language phenomena in three levels (primary metaphor, complex metaphor and metaphoric idioms). The tasks were carried out before and after a training/awareness raising on metaphor according to the perspective of CL. The texts that were translated by the participants from control and experimental groups pre- and post-intervention were compared, and contributions from CMT for translation practice are discussed. In addition, perceptions from the participants themselves about the application of the theory were considered through data from questionnaires. Contrary to what we expected, results suggest that the intervention did not increase in metaphors in translated texts, and rather contributed only for participants' interpretation of the expressions. There is indication that the intervention was too concise in relation to a complex task such as translation of metaphors. Moreover, considerations on this practice and empirical research on this field are elaborated. We understand that this study contributes towards the translation sphere, allowing for debate regarding figurative language and the development of strategies for this activity, and also informs CMT in respect to translation and multilingual studies while trying to assess its usefulness for this underexplored application.

**Keywords:** primary metaphor; complex metaphor; idioms; translation; Conceptual Metaphor Theory.

## LISTAS DE TABELAS

**Tabela 1** - Dados sobre metáfora primária antes e depois da intervenção conforme o grupo ....48

**Tabela 2** - Dados sobre metáfora complexa antes e depois da intervenção conforme o grupo ...48

**Tabela 3** - Dados sobre expr. idiomática antes e depois da intervenção conforme o grupo .....49

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 A RELEVÂNCIA DA METÁFORA PARA A TRADUÇÃO.....	12
1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES.....	15
<b>2 METÁFORA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....</b>	<b>17</b>
2.1 A TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL.....	17
<b>2.1.1 Expressões Idiomáticas Metafóricas .....</b>	<b>22</b>
2.2 COMPETÊNCIA METAFÓRICA EM SEGUNDA LÍNGUA.....	24
<b>2.2.1 Estudos de Intervenção.....</b>	<b>27</b>
<b>3 TRADUÇÃO E LINGUÍSTICA COGNITIVA .....</b>	<b>31</b>
3.1 TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS NA LC .....	33
<b>4 MÉTODO .....</b>	<b>39</b>
4.1 DELINEAMENTO .....	39
4.2 ESTUDO PILOTO.....	39
<b>4.2.1 Participantes .....</b>	<b>39</b>
<b>4.2.2 Materiais .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2.3 Procedimentos .....</b>	<b>42</b>
4.3 EXPERIMENTO .....	44
<b>4.3.1 Participantes.....</b>	<b>44</b>
<b>4.3.2 Materiais .....</b>	<b>45</b>
<b>4.3.3 Procedimentos .....</b>	<b>45</b>
<b>5 RESULTADOS .....</b>	<b>47</b>
5.1 ANÁLISE DAS TAREFAS .....	47
<b>5.1.1 Análise Quantitativa .....</b>	<b>47</b>
<b>5.1.2 Análise Qualitativa .....</b>	<b>50</b>
5.1.2.1 Metáforas primárias .....	50
5.1.2.2 Metáforas complexas .....	53
5.1.2.3 Expressões Idiomáticas.....	56
5.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS .....	59
5.3 DISCUSSÃO GERAL .....	63

<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>84</b>
APÊNDICE A.....	84
APÊNDICE B .....	87
APÊNDICE C .....	89
APÊNDICE D.....	91
APÊNDICE E .....	93
APÊNDICE F.....	96
APÊNDICE G.....	97
APÊNDICE H.....	98
APÊNDICE I .....	100

## 1 INTRODUÇÃO

A metáfora e a tradução têm muito em comum. Como aponta Schäffner (2016), etimologicamente, as duas palavras vêm da ideia de transferir algo de um lugar a outro, em grego (*metapherein*) e latim (*transferre*). Assim, ambos conceitos têm uma dimensão fonte, um processo, e um alvo<sup>1</sup>, e encontram na literalidade<sup>2</sup> uma questão significativa. Da mesma forma, os dois fenômenos são relevantes desde a antiguidade, com Aristóteles (2008 [séc. IV a.C.]) discutindo a metáfora em *Poética*, e a tradução sendo uma prática fundamental para o desenvolvimento de civilizações, apesar de ser somente estudada como disciplina a partir da segunda metade do século passado (SHUTTLEWORTH, 2014).

Já nas últimas décadas, o desenvolvimento em diversos campos das ciências possibilitou um enorme avanço nos métodos de pesquisa, beneficiando tanto os estudos sobre metáfora quanto a disciplina dos estudos de tradução. No caso da metáfora, foi há quase quarenta anos, com os estudos de Lakoff e Johnson (1980), que a visão de que a linguagem figurada era adereço da poesia ou recurso da retórica começou a ser contrariada mais sistematicamente; o que deu início à perspectiva da Linguística Cognitiva (LC). Por outro lado, para a tradução, a partir dos anos 2000, um movimento mais empírico e cognitivista também surgiu, em que a tradução não é mais entendida como uma simples transferência de palavras ou signos de uma língua a outra (cf. ALVES e HURTADO ALBIR, 2009; SCHWIETER e FERREIRA, 2017).

Entretanto, essas similaridades não significam que a metáfora e a tradução não tenham encontrado obstáculos em relação a uma união ao longo dos anos. Nos estudos tradicionais, houve sempre uma preocupação em relação a uma incompatibilidade entre os fenômenos ou sobre uma inequivalência inerente à tradução de metáforas (cf. DAGUT, 1976; VAN DEN BROECK, 1981; RABADÁN, 1991). Entre muitas outras vozes nos estudos de tradução, Newmark (1988, p. 104) afirmou que, dentre todas as escolhas que o tradutor precisa tomar, “o problema mais importante é a tradução de metáfora”<sup>3,4</sup>. Buscando contribuir para o contínuo desenvolvimento dos estudos de ambos os fenômenos, portanto, o presente

---

<sup>1</sup> Justamente por isso, aqui usaremos os termos “texto de partida” (e não “texto fonte”) e “de chegada” para falar de tradução, não confundindo com o domínio fonte da metáfora, que será abordado na segunda seção deste trabalho. Uma terceira opção seria “texto original”, que também seria discutível por questões teóricas.

<sup>2</sup> É importante notar, entretanto, que “literalidade” tem sentidos diferentes no campo da tradução e no campo das metáforas. No primeiro caso, esse termo estaria mais relacionado com equivalência do tipo “palavra por palavra”, enquanto que, no segundo, ele se refere a “sentido básico” ou, ainda, “ao pé da letra”.

<sup>3</sup> [the most important particular problem is the translation of metaphor]

<sup>4</sup> Neste trabalho, todas as traduções são minhas, exceto quando indicado.

trabalho pretende se unir aos estudos recentes que aproximam pesquisas empíricas em tradução com a perspectiva da LC sobre linguagem figurada e, oportunamente, investigar soluções para o ‘problema’ da tradução de metáfora.

Embora tenhamos tido avanços nestas áreas, ainda poucos estudos botam a teoria em prática através de experimentos com tradutores utilizando a perspectiva da LC (cf. SJØRUP, 2013; SCHMALTZ, 2015). Este trabalho propõe, portanto, um estudo de intervenção para avaliar em especial o uso da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC, detalhada nas próximas seções) na tradução de diferentes tipos de linguagem figurada da língua inglesa para o português brasileiro. Ao mesmo tempo, consideraremos as próprias impressões dos tradutores sobre a utilização da teoria na prática tradutória. Partindo do pressuposto de que a LC fornece contribuições ao conhecimento e à pesquisa em linguagem figurada, e de que tropos apresentam grande desafio para os tradutores, procuramos testar empiricamente a hipótese de que ela pode ser considerada uma alternativa útil para a tradução de metáforas.

No âmbito da perspectiva da LC, as metáforas são tomadas como ferramentas cognitivas e conceituais<sup>5</sup>, que nos ajudam a organizar o mundo em nossa volta. Como veremos nas próximas seções, algumas metáforas são mais corpóreas, relacionadas a nossos sentidos, e outras são mais ligadas a aspectos culturais. Na literatura, mesmo fora da LC, as metáforas que mais dependem da cultura são reconhecidamente as mais difíceis de transpor de uma língua para outra (NEWMARK, 1988; MANDELBLIT, 1995; KÖVECSES, 2005; 2014). Uma vez que os aspectos mais relevantes do funcionamento do corpo humano são potencialmente comuns a todos os povos, as metáforas que advém dessa relação corpórea para com o mundo naturalmente não são as que figuram no centro dos problemas de um tradutor. Além da questão cultural, a construção linguística (em termos de forma sintática ou lexical) também sabidamente adicionam dificuldade à tradução de linguagem figurada (TIRKKONEN-CONDIT, 2002; AL-HASSNAWI, 2007; PONTEROTTO, 2010).

Para incluir essas questões na investigação proposta aqui, tratamos da metáfora em três formatos: i) metáforas primárias, mais motivadas pelos sentidos, ii) metáforas complexas, mais culturalmente específicas, e iii) expressões idiomáticas metafóricas, outro tipo de linguagem figurada, mas que apresentam metáforas subjacentes e construções linguísticas

---

<sup>5</sup> Entendemos que alguns pesquisadores fazem distinção entre os termos ‘conceitual’ e ‘conceptual’ em português, relacionando o primeiro ao sentido de “conceito” e o segundo ao de “concepção”. Neste trabalho, porém, não faremos tal distinção, tratando os dois como sinônimos.

mais fixas. Desta forma, procuramos poder avaliar os efeitos da intervenção e/ou da teoria para diferentes níveis de figuratividade.

Como linguistas cognitivos, podemos hipotetizar que talvez o motivo pelo qual a metáfora assombrava os estudiosos da tradução e aparecia como um problema em estudos tradicionais (DAGUT, 1976; VAN DEN BROECK, 1981; RABADÁN, 1991) se deva à própria definição tradicional de metáfora. Uma vez que a LC parte de noções que extrapolam uma semântica mais formalista, geralmente limitada a uma abordagem dicionarística (e não enciclopédica) da linguagem, o estudo da tradução de metáforas pode ser beneficiado com estas noções mais holísticas sobre o fenômeno. Ao entender, por exemplo, as motivações ou os efeitos cognitivo-pragmáticos das figuras de linguagem, o tradutor pode abrir um leque de possibilidades que vão além da tradução literal palavra por palavra ou da transformação de uma expressão figurada em expressão literal no texto de chegada.

Assim, através de uma intervenção sobre metáforas na perspectiva da LC a tradutores principiantes, buscamos investigar se o processo e o produto da tradução poderiam ser beneficiados e, ainda mais importante, se os próprios tradutores sentiriam que a teoria pode trazer contribuições à prática tradutória no que tange a metáforas primárias, complexas e expressões idiomáticas metafóricas. Observamos também que desconhecemos estudos deste porte, que investiguem as contribuições da TMC através de um estudo de intervenção e tarefas de tradução com três níveis de linguagem figurada como as propostas aqui. Entretanto, antes de tratarmos do aporte teórico que permitiu a concepção do estudo, discutiremos a importância em pesquisar a metáfora na tradução, que motivou sua realização.

## 1.1 A RELEVÂNCIA DA METÁFORA PARA A TRADUÇÃO

A discussão sobre a importância da tradução de metáforas passa pela noção de importância da metáfora para a compreensão da linguagem em geral. De acordo com a LC, a metáfora é pervasiva e extremamente relevante para a linguagem em nossas trocas interacionais diárias. Como outros tipos de linguagem figurada, ela expressa sentidos que vão além da simples compreensão do significado geral da expressão. Metáforas envolvem também a postura e emoções do falante, informações contextuais, revelações e influências sociais entre esses aspectos (COLSTON, 2015). Ou seja, ela acarreta efeitos pragmáticos

diferentes das suas paráfrases literais. De forma contrária, não haveria razão de usarmos a linguagem figurada tão extensivamente no cotidiano e em todo tipo de interação.

Em *More than a Cool Reason*, Lakoff e Turner (1989, p. 64-65) discutem exatamente as bases para a pervasividade e importância da metáfora. Segundo eles, a metáfora i) estrutura conceitos, ii) mantém uma gama de opções em termos de especificidades que preenchem essa estrutura, iii) nos permite raciocinar e fundamentar decisões através dela, e também iv) fornece um modo de avaliar ou firmar opiniões em relação a determinados conceitos. Por exemplo, conforme discutiremos mais adiante, o conceito de VIDA é, por partes, estruturado metaforicamente através do conceito de uma viagem, que nos permite pensar em termos de chegadas e partidas no ciclo vital, mas também em formas de locomoção, que podem envolver carros (“Não podemos **dar marcha ré** e **voltar atrás** nesta decisão”), embarcações (“Estamos **indo de vento em popa**”), aviões (“Esse é só um **momento de turbulência** nas nossas vidas”), entre outros. É possível que usemos essa estrutura para fazer inferências ou tomar decisões, como alterar a rota (mudar de atitude) para atingir um objetivo. Da mesma forma, através das metáforas que escolhemos usar, deixamos claro se estamos encarando a vida de maneira positiva, como uma viagem (“Estamos **passando** por mudanças”), ou negativa, como uma guerra (“Estamos **lutando contra** mais esse desafio”). Além destes, de acordo com Lakoff e Turner (1989), a metáfora também tem o poder muito importante de estar ali, disponível e facilmente utilizável. Isto a torna extensamente presente e dificilmente questionável no dia a dia. Assim, as capacidades e funções da metáfora estão diretamente associadas à sua importância, e estes fatores são retroalimentados.

Estudos empíricos também demonstram, de modo bastante prático, o poder da metáfora e sua importância para a comunicação. Rojo, Ramos e Valenzuela (2014), por exemplo, comparam o impacto emocional de indivíduos ao lerem expressões metafóricas e suas paráfrases literais através da medição da frequência cardíaca dos participantes. Dez sujeitos leram pequenas vinhetas em sua língua materna (espanhol) que terminavam com um enunciado metafórico ou literal. Ao todo, eram sete vinhetas para cada uma de quatro emoções testadas (felicidade, tristeza, raiva e medo). Os pesquisadores encontraram que, para todas as emoções, os batimentos cardíacos dos sujeitos eram mais extremos quando os trechos lidos terminavam com metáforas. Ou seja, para as emoções de felicidade, raiva e medo, os batimentos aumentaram mais nos casos metafóricos do que nos literais, enquanto para a condição de tristeza, a quantidade de batimentos diminuiu mais extremamente quando havia metáfora, evidenciando maior força na emoção em todos os casos. Sendo assim, os

autores sugerem que a perda de um conceito ou imagem metafórica provavelmente resultaria em um impacto emocional menor para os leitores da língua de chegada.

Citron e Goldberg (2014) chegaram a conclusões parecidas. Em um estudo psicolinguístico bastante controlado, elas mediram o impacto emocional de expressões metafóricas relacionadas ao paladar (“She looked at him **sweetly**” [Ela olhou para ele de um jeito doce]) em comparação a suas paráfrases literais (“She looked at him kindly” [Ela olhou para ele de um jeito meigo]). Elas descobriram através de exames de imagem neurológicos por ressonância magnética que, mesmo com expressões bastante comuns, as áreas gustativas (que processam a percepção de gosto) do cérebro eram ativadas ao interpretar metáforas desse tipo, indicando que essas expressões são baseadas em representações perceptuais e sensório-motoras (p. 2592), conforme a teoria prevê. Mais importante, outras ativações em certas áreas do cérebro implicadas na manifestação de reações emocionais sugerem que as expressões metafóricas levam os participantes a se engajarem mais emocionalmente do que as expressões literais. Esse resultado também foi obtido através de estudos que incluíam metáforas relacionadas a textura (LACEY, STILLA e SATHIAN, 2012) e metáforas bastante convencionais em passagens mais longas de texto (CITRON et al., 2016).

Citron et al. (2019) também atingiram resultados bastante similares ao pesquisarem expressões idiomáticas (EI). Nesse estudo, 90 EI do alemão foram utilizadas, além de 129 frases literais. As EI foram selecionadas de um banco de dados e controladas em termos de concretude, complexidade sintática, transparência semântica, figuratividade, valência, tamanho, entre outros aspectos. Todas eram bastante convencionais e familiares. Os autores concluíram que houve maior ativação em áreas do cérebro ligadas ao controle de funções executivas e de engajamento emocional em resposta às EI do que às expressões literais usadas para comparação. Eles ainda indicam que quanto mais figurada a expressão, maior o engajamento emocional e cognitivo em sua interpretação e mais ela tende a ser percebida como uma expressão carregada emocionalmente.

Portanto, estudos como esses (p. ex. BOULENGER, HAUK e PULVERMUELLER, 2009; BOHRN, ALTMANN e JACOBS, 2012) informam tanto sobre a importância da linguagem figurada na linguagem e na cognição quanto na tradução, já que sugerem que a troca de um tropo por uma expressão literal durante um processo tradutório provavelmente resultará na perda de impacto emocional ao leitor. Assim, se é verdade que usar linguagem figurada não é a mesma coisa do que expressar o “mesmo sentido” literalmente, traduzir

essas expressões por expressões literais não permitiria ao leitor ter esses mesmos efeitos pragmáticos e cognitivos aos quais o leitor do texto original pôde ter acesso. Entendemos que seja pertinente, portanto, propor um estudo que verifique diretamente as contribuições de uma teoria para a tradução de textos metafóricos e idiomáticos do inglês para o português.

## 1.2 OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo geral desta pesquisa é avaliar se conhecer as noções da TMC gera contribuições positivas para a prática tradutória. Mais especificamente, buscamos investigar se tradutores iniciantes utilizam mais metáforas em suas traduções após serem expostos a uma capacitação sobre a TMC, e se essa utilização tem relação com os tipos diferentes de linguagem figurada abordados aqui (metáfora primária, metáfora complexa e expressões idiomáticas). Ainda, buscamos saber se existem evidências de que a atividade de tradução em si pode ser facilitada pela utilização da teoria ou de uma maior satisfação do tradutor para com sua tradução após o uso da TMC. Desta forma, objetivamos realizar um estudo que também leve em consideração o ponto de vista dos próprios tradutores sobre o processo tradutório e que possa servir como base para o desenvolvimento de possíveis estratégias para a tradução de linguagem figurada.

Assim, nossas perguntas de pesquisa são:

1. Tradutores principiantes utilizam mais metáforas nas suas traduções após serem submetidos a um treinamento/capacitação sobre a TMC?
  - a. Se sim, essa maior utilização de metáforas está condicionada a um tipo específico de metáfora?
2. Existem indícios de uma maior satisfação dos participantes em relação ao processo e ao resultado da tradução após o treinamento/capacitação?

A hipótese geral, com base na literatura, é de que os participantes do estudo do grupo experimental (submetidos ao treinamento) usarão mais metáforas após a intervenção. Hipotetizamos, ainda, que a intervenção causará poucas diferenças na tradução de metáforas primárias e mais para metáforas complexas e expressões idiomáticas. Isso porque, dadas as diferenças culturais no caso das metáforas complexas, a teoria poderia contribuir principalmente dando conhecimento e, conseqüentemente, liberdade ao tradutor para escolher se prefere manter o mesmo mapeamento do texto de partida ou trocar por uma metáfora

presumivelmente mais bem aceita pelo público alvo. Além disso, os conhecimentos sobre a TMC deverão ser proveitosos tanto em relação ao processo quanto ao produto final, demonstrando que a atenção aos pressupostos da LC pode resultar em um processo de tradução facilitado e em uma tradução mais satisfatória para os tradutores.

Com vistas a cumprir essas investigações, este trabalho está estruturado da seguinte maneira: após esta introdução, temos a primeira parte da revisão de literatura, em que abordamos a TMC e os tipos de linguagem figurada que estão aqui incluídos. Depois, temos a segunda seção teórica, com um apanhado geral sobre tradução na perspectiva da LC e sobre o que já foi pesquisado no âmbito da tradução de linguagem figurada nessa abordagem. Logo após, apresentamos o método da pesquisa realizada, descrevendo os participantes, materiais e procedimentos no estudo piloto e no experimento. Então, os resultados são apresentados quantitativa e qualitativamente, seguidos por uma discussão geral dos dados, e, por fim, das considerações finais.

## 2 METÁFORA NA LINGUÍSTICA COGNITIVA

Lakoff e Johnson (1980) foram os responsáveis por introduzir a noção de metáfora conceitual e os pressupostos que um pouco mais tarde serviriam de base para a perspectiva da Linguística Cognitiva (LC). Esta, por sua vez, mudou não somente o modo como olhamos para a metáfora, mas para toda a linguagem figurada. Nesta seção, discutiremos os pressupostos teóricos da LC em relação à metáfora e às expressões idiomáticas, passando também pela competência metafórica e seus desdobramentos para a aprendizagem e uso.

### 2.1 A TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Nesta teoria precursora da LC (LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1990), a metáfora é definida como o mapeamento sistemático entre dois domínios conceituais diferentes. Os domínios conceituais denotam quaisquer âmbitos da experiência humana (KÖVECSES, 2010). Assim, segundo a teoria, ao utilizarmos uma metáfora, não estamos apenas falando de algo em termos de outra coisa, mas sim mapeando características de um âmbito de experiência (domínio) a outro. Como ilustração, no exemplo mencionado na seção anterior (“Estamos **passando** por problemas”, entre outras, ver p. 13), temos características do domínio VIAGEM sendo mapeadas ao domínio da VIDA. Através desse processo, entendemos e/ou estruturamos um domínio através de outro. As metáforas conceituais, portanto, são mapeamentos que nos permitem compreender o sentido de expressões metafóricas utilizadas no cotidiano, mesmo quando não percebemos sua presença.

Assim, para a Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora tem pelo menos duas facetas: a conceitual e a linguística. Por exemplo, a metáfora linguística na frase “Não estamos **indo a lugar algum** com este relacionamento” estrutura o conceito (ou domínio conceitual) do AMOR em termos de uma viagem, ao mesmo tempo que expressa e atualiza a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM<sup>6</sup>. Geralmente, as metáforas conceituais apresentam o domínio mais abstrato como alvo (o que queremos dizer) e o domínio mais físico, concreto ou estruturado como fonte (o que usamos quando queremos dizer outra coisa). Já que usamos a metáfora principalmente para facilitar o entendimento de algum tópico, faz sentido que usemos um objeto concreto – algo que podemos ver, tocar e entender melhor – como ponte para a compreensão de um conceito mais abstrato. Sem as metáforas

---

<sup>6</sup> Seguindo a indicação de Lakoff e Johnson (1980), as metáforas conceituais serão aqui designadas através do formato ‘DOMÍNIO ALVO’ É ‘DOMÍNIO FONTE’, com letras maiúsculas em fonte menor.

linguísticas e conceituais, essas noções abstratas seriam muito mais difíceis de conceber na linguagem cotidiana. Isso faz com que a metáfora esteja presente de diversas formas nas nossas interações cotidianas, especializadas, artísticas e científicas.

Devido a essa distinção entre metáforas linguísticas e conceituais, é possível agrupar metáforas linguísticas diferentes em mapeamentos conceituais mais abrangentes. A TMC propõe nomenclaturas para as metáforas conceituais. Por exemplo, metáforas de futebol podem ser esquematizadas através da metáfora conceitual A VIDA É UM JOGO DE FUTEBOL, que incluiria, por sua vez, todas as expressões linguísticas que utilizassem termos deste esporte para falar de coisas da vida cotidiana (“Cheguei aos **45 minutos do segundo tempo**”, “Ela deu uma **bola fora**”, “Ele me **jogou pra escanteio**”, “Meu **chute** naquela questão da prova foi na **trave**”, e muitas outras). Da mesma forma, todas as expressões que podemos usar para falar do amor através de termos do domínio VIAGEM expressam a metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM. O fato de que as metáforas podem ser esquematizadas e classificadas em uma nomenclatura guarda-chuva vem da noção de que muitas metáforas linguísticas não são isoladas, mas sim fazem parte de um sistema, e essa é uma das grandes contribuições da LC para o estudo da linguagem figurada.

Na TMC, um mesmo domínio alvo ainda pode ter vários domínios fonte para complementar seu entendimento em determinadas culturas. Por exemplo, o AMOR pode ser entendido ora em termos de VIAGEM, ora em termos de UNIÃO DE PARTES (“Ela é minha outra **metade**”), ora em termos de FORÇAS DA NATUREZA (“Um **tsunami** de emoções o invadiu”), entre outros. Isso acontece porque, para cada aspecto do conceito AMOR que queremos destacar, uma metáfora diferente pode se fazer necessária. Dessa forma, a imprevisibilidade de um amor pode ser melhor conceitualizada por AMOR É FORÇA DA NATUREZA, enquanto o fato de as pessoas envolvidas estarem muito ligadas afetivamente pode ser entendido através de AMOR É UNIÃO DE PARTES, e assim por diante (GIBBS, 2017).

Segundo a literatura, as metáforas emergem das nossas interações corpóreas com o mundo em que vivemos. Assim, na TMC, o conceito de corporeidade (ou *embodiment*) é bastante importante (GIBBS, 2005). Diferentemente de abordagens teóricas que fazem distinção entre mente e corpo, a LC postula que a cognição humana não deve ser investigada separadamente, mas sim considerando a experiência corpórea como uma das motivações centrais para o desenvolvimento da linguagem. A nossa biologia (o tipo de corpo que temos,

em comparação a outros animais, por exemplo), ao interagir com o ambiente físico em que vivemos, determina vários aspectos da nossa experiência (EVANS e GREEN, 2006). Por exemplo, experienciamos dificuldade sempre que tentamos levantar ou segurar algo pesado. Passamos por tal situação tão frequentemente ao longo das nossas vidas que os conceitos de dificuldade e peso se tornam associados e influenciam o modo como pensamos (que algo pesado é algo difícil, como na metáfora conceitual DIFICULDADE É PESO) e falamos (como nas metáforas linguísticas nas frases “O clima está **pesado**”, “A professora **pesou** nas questões da prova”, etc.).

As metáforas fundamentais que advém dessas experiências corpóreas são chamadas de primárias (GRADY, 1997). Já que são motivadas pelo modo como interagimos com nossos corpos no mundo e os corpos dos seres humanos são geralmente bastante parecidos (todos experienciam dificuldade ao carregar coisas pesadas, por exemplo, mesmo que subjetivamente), essas metáforas têm potencial para a universalidade. Isto é, estão presentes potencialmente na maioria das línguas naturais. Perceba, portanto, que a relação entre domínios presente numa metáfora, de acordo com essa perspectiva, não é de pura similaridade, e sim de associação conceitual por coocorrência na experiência corpórea. Ainda nesse âmbito, entram também as metáforas que derivam da nossa percepção de mundo. Por exemplo, temos a metáfora SABER É VER, que tem base na relação entre a visão humana e o fato de aprendermos coisas através desse sentido. Ela gera metáforas linguísticas do tipo “A teoria não está **clara** pra mim” e “Não estou **vendo** onde você quer chegar”.

Do outro lado do *continuum*, estão as metáforas complexas. Esse tipo de metáfora é menos motivado por questões puramente corpóreas e leva muito em conta os aspectos culturais que uma dada comunidade constrói. Considerando que interagimos com o mundo através de contextos físicos, sociais e culturais diversos, estas metáforas resultam de combinações entre metáforas primárias e apresentam influências culturais de uma dada comunidade. Já que são as metáforas mais culturalmente específicas, conforme o esperado, estas são as que mais oferecem desafios à tradução ou a qualquer trabalho interlinguístico (STEEN, 2014). Por exemplo, temos as metáforas de futebol no Brasil que não funcionariam bem em países em que esse esporte não é tão conhecido. Inversamente, nós brasileiros temos certa dificuldade em entender metáforas de beisebol que são muito usadas nos Estados Unidos. Temos, assim, as metáforas conceituais A VIDA É UM JOGO DE FUTEBOL no Brasil e A VIDA É UM JOGO DE BEISEBOL nos Estados Unidos, e ambas são derivações mais culturais da metáfora mais abrangente, mais universal e superordenada A VIDA É UM JOGO.

É importante observar que os aspectos universal ou cultural das metáforas não representam categorias fixas. Assim, as metáforas podem apresentar maior fator cultural ou universal conforme cada caso específico.

Como dissemos, a metáfora é fundamentalmente baseada e motivada pela experiência física, mas é também moldada por modelos culturais (YU, 1998; KÖVECSES, 2005). Modelos culturais são “quaisquer organizações coerentes de experiência humana compartilhadas por pessoas”<sup>7</sup> (KÖVECSES, 2005, p. 193). Se, por um lado, a metáfora é conceitual por natureza, reside no nível do pensamento e influencia o modo como pensamos, por outro, a cultura também tem um papel de grande influência sobre a cognição e no padrão de comportamento dos indivíduos de uma sociedade. Da mesma forma, a cultura influencia o modo como vemos e interagimos com o mundo. Segundo Yu (1998, p. 82), “a cultura tem o papel de moldar a metáfora e, por sua vez, a metáfora tem o papel de constituir a cultura”<sup>8</sup>. Ou seja, existe uma relação bastante complexa de retroalimentação entre esses elementos e é aí que reside a metáfora complexa.

Uma consequência dessa relação entre metáfora e cultura é a variação metafórica, que permeia as comparações entre línguas. Kövecses (2005; 2010) distingue dois tipos de variação cultural: a intercultural (*cross-cultural variation*) e a intracultural (*within-culture variation*). Em relação à variação intercultural, mais importante para os objetivos deste estudo, Kövecses (2010, p. 215) oferece três maneiras com que ela pode ocorrer.

A primeira está associada à quantidade ou extensão de metáforas conceituais possíveis para um só alvo. Por exemplo, para falar e entender o conceito de raiva, uma comunidade pode lançar mão de mais ou menos domínios conceituais que façam sentido nessa dada comunidade quando comparada a outras culturas. Como exemplo, Kövecses (2010) traz uma das metáforas analisadas por Yu (1998) que não existe em inglês nem em português: FELICIDADE SÃO FLORES NO CORAÇÃO. Eles defendem que essa metáfora denuncia a personalidade mais introvertida dos chineses. Enquanto isso, o inglês tem metáforas do tipo FELICIDADE É ESTAR FLUTUANDO, que não é identificada em chinês<sup>9</sup>, embora utilizem A FELICIDADE É PARA CIMA. Dessa forma, vemos que, mesmo tendo metáforasdiv parecidas, algumas línguas/culturas podem apresentar extensões metafóricas diferentes para conceitualizar um mesmo domínio alvo.

---

<sup>7</sup> [Cultural models are best conceived as any coherent organizations of human experience shared by people.]

<sup>8</sup> [culture plays a role in shaping metaphor and, in return, metaphor plays a role in constituting culture.]

<sup>9</sup> Agradecemos ao Leonardo, *in memoriam*, por ter esclarecido questões sobre os termos aqui usados.

A segunda maneira com que a variação metafórica pode ocorrer diz respeito às atualizações linguísticas de metáforas conceituais. Duas culturas podem apresentar a mesma metáfora conceitual, mas criarem elaborações ou estruturas linguísticas diferentes ao expressá-la. Por exemplo, a língua zulu, assim como em português e inglês, apresenta a metáfora RAIVA É FOGO. Entretanto, dessas línguas, somente em zulu se pode “extinguir” a raiva de alguém jogando água nessa pessoa (KÖVECSES, 2010, p. 217). Em português, podemos dizer que uma pessoa “jogou um balde de água fria” em outra, porém, nesse caso, não estaríamos falando de eliminar raiva, e sim entusiasmo. Assim, as diferenças em atualizações linguísticas de uma mesma metáfora podem também ser caracterizadas como um tipo de variação metafórica.

Por último, a terceira possibilidade de variação intercultural está na ênfase que uma comunidade linguística pode dar a uma metáfora ou a uma metonímia para mapear um domínio. Algumas culturas têm preferências entre um fenômeno ou outro ao conceitualizar, entender e falar de certas noções. Segundo Kövecses, para entender o conceito da raiva, a língua inglesa usa mais metáforas enquanto o zulu usa mais metonímias, por exemplo. Este tipo de variação é menos relevante para o presente trabalho, já que não lidaremos com metonímias. Ainda assim, para um tradutor, é importante notar que as línguas conceitualizam domínios de experiência de diferentes formas. Estas podem inclusive abarcar metaftonímias, que são as combinações entre metáforas e metonímias (GOOSSENS, 1990).

A motivação para a variação metafórica intercultural pode surgir principalmente por duas razões: diferenças culturais em geral e diferenças no ambiente físico em que a cultura se localiza (KÖVECSES, 2005; 2010). A primeira pode motivar variações metafóricas do tipo futebol/beisebol para mapear situações da vida, como vimos anteriormente. A segunda, que leva em conta especificidades físicas, é também bastante presente e modela a maneira como vemos e interagimos com o mundo. Como exemplo, sociedades que têm contato com o meio ambiente frequentemente têm mais chances de utilizarem a natureza em suas metáforas do que uma comunidade cercada por prédios de concreto (DIRVEN, 1994). Com base nessas diferenças entre culturas, a variação metafórica emerge e pode se torna uma fonte de desafios para o tradutor, conforme veremos na terceira seção deste trabalho. Antes, veremos como a LC trata das expressões idiomáticas.

### 2.1.1 Expressões Idiomáticas Metafóricas

A expressão idiomática é o terceiro tipo de linguagem figurada abordada no estudo aqui descrito, junto de metáforas primárias e metáforas complexas. Elas são tradicionalmente descritas como expressões figuradas fixas, com duas ou mais palavras, cujo significado conotativo não pode ser deduzido somente através da soma dos sentidos de suas palavras componentes (KÖVECSES e SZABÓ, 1996). Entretanto, através da TMC, a LC fornece uma contribuição bastante relevante a esse tipo de figura de linguagem. Já que, segundo essa perspectiva, o pensamento é em si metafórico e a linguagem é um reflexo disso, algumas expressões idiomáticas são também vistas como atualizações linguísticas de metáforas conceituais (KÖVECSES e SZABÓ, 1996; NAYAK e GIBBS, 1990; GIBBS et al., 1997; LANGLOTZ, 2006). Nesses casos, as metáforas (primárias ou complexas) estariam subjacentes ao nível linguístico da expressão, formando o que chamamos aqui de expressões idiomáticas metafóricas.

Não podemos dizer que todas as EI são metafóricas porque algumas apresentam um alto nível de opacidade semântica. Isso significa que, em alguns casos, não é possível analisar os componentes de uma dada expressão e, no nosso caso, relacionar sua motivação a uma metáfora conceitual específica. Por exemplo, a EI “chutar o balde” não parece ser baseada em nenhuma metáfora conceitual recorrente. Como evidência, temos o fato de que a tradução literal dessa expressão para o inglês (“kick the bucket”) tem um sentido bastante diferente (‘morrer’, ao invés de ‘agir por impulso/desistir’). Há também casos em que é possível identificar a metáfora subjacente a uma EI, porém a produtividade do mapeamento é extremamente limitada, muitas vezes ficando restrita àquela única EI. É o caso, por exemplo, de “cair a ficha”, que tem base no ato de usar um telefone público em que se colocavam fichas que caíam quando a ligação era completada. Nesse e em outros casos, o fato de que a atividade em que a expressão foi baseada não é mais comum faz com que a EI se torne cada vez mais opaca e, dada a pouca produtividade do mapeamento, a estrutura semântica (isto é, o mapeamento subjacente) da expressão fica em segundo plano em comparação com sua força pragmática. Caso a EI fosse motivada por metáforas subjacentes mais produtivas, ela muito provavelmente seria mais transparente.

Note que opacidade e metaforicidade são conceitos distintos que podem ser considerados individualmente. A opacidade (ou seu contraponto, a transparência) diz respeito à composicionalidade semântica, ou seja, a quanto os elementos da expressão contribuem

para a compreensão do sentido da EI. Quanto maior a opacidade, mais difícil é somar os sentidos dos elementos da expressão para chegar no sentido alvo. Já a metaforicidade diz respeito aqui à presença ou não de metáforas conceituais subjacentes à EI. Apesar das diferenças entre esses dois conceitos, é verdade que, dada sua natureza cognitiva, uma metáfora conceitual geralmente facilita a compreensão de uma EI metafórica – a tornando, assim, menos opaca. A partir dos mapeamentos presentes, podemos interpretar o sentido da expressão. É o caso, por exemplo, de “estar nas nuvens”, em que o mapeamento BOM É PARA CIMA nos permite entender que estamos falando de uma situação boa. Entretanto, ainda existem casos em que a expressão é bastante transparente sem ser metafórica, como a expressão “arregaçar as mangas”, que é metonímica. A compreensão, e consequentemente tradução, dessas expressões demandam outros processos cognitivos e, portanto, incluímos neste estudo somente expressões idiomáticas motivadas por metáforas conceituais.

Assim como as metáforas, as EI são melhor descritas através de *continuums*/escalas. Dessa forma, como já dissemos, uma expressão pode ser mais ou menos opaca/transparente, mas também pode apresentar níveis diferentes em escalas de idiomaticidade e de rigidez. A idiomaticidade de uma expressão diz respeito à frequência com que uma determinada expressão é usada e deriva da convencionalização, enquanto a rigidez (às vezes chamada de rigidez sintática) tem a ver com comportamento léxico-gramatical da expressão e com as possíveis formas estruturais através das quais ela pode ser utilizada sem deixar de fazer sentido (LANGLOTZ, 2006). Por exemplo, em relação à idiomaticidade, compare as frases “A professora **pesou** nas questões da prova”, citada anteriormente, e “Tirei um **peso** das costas”. Ambas são motivadas pela metáfora DIFICULDADE É PESO, mas “tirar um peso das costas” é uma expressão muito mais familiar e difundida na língua do que “pesar nas questões da prova”<sup>10</sup>. Dessa forma, se imaginarmos uma escala de idiomaticidade, como proposto pela teoria, “tirar um peso das costas” é uma expressão que está mais ao extremo idiomático.

Podemos dizer que a convencionalidade da expressão é um fator envolvido na rigidez, já que quanto mais idiomática, mais fixa a expressão tende a ser. Essa rigidez pode aparecer tanto em termos de invariabilidade sintática quanto morfológica e lexical. Por exemplo, a EI “bater as botas” parece ser bastante fixa em relação aos seus componentes lexicais. Da mesma forma, não parece permitir trocas sintáticas, como apassivação. Por outro lado, apesar

---

<sup>10</sup> O número de ocorrências da expressão “tirar um peso das costas” no *Google*, por exemplo, é 4.680, enquanto “pesar nas questões” aparece somente duas vezes.

de por vezes bastante fixas, existe certa maleabilidade no uso das EI. Em contraste com o exemplo acima, a EI “tirar um peso das costas” parece ser bastante rígida quanto à estrutura “tirar X das costas”, mas ainda assim permite que o verbo seja conjugado nas diferentes pessoas do singular e do plural. Enquanto isso, o sintagma “um peso” pode ser substituído por diferentes coisas pesadas, seja por causa de um contexto ou a favor de uma ênfase maior: “tirei toneladas das costas”, “tirei um boi das costas”, “tirei um caminhão das costas”, etc.

Com base nisso, Langlotz (2006) estabelece que as EI são também criativas, e não expressões armazenadas como itens lexicais fixos na cognição dos falantes. Um problema persistente para os teóricos, porém, é que a variação de EI não é homogênea. Ou seja, as variantes não operam através de padrões uniformes, como podemos notar através dos exemplos acima. Dessa forma, a variação de EI é dificilmente predita ou explicada através de uma só regra. Ainda assim, para o uso bem-sucedido de variantes, Langlotz (2006) estabelece que, por motivos cognitivos, e em diferentes níveis, elas devem ser reconhecíveis, funcionais, compatíveis, não ambíguas e gramaticais.

Dessa forma, além de padrões de variação diversos, cada EI apresenta níveis diferentes em cada uma das dimensões – metafóricidade, opacidade, idiomatidade e rigidez. Essas dimensões podem ainda interagir entre si e influenciar a percepção dos falantes sobre cada expressão individualmente (CARROL, LITTLEMORE e DOWENS, 2018). Todas essas são dimensões com as quais os tradutores participantes do estudo terão de lidar, além dos desafios que a própria metáfora oferece. Mais detalhes sobre essa habilidade metafórica em segunda língua serão descritos na próxima seção.

## 2.2 COMPETÊNCIA METAFÓRICA EM SEGUNDA LÍNGUA

Defendemos nas seções anteriores que o que nos permite entender e produzir metáforas no dia a dia está em nossos sistemas conceituais, determinados sistematicamente e cognitivamente por nossas experiências corpóreas no mundo. Até onde se sabe, é assim que acontece com a língua materna (L1): a metáfora começa a ser adquirida bastante cedo no ciclo vital e essa habilidade se desenvolve gradualmente ao passo que a criança tem experiências para com o ambiente e desenvolve sua cognição (LITTLEMORE, 2010; SIQUEIRA e LAMPRECHT, 2007). Mas o que acontece no caso de uma segunda língua

(L2)? Considerando os propósitos deste estudo, é importante buscar entender com mais detalhe quais os fatores envolvidos na aquisição desse fenômeno por aprendizes de uma L2.

Para teorias que consideram a metáfora como um fenômeno puramente linguístico, pode-se pensar que, para aprender metáforas em uma segunda língua, todo o processo de aprendizagem deveria ser reiniciado, já que esses fenômenos são vistos como itens lexicais isolados. Desta forma, os aprendizes devem ser expostos a todos os itens metafóricos da língua alvo para aprender seus significados. No âmbito da LC, por outro lado, pesquisas têm tido resultados diferentes dos tradicionais – espera-se que pelo menos parte da habilidade metafórica de um falante na L1 seja transmitida ou estendida para sua L2.

Littlemore (2001a; 2001b; 2009; 2010) é o grande nome na LC no estudo da aquisição e aprendizagem de metáforas, principalmente em L2. Ela usa o termo *competência metafórica* para lidar com a habilidade metafórica em termos de percepção, velocidade de percepção, fluência e produção de metáforas (LITTLEMORE, 2001a). Ela justifica essa classificação dos elementos da competência metafórica da seguinte forma:

Dada a gama de funções desenvolvidas pela metáfora, é importante que os aprendizes de língua possam *entendê-la*. Eles precisam ser capazes de *entendê-la relativamente rápido*, visto que, do contrário, a conversa pode ser impedida e gerar frustração para ambos os lados. Também é importante que eles possam *interpretá-la* em diferentes níveis, já que uma das grandes vantagens de usar metáfora é que ela pode dizer várias coisas de uma só vez. De necessidade menos imediata, mas ainda relativamente importante, está a habilidade de *produzir metáfora* na língua alvo.<sup>11</sup> (LITTLEMORE, 2010, p. 292).

Em um estudo, através desta classificação, a autora investiga se existe relação entre a competência metafórica (em todas as dimensões citadas) em L1 e L2. Oitenta e dois participantes belgas falantes de francês como L1 e inglês como L2 fizeram um teste em ambas as línguas. Os resultados obtidos indicaram que quanto maior a habilidade do participante em metáforas na sua língua materna, melhor será essa habilidade na L2 (LITTLEMORE, 2010, p. 300). Ou seja, pessoas que gostam ou são habilidosas em compreender e produzir metáfora em L1 devem demonstrar a mesma tendência em L2 caso

---

<sup>11</sup> [Given the range of functions performed by metaphor, it is important that language learners can *understand it*. They need to be able to *understand it relatively rapidly* as an inability to do so may hold up the conversation and may thus be a source of frustration on both sides. It is also important that they can *interpret it* at different levels as one of the main advantages of using metaphor is that it can say several different things at once. Of less immediate necessity, but still relatively important is the ability to *produce metaphor* in the target language.]

seus conhecimentos linguísticos permitirem. Outros autores, com definições levemente diferentes de competência metafórica, mas que investigaram pelo menos uma das dimensões consideradas, também tiveram resultados parecidos neste sentido (JOHNSON, 1996; TÜRKER, 2016; CHARTERIS-BLACK, 2002;).

Entretanto, a competência metafórica parece não ser um atributo homogêneo. Os resultados de Littlemore (2010) também mostram que os participantes foram melhores em termos de fluência na L1, mas melhores em encontrar sentido na L2. No geral, os participantes tiveram alto rendimento em L2 em três das quatro dimensões. Assim, a competência metafórica deve ser vista como um construto multifacetado que compreende habilidades linguístico-cognitivas diferentes.

Em termos de produção escrita, Littlemore et al. (2014) analisaram duzentas redações de participantes gregos e alemães aprendizes de inglês e concluíram que, conforme o nível de proficiência aumenta, aumenta também a densidade do uso de metáforas. O resultado mais interessante, entretanto, sugere que o tipo de metáfora utilizada com predominância muda a partir do nível pré-avançado (B2 no Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas<sup>12</sup>) de metáforas de classe fechada (preposições, por exemplo, principalmente metáforas primárias) para metáforas de classe aberta (lexicais, mais criativas). Os autores observam que, por vezes, os aprendizes de L2 usam mais metáforas do que falantes nativos. Isso pode ser explicado por uma vontade de demonstrar fluência por parte dos aprendizes (Ibid., p. 127).

Apesar de a relação entre competência metafórica em L1 e L2 não ser verificada no estudo que propomos neste trabalho, partimos do pressuposto de que esta relação é positiva ao fazermos uma intervenção na língua nativa dos participantes. Além disso, de acordo com a literatura, a influência da L1 não é o único fator que explica a aquisição de competência metafórica na L2. Fatores como exposição à língua, motivações individuais e método de aprendizagem também têm papel crucial. Diversos autores (LOW, 1988; KÖVECSES e SZABÓ, 1996; LITTLEMORE e LOW, 2006; BOERS e LINDSTROMBERG, 2008; LI, 2009), por exemplo, defendem que a explicitação de metáforas conceituais ou da lógica por trás dos padrões de associações metafóricas podem ser úteis para que os aprendizes desenvolvam uma maior competência metafórica em L2. Com base nisso, hipotetizamos que essa mesma exposição teria efeito na competência metafórica de tradutores.

---

<sup>12</sup> Ou *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR).

Segundo Cameron e Deignan (2006), a aquisição de metáforas em L2 requer que o aprendiz considere três tipos de informação: i) a linguística, em relação aos tipos de construções ou padrões léxico-gramaticais que geralmente acompanham a metáfora em questão, ii) a conceitual, em relação ao mapeamento metafórico, e iii) a pragmática, em relação à valência da metáfora em questão ou em quais contextos ela aparece. Littlemore (2009) aponta que, para funções comunicativas, a segunda informação seria a menos importante, apesar de ser a que contempla a metáfora conceitual. Entretanto, se considerarmos a prática de tradução, em que o objetivo não recai exclusivamente sobre a função comunicativa do texto, podemos supor que o mapeamento conceitual ajude a preencher lacunas de sentido.

Presumimos, portanto, que o conhecimento sobre algumas metáforas deverá se estender a outros mapeamentos metafóricos quando os tradutores participantes do estudo enfrentarem essas expressões após a intervenção. Da mesma forma, entendemos que alguns conhecimentos sobre metáfora em L1 devam inevitavelmente ser disponibilizados para a interpretação de metáforas em L2. Já o papel da TMC para a aquisição de metáforas em L2, que é bastante documentado na literatura da LC, também deverá ser importante e será abordado mais profundamente a seguir.

### **2.2.1 Estudos de Intervenção**

Baseados na noção de pervasividade e relevância da metáfora para a linguagem cotidiana, alguns estudos de intervenção foram realizados no âmbito da LC. Na sua maioria, estes estudos têm como objetivo investigar se é possível melhorar a competência metafórica de um falante, geralmente com o objetivo de informar e aprimorar o ensino de L2. Poucos estudos realizados tiveram como objetivo investigar especificamente a tradução de metáforas. Entretanto, mesmo quando a tradução não é o foco, acreditamos que os resultados obtidos podem ajudar a informar um trabalho de intervenção como o apresentado aqui porque atestam que a explicitação sobre sistematização por trás das metáforas linguísticas pode ser útil para a aprendizagem de metáforas em L2.

Deignan, Gabryś e Solska (1997) não fizeram exatamente um estudo de intervenção, mas trabalharam com a ideia de que uma sensibilização (*awareness raising*) sobre metáforas conceituais ajudaria aprendizes de língua e propuseram atividades. Elas desenvolveram

exercícios sobre metáforas tanto na L1 (polonês) quanto na L2 (inglês) dos participantes que envolviam textos para suscitar discussão e para chamar atenção dos alunos à existência de metáforas em L2. Além disso, apresentaram exemplos e exercícios para que os aprendizes discutissem metáforas de campos semânticos diferentes, comparando os domínios utilizados entre as línguas, e ainda uma tarefa que atentava para restrições linguísticas das metáforas e suas conotações. As autoras defendem que os aprendizes podem aprender metáforas em inglês mais facilmente se forem encorajados a pensar sobre as metáforas na L1 e a compará-las com a L2 (Ibid., p. 358). Elas destacam essa conclusão especialmente quando as línguas privilegiam mapeamentos conceituais diferentes. De forma similar, nas situações em que as línguas apresentam expressões literais parecidas que geram sentidos metafóricos diferentes, é especialmente importante sensibilizar o aprendiz para essa condição.

Kövecses e Szabò (1996), por sua vez, realizaram o que chamaram de “experimento informal” (isto é, sem análise estatística). O intuito era investigar se o conhecimento de expressões idiomáticas poderia melhorar caso uma sensibilização sobre metáforas fosse realizada, focando na aquisição de competência metafórica. Eles utilizaram locuções verbais do inglês (*phrasal verbs*) com as partículas ‘up’ e ‘down’. Os participantes do estudo eram 30 húngaros aprendizes de inglês de nível intermediário divididos em duas turmas. Para uma turma, os pesquisadores explicavam o sentido de dez das 20 expressões e diziam para os alunos memorizarem-nos. Para a outra turma, os pesquisadores explicavam o sentido das expressões ensinando as metáforas subjacentes a elas. Essa intervenção durou 15 minutos para ambas as turmas. Após, os participantes tinham mais 20 minutos para fazerem uma tarefa em que deveriam completar 20 frases com as partículas ‘up’ e ‘down’ em sentenças (dez com expressões que tinham sido explicadas e mais dez frases com outras expressões).

Os resultados revelaram que nas frases com expressões que os participantes já haviam visto (de 1 a 10), a turma que as aprendeu com a explicitação das metáforas conceituais acertou 10% a mais do que a turma que apenas memorizou os sentidos. Já no caso das frases de 11 a 20, que não foram explicitadas em aula, a diferença foi maior: 52% para a turma A, que memorizou as outras dez expressões, e 77% para a turma B, que teve explicação metafórica. Segundo os autores, a diferença poderia ter sido ainda maior, mas houve um problema com uma das frases somente na turma B, diminuindo a possibilidade de acertos para esses participantes. É importante observar que as metáforas presentes em todas as expressões/frases são extensamente utilizadas em inglês e a maioria também se aplica ao polonês, mas que ambas as turmas receberam a mesma lista de 20 frases.

Embora não se possa dizer se houve diferença significativa entre os grupos porque os autores não analisaram os dados estatisticamente, eles defendem que os alunos da turma B, que recebeu orientação sobre as metáforas subjacentes, devem ter utilizado esse conhecimento não somente nas frases utilizadas como exemplo (de 1 a 10), mas também nas frases que eles ainda não conheciam (de 11 a 20). Por sua vez, a memorização obviamente seria um método bem menos passível de generalização e extensão para outras expressões. Kövecses e Szabò (1996) ainda relatam que apenas quatro das dez frases de 11 a 20 continham as mesmas metáforas explicitadas; seis apresentavam metáforas outras. Isso indica que, após aprenderem a lógica de algumas metáforas, os alunos continuaram a usar a estratégia de reflexão sobre os domínios metafóricos para entender o sentido das frases (p. 351). Esse resultado é extremamente importante para o estudo aqui proposto, já que partimos da hipótese de que o mesmo acontecerá com nossos participantes a partir dos exemplos utilizados na intervenção. Kartal e Uner (2017) realizaram um estudo parecido com alunos turcos aprendizes de inglês e obtiveram as mesmas conclusões.

Outro estudo que investigou efeitos da explicitação sobre o sistema conceitual para a aprendizagem de metáforas foi o de Boers (2000). Baseado no estudo de Kövecses e Szabò (1996), ele utilizou locuções verbais do inglês que atualizavam metáforas orientacionais, além de expressões sobre o corpo e emoções. Em três experimentos, os participantes, falantes de inglês como L2 em nível intermediário, que aprenderam expressões figuradas apresentadas organizadamente por metáfora conceitual tiveram melhor desempenho em preencher lacunas utilizando partículas de locuções verbais, locuções verbais inteiras e utilizando expressões figuradas livremente em texto do que aprendizes que não passaram por esse treinamento. Segundo o autor, pensar em metáforas como categorias pode beneficiar a organização lexical, que, por sua vez, as torna mais facilmente memorizáveis do que quando apresentadas através de listas aleatórias. Entretanto, o autor reitera que nem toda expressão figurada se presta a essa abordagem de ensino; algumas expressões idiomáticas, por exemplo, podem ser muito opacas para que a estratégia se aplique (Ibid., p.17). Neste caso, o autor emprega a reflexão sobre o conceito imagético do domínio fonte e hipóteses sobre a origem da expressão como método didático (BOERS, 2001).

Mais recentemente, um estudo mais parecido com o estudo de intervenção proposto neste trabalho foi conduzido. Hastürkoğlu (2018) selecionou dez expressões idiomáticas sobre cores com base em símiles (p. ex. *as white as a sheet*) e as classificou através do critério da possibilidade de mesmo mapeamento ou mapeamentos diferentes entre as línguas

inglesa e turca (cf. Mandelblit, 1995; seção 3.1 deste trabalho). Com 80 participantes de um curso de tradução, ela apresentou a TMC para o grupo experimental, enquanto o grupo controle passou apenas pelas tarefas de tradução. Esse treinamento aconteceu em um encontro de duas horas por semana, ao longo de um mês (quatro encontros), em que a pesquisadora não só apresentou a teoria, mas também um histórico sobre teorias de tradução e suas vantagens e falhas. Os resultados foram significativos, com mais metáforas utilizadas nas traduções especialmente nos casos em que as línguas apresentam domínios conceituais dissonantes. Entretanto, as tarefas antes e após a capacitação continham as mesmas expressões, o que certamente pode ter criado um efeito de treino.

Em uma revisão da literatura sobre abordagens de ensino de vocabulário vinculadas à LC, Boers (2013) faz um contra-argumento exatamente em relação ao método utilizado em estudos da área. Ele afirma que os estudos a favor dessa proposta são por vezes passíveis de algumas críticas, principalmente no que diz respeito a amostras pequenas, não aleatórias e à falta de rigor metodológico num geral. Mesmo assim, Boers defende que, levando em consideração o conjunto da obra, os resultados similares encontrados garantem a importância desta abordagem para a área de ensino de língua estrangeira. Ou seja, dado o grande número de estudos inseridos na temática com esses resultados, ela acredita que essa seja uma área frutífera para futuros estudos mais rigorosos metodologicamente.

Em resumo, o que os estudos citados têm em comum é que corroboram a noção de que explicitar as relações entre os domínios ou a sistematicidade da metáfora conceitual, mesmo com intervenções relativamente rápidas em alguns casos, pode ser útil para aprendizes de língua estrangeira. Isso serve não somente para a aprendizagem das metáforas específicas utilizadas como exemplos durante a sessão de intervenção, mas para a aquisição do fenômeno em geral. Assim, os resultados positivos da LC para o ensino de línguas não só permitem com que usemos essa abordagem teórico-metodológica para o presente estudo, como também servem de base para a hipótese de que este aporte teórico será positivo também para a tradução.

### 3 TRADUÇÃO E LINGUÍSTICA COGNITIVA

A tradução já foi investigada através de diversas abordagens ao longo do tempo, e foi partir da década de 1990 que alguns autores no âmbito dos estudos de tradução começaram a usar os postulados da Linguística Cognitiva (LC) para responder algumas das questões ainda abertas na literatura (cf. TABAKOWSKA, 1993; MANDELBLIT 1995; BARCELONA, 1997). No entanto, essas reflexões ficaram restritas a um número pequeno de pesquisadores e esse olhar da LC para a tradução somente começou a ser mais amplamente desenvolvido na última década<sup>13</sup>. Como resultados desses esforços recentes e antigos, conceitos importantes do âmbito, como “transferência” ou “equivalência”, começaram a ter embasamento em noções experientialistas, princípio básico da LC. Veremos nesta seção as contribuições mais relevantes dessa perspectiva para a tradução em geral e, logo após, especificamente para a tradução de metáfora.

A principal mudança teórica que a LC traz para a tradução é o conceito de experientialismo, “que abandona a noção tradicional de verdade referencial e destaca o papel central da experiência e do conhecimento humanos”<sup>14</sup> (ROJO e IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013b, p. 7). Segundo Vandaele (2018), esse parece ser o meio-termo entre as ideias objetivista, de que tudo tem uma equivalência em todas as línguas, e subjetivista, de que nada é comparável entre línguas/culturas diferentes. O experientialismo também acaba por influenciar diferentes aspectos da tradução, como por exemplo a própria noção de sentido. A LC não considera que o sentido de uma palavra ou expressão se dê *a priori*, mas que seja construído dinamicamente em um contexto, fundamentado na experiência corpórea. O sentido não é armazenado no cérebro nem nas palavras, mas sim resulta de um sistema dinâmico entre o cérebro, o corpo e o ambiente, refletindo categorias que criamos através da nossa interação com o mundo (LAKOFF, 1987).

Novamente, isso acontece porque o experientialismo, conforme empregado pela LC, exige a reorganização de noções consideradas controversas por perspectivas mais tradicionais. Rojo e Ibarretxe-Antuñano (2013b, p. 11) elucidam esta questão:

---

<sup>13</sup> É preciso notar aqui que vertentes cognitivistas da tradução foram bastante difundidas a partir dos anos 2000, especialmente com os trabalhos de Fábio Alves (UFMG) e Amparo Hurtado Albir (Universidade Autônoma de Barcelona), mas não se pode dizer que esses modelos pertençam à Linguística Cognitiva. Em grande parte, esses e outros autores apresentam uma visão mais geral do cognitivismo e da psicolinguística. O que essas abordagens têm em comum com a LC é a ênfase no uso de métodos experimentais/empíricos para investigar o processo tradutório. Para uma descrição mais detalhada, ver Alves e Hurtado Albir (2009; 2017).

<sup>14</sup> [which abandons the traditional notion of referential truth and highlights the central role of human experience and understanding.]

Em primeiro lugar, as dicotomias clássicas na linguística tradicional desaparecem e se tornam escalas. Por exemplo, a distinção entre semântica e pragmática, entre *langue* e *parole*, entre competência e desempenho, entre significado linguístico e enciclopédico. A linguagem é baseada na nossa experiência como seres humanos neste mundo numa cultura e numa sociedade, e, portanto, todo o conhecimento que temos sobre o sistema da nossa língua deve surgir da nossa experiência.<sup>15</sup>

Assim, segundo as autoras, se o sentido depende do contexto e se cada contexto de tradução é único (tem propósitos, momentos e públicos diferentes), a equivalência entre os textos de partida e chegada é também dependente desses fatores e, dessa forma, é mais individual (Ibid.). Halverson (2013) ainda defende que essa conexão entre os dois textos somente ocorre na mente do tradutor. Claramente, essa interação não é pura, e sim extremamente complexa, já que as representações de um tradutor bilíngue ou multilíngue não correspondem a uma equivalência binária entre as línguas. Portanto, a equivalência não é centrada no texto de partida nem em itens linguísticos, mas sim em representações transpostas de uma língua a outra em cada contexto tradutório específico.

Bem como já estudado e considerado por diversas abordagens em relação à tradução, o papel da cultura é também importante para a LC. Em especial porque a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) aponta para metáforas diretamente relacionadas a esta questão: as metáforas complexas. Desta forma, traduzir principalmente estas metáforas envolve questões culturais, de forma que “o conhecimento linguístico dos tradutores não é suficiente para realizar traduções aceitáveis, e sim eles precisam estar conscientes de diferenças cognitivas e culturais que subjazem a criação dos textos fonte e alvo”<sup>16</sup> (HASTÜRKOĞLU, 2018, p. 470).

Por fim, o conceito de tradução empregado pela LC segue na linha de outras abordagens de tradução respeitadas que já vêm lançando um olhar menos mecanicista sobre a prática tradutória há bastante tempo, como o funcionalismo (NORD, 1997). Como produto, a tradução seria entendida aqui como uma manipulação ou retextualização guiada por um mediador que deve saber o que é apropriado na língua de chegada. Já a tradução como processo seria de ordem cognitiva e comunicativa de mediação entre dois sistemas

---

<sup>15</sup> [First of all, classical dichotomies in traditional linguistics disappear and become clines. For example, the distinction between semantics and pragmatics, between *langue* and *parole*, between competence and performance, between linguistic meaning and encyclopaedic meaning. Language is based on our experience as human beings in this world, in a culture and in a society, and therefore, all the knowledge that we have about the system of our language must arise from our experience.]

<sup>16</sup> [Thus, the linguistic knowledge of translators is not enough to do acceptable translations, but they need to be aware of the cognitive and cultural differences underlying the creation of source and target texts.]

conceituais distintos, e não uma transferência mecânica entre dois sistemas linguísticos (ROJO e IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013b; MANDELBLIT, 1995). Faria sentido, por consequência, falar em um processo criativo realizado a partir dos estímulos e indicações do texto fonte, limitado por diversas restrições – comerciais, cognitivas, culturais, etc. (HALVERSON, 2013).

Além disso, diferentes teorias e noções da LC também foram propostas para a tradução, como é o caso da semântica de *frames* (ROJO, 2002) e dos modelos cognitivos (HALVERSON, 2002), por exemplo, apesar de fugirem do escopo deste trabalho. Embora esta ainda não seja uma área extensivamente investigada na LC, a tradução parece estar em pleno desenvolvimento através dessa perspectiva. Pode-se perceber pela maior quantidade de publicações substanciais na última década que unem tradução e cognição de diferentes formas, tanto em forma de livros com a participação de vários pesquisadores (ROJO e IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013a; MILLER e MONTI, 2014) quanto teses de doutorado (p. ex. SJØRUP, 2013; SCHMALTZ, 2015) e revistas, como a semestral *Translation, Cognition & Behavior*, lançada em 2018.

É importante salientar que, ao mesmo tempo que a LC toma emprestadas algumas noções de tradução de outras abordagens não-tradicionais, o que a diferencia destas é dar embasamento a essa visão menos rígida de tradução através de postulados experientialistas. O objetivo dos estudos da tradução no âmbito da LC, conforme Halverson (2013), não é reduzir os estudos de tradução a estudos sobre experientialismo e cognição, mas sim acrescentar o experientialismo e a cognição aos estudos de tradução de forma mais abrangente, já que os aspectos comunicativos e pragmáticos da tradução seriam acomodados neste modelo. Dessa forma, alguns conceitos seriam informados e reestruturados pela LC, como a própria tradução de linguagem figurada. Na próxima subseção, veremos como a metáfora (o protótipo de linguagem figurada, que não por acaso foi o mais estudado entre os fenômenos) tem sido tratada neste campo.

### 3.1 TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS NA LC

Apesar de terem sido consideradas intraduzíveis por muitos teóricos e por muito tempo<sup>17</sup>, as metáforas têm sido cada vez menos tratadas no âmbito dos estudos de tradução como apenas substituições ou comparações de importância estética e retórica. Isso acontece

---

<sup>17</sup> Para uma revisão, ver Samaniego (2011) e/ou Tebbit (2013).

em grande parte pela popularidade cada vez maior da LC, que desafia noções tradicionais sobre ambos os fenômenos, nas últimas décadas. Sendo a metáfora central para a perspectiva tratada aqui, ela certamente teve espaço nos trabalhos iniciais que aproximaram a LC e a tradução, passando por investigações iniciais até hipóteses mais robustas sobre o possível funcionamento da TMC para essa atividade.

De forma bastante concreta, alguns estudos empíricos indicam como a TMC poderia contribuir para a tradução e o que aconteceria se essa prática fosse implementada. Mandelblit (1995), uma das pioneiras nos estudos de tradução na perspectiva da LC, postulou a Hipótese da Tradução Cognitiva (*Cognitive Translation Hypothesis*). De acordo com ela, podemos comparar as metáforas nas línguas envolvidas em uma tradução e dividi-las em dois tipos: casos em que as línguas aceitam condições de mapeamento similares (*same mapping conditions*, ou SMC) e casos em que as línguas têm condições de mapeamento divergentes (*different mapping conditions*, ou DMC). Quando as línguas apresentam SMC a tradução se daria muito facilmente, enquanto nos casos em que as línguas usam domínios fonte diferentes para estruturar ou falar sobre o mesmo domínio alvo (DMC), o processo de busca por um equivalente se torna mais difícil e lento, já que exige uma mudança conceitual (Ibid., p. 486). Por exemplo, no caso de uma metáfora com beisebol no inglês, se o tradutor usasse uma metáfora com futebol no texto de chegada em português, a tradução envolveria uma mudança conceitual além de uma mudança linguística.

A hipótese de Mandelblit foi testada em um experimento em que a autora constatou que tradutores demoram significativamente mais tempo para atingirem uma solução tradutória considerada satisfatória por eles mesmos quando deparados com metáforas de mapeamentos diferentes entre as línguas. Neste caso, os tradutores participantes de sua pesquisa levaram um tempo médio de 30 segundos por expressão linguística, enquanto o tempo médio levado para traduzir satisfatoriamente metáforas com domínios similares entre línguas era de apenas dois segundos. Esse estudo corroborou a hipótese de que mapeamentos diferentes apresentam maior desafios para a tradução.

Também testando essa hipótese, Tirkkonen-Condit (2001; 2002) e seu grupo conduziram alguns estudos com protocolos verbais (*think-aloud protocols*) em que tradutores estudantes e principiantes finlandeses realizavam tarefas de tradução do inglês. Eles reportam os mesmos resultados de Mandelblit, tanto para metáforas quanto para expressões idiomáticas metafóricas. Nesse último caso, porém, a dificuldade na tradução dependeria também na

disponibilidade de equivalentes entre as línguas que sejam convencionais no mesmo nível em ambas as culturas (Ibid., 2002, p. 115).

Desde 1995, estes e outros estudos relacionados ao de Mandelblit foram realizados e hoje existe um certo consenso de que a dificuldade da tradução está realmente nos casos em que as línguas envolvidas usam domínios conceituais diferentes para expressar ideias parecidas (SCHÄFFNER, 2004; AL-HASSNAWI, 2007; MAALEJ, 2008; STEEN, 2014; KÖVECSES, 2014). Schäffner (2004, p. 1258) afirma, inclusive, que a traduzibilidade da metáfora não é mais uma questão de expressão linguística, mas sim de sistema conceitual ao qual ela está ligada. Com isso, podemos inferir que as metáforas complexas (por si só ou quando subjacentes a expressões idiomáticas) provavelmente oferecerão maior dificuldade aos tradutores, já que as metáforas primárias tendem a ser mais universais e estáveis entre as línguas.

Uma forma de lidar com diferenças conceituais é apresentada por Vandaele (2009; 2018). De forma bastante prática, ela propõe o uso da TMC para determinar conceitualizações metafóricas entre as línguas envolvidas na tradução de textos técnicos das ciências biológicas. Assim, um tradutor da área da saúde pode utilizar os conhecimentos sobre sistemas conceituais para comparar suas línguas de trabalho e determinar a melhor opção para uma dada situação tradutória. Por exemplo, em francês, segundo Vandaele (2018, p. 248), há a conceitualização das veias como um rio, e do sangue como uma entidade que “pula” de um invólucro a outro<sup>18</sup>. Já em português, temos somente a primeira dessas conceitualizações, e encontraríamos, por exemplo, o verbo “desembocar” com naturalidade nos textos dessa área (MALASZKIEWICZ, 2013). Ao investigar e comparar os sistemas, desta forma, o tradutor poderia decidir de maneira mais informada se manteria, mudaria ou parafrasearia literalmente uma expressão ou um mapeamento na língua de chegada em dado contexto.

Ainda com base nos postulados de Mandelblit, e de maneira similar à Vandaele, Maalej (2008) defende que a metáfora requer um modelo próprio para sua tradução. Ele propõe um modelo de tradução de metáfora que envolve três passos: i) desenformar a atualização linguística para descobrir a metáfora conceitual subjacente, ii) comparar as culturas e ver se elas têm condições similares ou diversas em relação a essa metáfora, e iii)

---

<sup>18</sup> Podemos encontrar, por exemplo, a expressão “la veine X se jette dans la veine Y” – algo como “a veia X se joga/lança para a veia Y”, numa tradução literal. A frase significa que uma veia pequena, X, se conecta a uma maior, Y. Verbos da língua portuguesa como ‘jogar’, ‘lançar’ ou ‘pular’ não seriam comuns neste caso.

formar uma expressão na língua de chegada de acordo com as práticas experienciais desta cultura. Esta seria uma técnica bastante intuitiva ao lidar com metáforas conceituais na tradução, e, por isso, não a incluímos na intervenção, apesar de que ela provavelmente teria facilitado o uso da teoria por parte dos participantes.

Mas para além de questões conceituais, um complicador para a tradução de expressões figuradas é a composição lexical e sintática das atualizações linguísticas. Al-Hassnawi (2007), inclusive, acrescenta esse aspecto às possibilidades de comparações interlinguísticas propostas por Mandelblit. Entre os casos em que as línguas em questão apresentam mapeamentos similares e os casos em que apresentam mapeamentos divergentes, ele inclui os casos em que as línguas têm condições similares para o mapeamento mas divergem em termos de como eles são atualizados linguisticamente. Um exemplo pode ser tomado desta própria seção. No parágrafo anterior, usamos o verbo “desenformar” para traduzir a expressão “unpacking” no texto original em inglês de Maalej (2008, p. 65). Apesar de termos a metáfora conceitual IDEIAS SÃO OBJETOS em ambas as culturas, a atualização “desempacotar”, mais próxima do inglês, provavelmente soaria estranha. Al-Hassnawi (2007) ainda afirma que as categorias propostas não são fixas, mas sim apresentam diferenças gradativas como em um *continuum*. Essas noções estão de acordo com os postulados de Kövecses (2010) sobre o segundo tipo de variação metafórica, conforme mencionado na segunda seção deste trabalho.

Essa é uma questão também abordada por Ponterotto (2010, p. 361):

Enquanto a noção de uma perspectiva conceptual da metáfora pode ser uma ferramenta útil para a prática de tradução, como demonstrado, também pode ser que a interação entre padrões gramaticais e metáfora conceitual determine uma especificidade cultural, contextual e linguística que pode ser muito difícil de transferir a outra língua.<sup>19</sup>

Isso é especialmente verdade para as expressões idiomáticas, estudadas por ela. Neste caso, embora as metáforas conceituais subjacentes sejam importantes, a própria definição do fenômeno abarca noções de rigidez sintática que não devem ser esquecidas. Dado que essa rigidez carrega conotações específicas de sentido e/ou causa efeitos pragmáticos próprios ao leitor, os tradutores são limitados não somente pela variação intercultural metafórica, mas

---

<sup>19</sup> [Thus, whereas the assumption of a conceptual metaphor perspective can be said to be a useful tool for translation practice, as shown above, it may also be the case that the interaction of grammatical patterns with conceptual metaphor will determine a linguistic, contextual and cultural specificity which may be very difficult to transfer over to another language.]

também pela forma (Ibid., p. 365). Outros fatores ainda dizem respeito à imagem envolvida em várias EI metafóricas e ao status da EI em questão nas línguas, conforme afirmou Tirkkonen-Condit (2002). Esses fatores não necessariamente dificultam a tradução, já que esta é uma questão que depende do par de línguas envolvido, mas eles potencialmente influenciam a interpretação de um texto e, portanto, devem ser levados em conta pelos tradutores ao decidirem por um equivalente.

Por outro lado, os tradutores podem ainda ter dificuldade ao traduzir expressões figuradas por questões cognitivas variadas externas à especificidade do fenômeno. Saygin (2001), por exemplo, comparou dois tipos de direção de tradução. Ela realizou um estudo em que os participantes deveriam traduzir sentenças metafóricas descontextualizadas do turco para o inglês e vice-versa, realizando uma tarefa de tradução (L2 para L1) e uma de versão (L1 para L2). Seus resultados a levaram a formular a hipótese de que traduzir linguagem figurada de uma L2 pra L1 pode ser dificultado por um efeito de *priming* da expressão na língua estrangeira dependendo da proficiência do tradutor. Por exemplo, ao ouvir/ler uma metáfora em L2, a expressão literal fica saliente na compreensão, dificultando a busca por equivalentes. Este efeito não acontece na compreensão de metáforas em L1 porque o sentido pretendido neste caso é mais diretamente acessado.

Da mesma forma, falantes se envolvem mais com sentidos metafóricos na L1 do que na L2 (CITRON, 2019, comunicação oral). Isso acontece porque temos maior apego emocional na língua materna e porque geralmente reforçamos relações de corporeidade por muito mais tempo nessa língua. Este fator pode afetar a percepção de um tradutor de L2 para L1 de que tal expressão figurada encontrada é importante de ser mantida no texto de chegada. Teoricamente, a TMC sanaria esse problema ao tornar as metáforas mais perceptíveis aos tradutores.

É preciso, entretanto, deixar claro aqui que a equivalência do texto como um todo não pode ser totalmente resolvida pelo uso de metáforas conceituais, ainda que sejam as mesmas metáforas conceituais do texto de partida. Simplesmente transferir metáforas de um sistema conceitual a outro pode não ser tão fácil, ou nem mesmo indicado em alguns casos. Samaniego (2011), inclusive, critica os trabalhos nesse âmbito que tratam do assunto de forma prescritiva; ou seja, aqueles que buscam uma maneira “correta” de traduzir metáfora (p. 267). Ela afirma que pensar em equivalência textual como equivalência metafórica poderia causar dois problemas. Primeiro, as metáforas no texto de partida podem ser

abordadas através do domínio no sistema da língua alvo e, assim, serem interpretadas pelo filtro desta língua, o que não seria sempre equivalente, especialmente em culturas distantes. O segundo problema é que as metáforas no texto de partida podem provocar associações para o tradutor (em sua L2) que diferem das causadas para leitores nativos do texto de partida. Por isso, a autora defende que, apesar de o uso da TMC ser uma estratégia válida, o assunto é complexo e deve ser tratado com cautela.

De qualquer forma, para Rojo e Ibarretxe-Antuñano (2013b), por exemplo, todas as metáforas seriam traduzíveis. Elas defendem a estratégia de estabelecer os domínios conceituais envolvidos na expressão linguística e procurar meios linguísticos na língua de chegada equivalentes aos da língua de partida para ‘codificar’ o mapeamento metafórico em questão, ou ainda encontrar domínios conceituais alternativos que tenham certa equivalência nos textos em questão (p. 22). De certa maneira, essa parece ser uma solução simples para o problema que já foi chamado na vertente tradicional de intraduzibilidade da metáfora (VAN DEN BROECK, 1981; RABADÁN, 1991), mas ainda faltam estudos que testem empiricamente essa hipótese para que ela possa ser considerada uma alternativa útil na prática tradutória.

Portanto, optamos aqui por investigar a contribuição de conhecimentos sobre a TMC para a tradução. Como já mencionado, podemos supor que a metáfora era tomada como grande problema para a tradução em estudos tradicionais justamente por causa da própria definição tradicional de metáfora. A TMC deve claramente sanar pelo menos este problema. Por exemplo, através de uma definição mais sistemática de metáfora e seus subtipos, foi possível aferir em que aspectos o fenômeno apresenta dificuldades para a tradução, conforme mencionamos (MANDELBLIT, 1995; AL-HASSNAWI, 2007; PONTEROTTO, 2010). Entretanto, com base na literatura abordada, a teoria também parece apresentar limitações, já que diversos fatores estão envolvidos. Propomos, então, avaliar a dimensão dessas possíveis contribuições através de um estudo de intervenção.

## 4 MÉTODO

Este trabalho<sup>20</sup> é constituído por um estudo de intervenção no qual os participantes foram testados através de duas tarefas de tradução, uma antes e outra depois de um treinamento/capacitação sobre metáfora na perspectiva da Linguística Cognitiva (LC). O estudo conta ainda com dados de um questionário sobre as impressões tradutórias dos participantes após a última tarefa de tradução. Nas próximas subseções, temos o detalhamento do desenho experimental, do estudo piloto realizado e do experimento em si.

### 4.1 DELINEAMENTO

O delineamento dessa pesquisa é um desenho misto 2x2x3. A primeira variável de dois níveis é o tempo (pré e pós-testes, intra-sujeitos), enquanto a segunda variável é a presença ou não da intervenção (grupos controle e experimental, entre-sujeitos). Por fim, a variável de três níveis diz respeito ao tipo de fenômeno (metáfora primária, complexa ou expressão idiomática metafórica) presentes nos textos de estímulo, também intra-sujeitos.

### 4.2 ESTUDO PILOTO

#### 4.2.1 Participantes

Os participantes do estudo piloto foram selecionados por conveniência em duas salas de aula do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As turmas eram mistas; ou seja, continham alunos de Licenciatura e Bacharelado em Letras de diferentes ênfases (línguas de trabalho). Apenas os alunos matriculados no curso de Bacharelado que tinham bom conhecimento de inglês foram convidados a participar como voluntários do estudo. Aqueles que concordaram em participar definiram uma data com a pesquisadora para a primeira sessão. A partir disso, a amostra foi composta por 5 estudantes, de 19 a 27 anos de idade. Dois deles estavam no terceiro semestre do curso e três no quinto. Dois sujeitos participaram como grupo experimental (com sessão de intervenção) e três como grupo controle (sem intervenção, testados com um intervalo equivalente ao do grupo experimental entre as duas sessões) de acordo com a ordem cronológica de recrutamento.

---

<sup>20</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética da universidade através do Parecer nº 3.094.187 de 19/12/18.

#### 4.2.2 Materiais

Os materiais utilizados consistem em um questionário de autoavaliação de proficiência em inglês (Apêndice A), duas tarefas de tradução com três pequenos textos cada (Apêndices B e C) e um questionário de impressões dos participantes sobre suas performances nas tarefas (Apêndices D e E). O questionário de impressões tem duas versões: uma para o grupo experimental, que passa pela intervenção, e uma para o grupo controle. Os demais materiais foram aplicados sem distinção entre grupos, exceto a supressão de uma frase de instrução da segunda tarefa de tradução<sup>21</sup>.

O questionário de autoavaliação de proficiência e experiência em inglês é uma versão adaptada do questionário proposto por Scholl e Finger (2013). Este questionário teve por objetivo caracterizar e homogeneizar a amostra em relação à proficiência e uso da língua. Com isso, resultados individuais muito destoantes da média (*outliers*) nas tarefas de tradução também poderiam ser explicados, caso necessário. Através deste questionário, são feitas oito perguntas sobre o processo de aquisição ou aprendizagem de inglês, sobre o conhecimento de outras línguas e sobre o uso atual do inglês pelo indivíduo.

Já as duas tarefas de tradução contêm os textos em inglês a serem traduzidos pelos participantes. Três excertos de textos jornalísticos foram utilizados para cada uma das tarefas de tradução. Esses textos, parágrafos de até sete linhas, foram reproduzidos de notícias de plataformas jornalísticas internacionais. Eles foram escolhidos por apresentarem linguagem figurada; um trecho principalmente contendo metáforas primárias, outro com metáforas complexas, e outro com expressões idiomáticas metafóricas em cada tarefa. Além disso, os textos são atuais, não contêm vocabulário complexo para os níveis presumidos de proficiência dos participantes e não apresentam assuntos com grandes especificidades culturais. O discurso jornalístico foi escolhido justamente por apresentar as características acima e por ter sido considerado potencialmente metafórico por cerca de 70% dos participantes (falantes leigos) no estudo de Dienstbach (2017). Além disso, os textos selecionados são sintaticamente parecidos, têm de 60 a 100 palavras, foram adaptados e contextualizados para manter a coerência geral quando necessário, e a dificuldade semântica e lexical foi controlada através da ferramenta Coh-Metrix<sup>22</sup> (GRAESSER et al., 2004).

---

<sup>21</sup> A frase solicita o uso da teoria vista no treinamento pelo participante e foi suprimida para o grupo controle.

<sup>22</sup> Ferramenta computacional que produz índices linguísticos e permite quantificar coesão, coerência e facilidade de leitura geral (*readability*) de textos, inclusive em L2.

Para a primeira tarefa, o primeiro trecho, com metáforas primárias, é de um artigo de opinião do *New York Times*, escrito por David Brooks e publicado em 21 de maio de 2018<sup>23</sup>. O segundo, com metáforas complexas, é uma reportagem sobre as investigações de possíveis atividades ilícitas entre os governos dos Estados Unidos e da Rússia. Foi publicado na plataforma *Buzzfeed News* por Jason Leopold e Anthony Cormier em 17 de janeiro de 2018<sup>24</sup>. Por fim, o terceiro é uma matéria sobre o casamento de Meghan Markle e Príncipe Harry, publicado em 19 de maio de 2018, no site da BBC do Reino Unido<sup>25</sup>.

Para a segunda tarefa, os textos seguiram o mesmo padrão da primeira tarefa. O primeiro trecho versa sobre como a morte afeta nosso cotidiano e foi escrito por Rachel Nuwer e publicado pela *BBC Future* em 18 de junho de 2018<sup>26</sup>. O segundo, uma reportagem sobre um policial corrupto em Chicago que arquitetou a prisão de 51 pessoas inocentes, foi escrito por Melissa Segura e publicado no *Buzzfeed News* em 4 de abril de 2017<sup>27</sup>. Por último, o terceiro trecho vem de um texto sobre a vida anterior ao casamento de Meghan Markle no Canadá, publicado em 18 de maio de 2018 por Jessica Murphy pela BBC de Toronto<sup>28</sup>.

Consideramos que os textos de ambos os testes são comparáveis principalmente no que diz respeito à quantidade de cada um dos três fenômenos, ao tipo de mapeamento metafórico (primário ou complexo) e à presença de outros fenômenos figurados relacionados, que foram evitados (exceto expressão idiomática). Para o estudo, foram consideradas 8 metáforas primárias, 6 metáforas complexas e 4 expressões idiomáticas (EI), totalizando 18 expressões figuradas em cada tarefa a partir do total presente nos textos (Apêndice H). Assim que escolhidos, os textos passaram por uma análise mais minuciosa dos mapeamentos presentes nas expressões.

Essa análise foi feita de acordo com o Procedimento para a Identificação de Metáforas da Universidade Livre de Amsterdã - MIPVU (STEEN et al., 2010) e seria depois reiterada pelas análises da orientadora e de um especialista, doutor em estudos da linguagem na área de metáforas. Conforme descrito em Baiocco (2017), o procedimento consiste em, primeiro, encontrar unidades lexicais potencialmente metafóricas através da análise de palavra por

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://tiny.cc/NYTBrooks>> Acesso em 24/05/18.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://tiny.cc/BuzzfeedLeopold>> Acesso em 30/05/18.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/uk-44184034>> Acesso em 24/05/18.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://tiny.cc/BBCNuwer>> Acesso em 10/07/18.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://tiny.cc/BuzzfeedSegura>> Acesso em 10/07/18.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-41768867>> Acesso em 10/07/18.

palavra do texto. Caso o uso desta unidade for indireto (isto é, não literal) e puder ser explicado através de algum tipo de mapeamento entre domínios, sendo um deles mais básico (mais concreto, corpóreo ou preciso), a palavra está sendo usada metaforicamente. Após a identificação, passamos para a averiguação dos domínios fonte e alvo, que nos permitiu constatar o tipo de metáfora conceitual presente e sua nomenclatura.

Por fim, criamos um questionário de impressões da tradução, cuja finalidade era explorar as percepções dos próprios tradutores ao traduzirem linguagem figurada livremente ou ao utilizarem a teoria apresentada na sessão de intervenção. Para isso, duas versões do questionário foram feitas, levando em conta a participação ou não dos sujeitos na intervenção. Os participantes do grupo experimental responderam sobre seus conhecimentos prévios sobre metáfora e a teoria, sobre as dificuldades durante o processo de tradução antes e após a capacitação, sobre suas impressões acerca da aplicação da teoria na prática e seus níveis de satisfação com os produtos finais das traduções. Os participantes do grupo controle também responderam sobre conhecimentos prévios, dificuldades durante o processo e satisfação em relação ao produto final, porém sem nenhuma menção ao treinamento de intervenção. Os questionários contam majoritariamente com questões respondidas através de escalas Likert de cinco pontos, além de perguntas de múltipla escolha e algumas abertas, em que os participantes justificaram suas respostas, conforme apêndices D e E.

### **4.2.3 Procedimentos**

Uma vez que os sujeitos aceitaram participar do estudo, marcaram horário com a pesquisadora e foram submetidos aos procedimentos éticos, a sequência da coleta de dados deu-se em cinco etapas. São elas: i) aplicação do questionário de proficiência, ii) aplicação da primeira tarefa de tradução (pré-teste); iii) realização da intervenção; iv) aplicação da segunda tarefa de tradução (pós-teste); e v) aplicação do questionário de impressões. O estudo foi conduzido ao longo de três sessões, sendo uma antes da intervenção (etapas i e ii), a intervenção em si (etapa iii) e a sessão após a intervenção (etapas iv e v). No caso do grupo controle, já que não havia intervenção, a etapa três não era realizada e utilizávamos apenas duas sessões.

Na primeira sessão de coleta, os participantes que concordaram com o proposto assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, apêndices F e G) e preencheram o questionário de autoavaliação de proficiência e experiência linguística. Com

isso, a primeira tarefa de tradução era iniciada. O pré-teste teve tempo de duração livre (geralmente entre 30 a 45 minutos) e foi realizado por cada participante individualmente no horário previamente estabelecido no gabinete da professora orientadora na UFRGS. Os participantes foram instruídos a traduzirem da melhor forma possível de acordo com suas intuições ou quaisquer outros aportes ou recursos. Embora o acesso ao computador possibilitasse eventuais variáveis intervenientes, optamos por manter a tarefa mais próxima à realidade de uma atividade tradutória. Assim, os participantes trabalharam em um computador e tiveram acesso à internet para consultas. Durante as traduções, observamos que os participantes utilizaram diversos dicionários virtuais monolíngues e bilíngues, sites de sinônimos, e corpora de ambas as línguas. Alguns também encontraram notícias que falavam sobre o assunto do trecho sendo traduzido (para entender melhor o caso, provavelmente). Da assinatura do TCLE ao fim da tarefa de tradução, essa sessão costumava durar pouco mais de uma hora, apesar de grande variação entre os sujeitos, e foi realizada com os participantes ao longo de uma semana.

A sessão de intervenção aconteceu cerca de uma semana após a primeira tarefa de tradução, em uma aula já programada como parte da disciplina de linguística que os participantes cursavam e foram recrutados. A sessão durou 3 horas e foi ministrada por duas pesquisadoras em nível de mestrado e uma em nível de graduação com experiência em pesquisa e que atuava como monitora da disciplina. Junto com os sujeitos que participaram desta pesquisa, alunos matriculados na disciplina também estiveram presentes. Os participantes puderam tirar dúvidas, fazer anotações, e agir normalmente em aula. O treinamento teve como conteúdo metáfora, metonímia, expressões idiomáticas e provérbios na perspectiva da Linguística Cognitiva, além de comparações com teorias tradicionais. Embora a aula não tenha focado a prática tradutória, os participantes foram encorajados a refletirem sobre as características e o uso da linguagem figurada.

A segunda tarefa foi realizada cerca de uma semana após a intervenção, em horário previamente definido de acordo com a disponibilidade dos participantes. Seguindo os moldes da primeira tarefa, ele foi realizado individualmente em um computador, com tempo livre de duração. No caso do grupo experimental, os participantes foram orientados a utilizarem os conhecimentos adquiridos na intervenção sobre a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). Após essa tarefa, que também girou em torno de 45 minutos, o questionário de impressões da tradução foi aplicado com duração livre. Os participantes preencheram o questionário

individualmente com papel e caneta, podendo tirar dúvidas acerca do material a qualquer momento, e levaram cerca de 10 minutos. Com isso, encerramos a coleta de dados dessa fase.

### 4.3 EXPERIMENTO

A partir de uma análise prévia dos resultados do estudo piloto, não identificamos maiores problemas quanto ao estudo. Diante da consideração de adequação deste, o método utilizado no experimento em si foi bastante similar, sendo conduzido sem maiores ajustes, exceto quando notamos nas subseções abaixo.

#### 4.3.1 Participantes

A amostra foi composta por 20 adultos falantes nativos de português brasileiro, cujas idades variaram entre 19 e 50 anos ( $M=25,7$ ,  $DP=7,19$ ). Os participantes começaram a aprender inglês com 9 anos em média ( $DP=3,32$ ) e o usam ativamente há em média 10,65 anos ( $DP=6,63$ ). Quase todos (19) tinham o inglês como L2. Apenas um participante tinha Libras como L2 e inglês como L3 em ordem de aquisição, mas sua proficiência foi autorreportada maior na língua inglesa. Todos os participantes reportaram proficiência no mínimo intermediária (nível pré-avançado, B2) em inglês. Treze participantes reportaram conhecimento de uma terceira língua (L3), e quatro indivíduos ainda conheciam uma quarta (L4). Essas línguas adicionais eram principalmente alemão (5), espanhol (3) e japonês (3), mas Libras, russo, italiano, francês e suíço-alemão também figuraram entre elas.

Os participantes eram novamente estudantes do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS, de qualquer ênfase desde que reportassem proficiência intermediária ou avançada em inglês, e profissionais recém-formados da área da tradução. No caso dos estudantes, os sujeitos deveriam estar cursando no mínimo o quinto semestre da graduação (assim, já haviam concluído pelo menos uma cadeira específica de tradução). No caso dos profissionais, deveriam ter se formado em Bacharelado em Letras (ou equivalente) entre 2016 e 2018. A escolha por essa população foi feita por conveniência e em razão de tradutores principiantes serem mais flexíveis, presumidamente apresentando menos traduções fixas para certas expressões. O critério de exclusão foi a apresentação de conhecimentos intermediários ou avançados sobre a LC/TMC previamente ao estudo. Tal domínio sobre a teoria foi aferido através de dois critérios: ter participado de disciplinas que a abordavam e/ou responder

afirmativamente no questionário. Além disso, já que não foram necessárias mudanças nas tarefas do grupo controle na fase piloto e os três participantes deste grupo preenchiem todos os requisitos, os dados destes sujeitos foram incluídos na amostra atual.

Os demais participantes foram recrutados tanto em salas de aula quanto em grupos da graduação e pós-graduação em Letras nas redes sociais. Após a manifestação de interesse, eles foram divididos em grupos conforme a disponibilidade de cada participante de comparecer à capacitação requerida ao grupo experimental (totalizando 8 para o grupo experimental e 12 para o controle). Ou seja, todos foram convidados a participar do treinamento e aqueles que não puderam foram designados ao grupo controle. Para os participantes deste caso, após o término do estudo, oferecemos uma capacitação em linguagem figurada nos moldes do que foi feito com o grupo experimental para motivar a participação no estudo e fornecer oportunidade para estes também conhecerem e aplicarem tais conhecimentos às suas práticas futuras.

#### **4.3.2 Materiais**

Diante do desempenho dos textos selecionados e utilizados na fase piloto descrita anteriormente, estabelecemos que não seriam necessários ajustes nos materiais utilizados com ambos os grupos.

#### **4.3.3 Procedimentos**

Diferentemente do estudo piloto, para que chegássemos ao número final de participantes, o estudo aconteceu em duas rodadas. Estas sessões de intervenção foram ministradas por uma professora universitária com anos de experiência em docência e pesquisadora com pós-doutorado em metáfora pela perspectiva da LC. As duas sessões foram realizadas em grupo com os participantes do grupo experimental e alunos não-participantes cerca de uma semana após a primeira tarefa de tradução. Novamente, as duas rodadas de intervenção aconteceram em formato de aula expositivo-dialogada de nível da graduação, em salas de aula da universidade e duraram cerca de duas horas. Cada participante assistiu a apenas uma sessão. Alguns participantes do grupo controle que já haviam terminado suas participações no estudo também compareceram. A pesquisadora mestranda esteve presente,

contribuindo com as explicações e fazendo anotações sobre o que foi abordado e o andamento geral das aulas.

Em termos de conteúdo, após uma breve contextualização sobre o estudo tradicional da linguagem figurada, a TMC foi introduzida através de exemplos e explicitações sobre as motivações de algumas metáforas primárias (BOM É PARA CIMA, INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR, BOM É CLARO, entre outras). As noções de domínios alvo e fonte e níveis de análise metafórica (morfológica, lexical, sintática...) foram discutidas, assim como alguns princípios da LC, como protótipos e experiencialismo, foram abordados em relação à linguagem figurada. Diferenças entre metáforas primárias e complexas foram abordadas sucintamente, assim como a influência da metáfora para outras figuras de linguagem, principalmente EI e provérbios. Por outro lado, a possibilidade de diferenças interlinguísticas e interculturais foi reforçada, principalmente em termos de nível de especificidade da metáfora conceitual. Nestes casos, foram citados os exemplos dos domínios alvo FUTEBOL e BEISEBOL em português brasileiro e inglês americano, respectivamente, e o mapeamento de líquidos ou gases (em um container) para as emoções (em um corpo) em português e chinês (cf. YU, 1998). Os participantes realizaram exercícios com metáforas linguísticas, gestuais e imagéticas. Ao fim de cada capacitação, a professora promoveu discussão sobre possíveis aplicações práticas da teoria, incentivando a reflexão sobre o assunto.

Por fim, na segunda tarefa de tradução, apesar de não haverem sido formalmente informados de que traduziriam metáforas, ao pedirmos que os participantes traduzissem considerando a teoria vista no treinamento, enfatizamos que a tradução deveria ser a melhor possível, como se fosse feita a um cliente. Isso porque notamos, ao analisar as respostas do estudo piloto, que os participantes poderiam produzir expressões anômalas em português para seguir alguns mapeamentos metafóricos e queríamos diminuir as chances de que isso acontecesse por causa das nossas instruções. Os demais procedimentos, tanto na intervenção quando nas sessões de pré e pós-teste, foram conduzidos conforme a fase piloto.

## 5 RESULTADOS

Descrevemos nesta seção os resultados obtidos através do estudo. Relatamos os dados separadamente em termos de material de coleta: tarefas de tradução e questionários. Após as análises quantitativas e qualitativas desses dados, apresentamos, por fim, uma discussão geral sobre os resultados.

### 5.1 ANÁLISE DAS TAREFAS

Apresentamos abaixo os resultados obtidos através das tarefas de tradução, primeiro em termos quantitativos e depois qualitativos.

#### 5.1.1 Análise Quantitativa

Para as análises inferenciais apresentadas aqui, foi utilizado o modelo de Equações de Estimativas Generalizadas (GEE, na sigla em inglês) com distribuição multinomial. O programa SPSS versão 21.0 foi utilizado para as análises estatísticas e o nível de significância adotado foi de 5% ( $p < 0,05$ ). Para tornar os dados quantificáveis, as traduções das 36 expressões metafóricas e idiomáticas dos textos (18 em cada tarefa, conforme apêndice H) de cada participante foram analisadas e categorizadas conforme a decisão tradutória tomada. Assim, distinguimos as traduções que mantiveram expressões metafóricas (licenciadas por metáfora primária ou por metáfora complexa) e idiomáticas das traduções que mudaram estas condições e das que utilizaram paráfrases literais. Com esses três níveis, pudemos observar o comportamento das traduções e analisar os dados estatisticamente. Ao mesmo tempo, consentimos que os participantes mudassem os mapeamentos metafóricos, caso preferissem, sem que isso afetasse os dados.

Para as metáforas primárias (MP), houve interação significativa ( $p = 0,024$ ) entre as variáveis de grupo e tempo, indicando que os grupos se comportaram de forma diferente estatisticamente ao longo das duas tarefas. Enquanto o grupo controle manteve um comportamento similar em ambas sessões, até elevando ligeiramente a quantidade de linguagem figurada utilizada, o grupo experimental utilizou menos metáforas após a intervenção. Como é possível analisar da Tabela 1 abaixo, a porcentagem de MP traduzidas

por expressões literais<sup>29</sup> (LIT., nas tabelas) aumentou de 17,2% para 35,9% para este grupo<sup>30</sup>. Esse resultado é o oposto do que havíamos previsto com base na literatura.

**Tabela 1** - Dados sobre metáfora primária antes e depois da intervenção conforme o grupo

Resposta	Grupo Experimental (n=64)		Grupo Controle (n=96)		Valor-p		
	Antes	Depois	Antes	Depois	Grupo	Tempo	Grupo x Tempo
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)			
MP → LIT	11 (17,2)	23 (35,9)	26 (27,1)	21 (21,9)	0,767	0,165	0,024
MP → MP	53 (82,8)	41 (64,1)	70 (72,9)	75 (78,1)			
MP → MC	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)			
MP → EI	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)			

Fonte: elaboração própria.

No caso das metáforas complexas (MC), identificamos somente efeito principal de tempo, demonstrado na Tabela 2 abaixo. Ou seja, houve aumento significativo ( $p < 0,001$ ) no percentual de uso desse tipo de metáfora para ambos os grupos da primeira para a segunda testagem: de 31,3% para 56,3% para o grupo experimental e de 29,2% para 50% para o grupo controle. A quantidade de MC traduzidas por metáforas primárias também aumentou levemente, como vemos na Tabela 2. Ainda, nenhuma foi traduzida por uma expressão idiomática (EI). A falta de diferença significativa entre os grupos indica que a intervenção não obteve efeito para esse tipo de metáfora, e sim algum fator aplicado também ao grupo controle.

**Tabela 2** - Dados sobre metáfora complexa antes e depois da intervenção conforme o grupo

Resposta	Grupo Experimental (n=48)		Grupo Controle (n=72)		Valor-p		
	Antes	Depois	Antes	Depois	Grupo	Tempo	Grupo x Tempo
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)			
MC → LIT	28 (58,3)	12 (25,0)	46 (63,9)	21 (29,2)	0,414	<0,001	0,966
MC → MP	5 (10,4)	9 (18,8)	5 (6,9)	15 (20,8)			
MC → MC	15 (31,3)	27 (56,3)	21 (29,2)	36 (50,0)			
MC → EI	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)			

Fonte: elaboração própria.

Note que, em nenhum dos grupos e em nenhuma tarefa, um participante traduziu uma MP ou MC para EI, embora tenhamos tido casos limítrofes conforme abordaremos na subseção de análise qualitativa. Este resultado está de acordo com o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LC), que pressupõe um aumento gradual de complexidade entre os

<sup>29</sup> Lembramos que a palavra ‘literal’ pode se referir a conceitos diferentes para a metáfora ou para a tradução. Aqui, consideramos literais as traduções que não utilizaram linguagem figurada. Um exemplo seria traduzir a frase “He was **on cloud nine**” por algo como “Ele estava muito feliz”, ao invés de “Ele estava nas nuvens”.

<sup>30</sup> Os dados dispostos nas tabelas estão também disponíveis no Apêndice I para maior ilustração.

fenômenos, e com os estudos de tradução, que têm como universal que o texto seja até involuntariamente ‘facilitado’ ou explicitado para o leitor da língua de chegada (LAVIOSA, 1998; HALVERSON, 2003).

Já no caso das EI, não houve aumento nem diminuição significativos estatisticamente no percentual de uso de linguagem figurada, conforme vemos na Tabela 3. Isto é, os grupos não diferiram entre si, nem de uma sessão a outra e não houve interação entre as variáveis. Estatisticamente, é possível que os efeitos não existam ou que não tenha havido tamanho de amostra suficiente para detectá-los. Apesar do mesmo número de participantes (20) ter passado por todos os tipos de linguagem figurada, as EI eram somente 4 em cada tarefa do estudo. Por isso, em comparação às MP (8 em cada) e MC (6 em cada), os dados das EI são menos robustos.

Ainda assim, em uma análise mais descritiva dos dados, como podemos observar através dos percentuais, os participantes do grupo experimental usaram menos expressões literais na segunda sessão do estudo, que teve resultados bastante homogêneos. Já o grupo controle apresentou altos índices de traduções literais em ambas as tarefas. Ainda assim, quanto à linguagem figurada, este grupo apresentou mais EI quando na sessão anterior produziram metáforas complexas.

**Tabela 3** - Dados sobre expr. idiomática antes e depois da intervenção conforme o grupo

Resposta	Grupo Experimental (n=32)		Grupo Controle (n=48)		Valor-p		
	Antes	Depois	Antes	Depois	Grupo	Tempo	Grupo x Tempo
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)			
EI → LIT	14 (43,8)	9 (28,1)	18 (37,5)	19 (39,6)	0,827	0,429	0,645
EI → MP	2 (6,3)	8 (25,0)	7 (14,6)	8 (16,7)			
EI → MC	11 (34,4)	7 (21,9)	16 (33,3)	8 (16,7)			
EI → EI	5 (15,6)	8 (25,0)	7 (14,6)	13 (27,1)			

Fonte: elaboração própria.

Desta forma, podemos concluir que a intervenção realizada da maneira como foi não causou efeito suficiente para aumentar a quantidade de metáfora nas traduções dos participantes. Houve interação significativa entre as variáveis de grupo e tempo apenas no caso das MP, mas aqueles que passaram pelo treinamento surpreendentemente acabaram usando menos metáforas na segunda tarefa. Na próxima seção deste trabalho, veremos com mais detalhe as escolhas tradutórias feitas pelos participantes, o que pode lançar luz sobre os resultados quantitativos.

### 5.1.2 Análise Qualitativa

Aqui apresentaremos com mais detalhe e discutiremos algumas das escolhas tradutórias dos participantes para cada tipo de linguagem figurada, tratando primeiro dos casos da primeira tarefa do estudo e, em seguida, dos dados da segunda. As escolhas tradutórias mais prototípicas e/ou mais interessantes foram selecionadas para esta análise. Sugerimos que o leitor se familiarize com os textos utilizados nas tarefas (disponíveis nos Apêndices B e C) antes de prosseguir, para uma melhor compreensão das análises. Além disso, deixamos claro que não é o propósito deste trabalho estabelecer julgamentos de valor às traduções aqui apresentadas, e sim abordar, com base na literatura apresentada, as implicações ou efeitos das decisões tradutórias e discutir como elas podem ajudar a responder nossas questões de pesquisa.

#### 5.1.2.1 Metáforas primárias

Na sua maioria, as metáforas primárias foram mantidas nas traduções. Ainda que tenha ficado em menor número no caso do grupo experimental na segunda sessão (conforme Tabela 1), o percentual de MP traduzidas como MP ficou acima de 60% em todas as condições. Enquanto algumas metáforas foram facilmente mantidas através de uma expressão linguística similar no português (e talvez nem tenham sido percebidas pelos participantes), outras dividiram suas escolhas tradutórias (o que ainda não necessariamente significa que foram percebidas).

Algumas metáforas na primeira sessão (portanto, anterior à intervenção) foram mantidas por quase todos os participantes. Por exemplo, citamos a frase “They spend their lives **fighting** poverty...”, em que temos uma instância da metáfora PROTESTAR É ATACAR (cf. GRADY, 1997). Todos os participantes usaram palavras como ‘combatendo’, ‘lutando contra’ e ‘enfrentando’. Um outro caso está na frase “They didn’t [...] wage any **internal battle** with themselves...”, em que ‘internal’ [interno] atualiza a metáfora A MENTE É UM CONTAINER e ‘battle’ [batalha] atualiza DIFICULDADES SÃO Oponentes. A maioria dos participantes manteve os mapeamentos, utilizando ‘batalha interna’ ou ‘conflito interno’. Dado que, nestes casos, as metáforas são bastante convencionais e apresentam expressões linguísticas presumidamente bastante familiares tanto em inglês quanto no português, os

participantes não devem ter tido grandes problemas para as traduzirem. Esse resultado está de acordo com a hipótese de Mandelblit (1995) a respeito das condições similares ou divergentes de mapeamento entre as línguas (SMC ou DMC), por exemplo.

Em outros casos, as traduções ficaram mais divididas. Em “...what traits such people **tend** to have in common”, a maioria dos participantes usou formas como “têm em comum”, omitindo o sentido modalizador de ‘tend to’ [tender a algo]. Uma participante (P3)<sup>31</sup> usou “teriam em comum”, com o verbo no modo condicional, o que também parece modalizar o trecho, apesar de ainda ser literal. Apenas três participantes (P7, P12 e P15, todos do grupo experimental) usaram o verbo ‘tender’, como em “tendem a ter em comum”, mantendo a metáfora ATITUDE É POSIÇÃO FÍSICA.

Também houve casos em que os participantes utilizassem expressões mais fixas em português nesta primeira sessão, não parecendo importar se havia ou não metáfora. Em “They didn’t weigh the **costs** and benefits...”, identificamos a MP TEMPO É RECURSO. Oito participantes (sete do grupo controle) utilizaram a expressão “prós e contras” no português, que é bastante fixa e entrincheirada<sup>32</sup>, apesar de literal. Outra opção frequentemente usada foi “vantagens e desvantagens”, menos entrincheirada e ainda literal. Estas não são necessariamente más opções de tradução do ponto de vista textual e tradutório. Apesar de não serem metafóricas, elas sugerem que estes participantes fugiram de uma tradução palavra-por-palavra. Ainda, a tradução direta “custos e benefícios”, que mantém a metáfora conceitual, mas é mais literal em termos tradutórios, também foi empregada oito vezes (cinco do grupo experimental).

Nenhuma metáfora primária foi traduzida por uma metáfora complexa ou EI, embora tenhamos tido uma única expressão nos dados que se aproxima disso. Por exemplo, para “They didn’t **weigh** the costs and benefits...”, uma participante do grupo experimental (P5) traduziu “Eles não colocam o custo e o benefício na balança”. A expressão “colocar na balança” é bastante usual no português, e tem a mesma metáfora conceitual subjacente do texto de partida, CONSIDERAR É PESAR. Ainda, neste caso, podemos observar uma metaftonímia, já que a metonímia de PARTE PELO TODO também está presente no fato de uma parte da ação (colocar na balança) estar pela ação inteira (pesar). Devido a sua forma,

<sup>31</sup> Para manter o anonimato dos participantes, eles foram numerados de 3 a 22, considerando que os dois primeiros (P1 e P2) compuseram apenas a amostra do estudo piloto.

<sup>32</sup> O entrincheiramento, na LC, ocorre quando uma unidade linguística se estabelece (geralmente por alta frequência de *input*) como rotineira/padrão na cognição e comunicação de um falante (EVANS, 2007, p. 73).

julgamos que essa expressão esteja bastante perto de ser considerada uma EI no *continuum* da linguagem figurada, apesar de não a termos tabulado como tal.

Já na segunda sessão do estudo, realizada uma semana após a intervenção para os participantes do grupo experimental e duas semanas após a primeira sessão para o grupo controle, novamente tivemos expressões em que os participantes geralmente seguiram os mapeamentos. Algumas das metáforas geralmente mantidas foram TEMPO É RECURSO (“...our **limited** time on Earth”) e ATENÇÃO É FOCO (“We cope by **focusing** on things...”), seguidas 19 vezes cada uma através das expressões ‘tempo limitado’ e ‘focando em...’. Outra frequentemente seguida foi CIRCUNSTÂNCIAS SÃO ARREDORES (“if the ambiguity **surrounding** our own demise...”), mantida 15 vezes com variações de “a ambiguidade que cerca...” e “...que circunda nosso fim”, principalmente.

Por outro lado, a MP mais traduzida literalmente nesta segunda tarefa do estudo foi ACONTECIMENTOS SÃO TRAJETÓRIAS, em relação ao trecho “What if we [...] were told the exact date and **means** of our deaths?”. As escolhas tradutórias dos participantes se dividiram entre expressões com ‘maneira’, ‘modo’, ‘circunstâncias’, entre outras paráfrases. Tivemos apenas quatro (três do grupo controle e uma do grupo experimental) traduções metafóricas identificadas para este caso, em que a palavra ‘forma’ foi utilizada atualizando a metáfora A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É SEU FORMATO (cf. GRADY, 1997). A metáfora do texto de partida não foi mantida nas traduções, apesar de ‘meios’ ter sido uma opção possível.

Um caso que diferenciou os grupos, mas que ainda assim foi frequentemente metafórico nas traduções, foi o trecho “we **go through** our days unaware”, com a metáfora PROCESSO É TRAJETÓRIA. Esse mapeamento foi seguido por 12 participantes (apenas três do grupo experimental) utilizando variações de ‘passamos nossos dias’. Enquanto isso, quatro participantes do grupo experimental, somados de apenas dois do grupo controle, escolheram ‘vivemos nossos dias’, opção literal, para a tradução. Outras escolhas, além destas, foram “seguimos nossos dias” (P12, experimental) e “levamos nossos dias” (P22, controle), ambas opções metafóricas. Isso sugere que os participantes do grupo experimental estavam bastante divididos neste caso a utilizar paráfrases literais, enquanto a grande maioria do grupo controle usou metáfora.

Em outro trecho da tarefa, interessantemente, duas participantes do grupo experimental (P5 e P21) suprimiram a mesma sentença. A frase “What would happen,

though, if the ambiguity **surrounding** our own demise were **taken away**?”, com as metáforas primárias CIRCUNSTÂNCIAS SÃO ARREDORES, já mencionada, e ATRIBUTOS SÃO OBJETOS, foi omitida inteiramente das duas traduções. Considerando o número pequeno da amostra, essas supressões fazem-se importantes para o resultado geral, já que as expressões nela contidas foram tabuladas como sendo da mesma categoria que as traduções literais. Para o grupo controle, não houve omissões de trechos no caso da MP.

Assim, a intervenção parece não ter surtido efeito, considerando que os índices de MP mantidas já eram altos na tarefa anterior à intervenção. Em termos de tipo de linguagem figurada, não identificamos casos em que uma metáfora primária tenha sido traduzida por uma complexa em nenhuma das tarefas do estudo. Também não tivemos expressões para as quais nenhum participante tenha encontrado uma solução metafórica. Entretanto, dada a natureza das metáforas primárias, é difícil saber se, antes e após treinamento, eles percebiam quais expressões eram metafóricas no texto de partida. Vejamos como foi o caso das metáforas complexas.

#### 5.1.2.2 Metáforas complexas

Na primeira sessão do estudo, as metáforas complexas foram traduzidas por expressões literais na maioria das vezes, de forma bem diferente das metáforas primárias. Já na segunda tarefa do estudo, as MC foram significativamente mais usadas por ambos os grupos, apesar desta quantidade ainda não ter ultrapassado os 55%. Ainda, algumas delas foram transformadas em metáforas primárias.

Na primeira tarefa do estudo, em que as MC foram mantidas cerca de 30% das vezes, somente “newly **uncovered** payments” figura como atualização linguística que teve sua metáfora (VISÍVEL É DESCOBERTO) geralmente mantida na tradução; mais especificamente por quinze participantes. Ao que parece, esse trecho foi facilmente transposto para o português sem maiores problemas através de expressões como “documentos descobertos recentemente” ou “recém revelados”.

Das expressões que foram passadas para metáforas primárias, temos principalmente “choosing to live this **way**”. Essa atualização da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM foi geralmente traduzida de duas maneiras: literalmente (“viver deste modo”, “desta maneira”) ou com uma metáfora primária (“viver dessa forma”). Esta última escolha tradutória atualiza

a metáfora A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É SEU FORMATO, bastante convencional e discreta. Somadas ao fato de que esse trecho estava na primeira tarefa do estudo, as traduções sugerem que os participantes não usaram essa metáfora primária propositalmente.

Por outro lado, outras expressões resultaram em escolhas tradutórias mais diversas. Em “authorities appear to be **digging into** the accounts”, as traduções variaram entre “parecem estar investigando” (P7, P15, P19), paráfrase literal, e “parecem estar indo a fundo” (P4), “estão examinando a fundo” (P13), entre outras atualizações de INVESTIGAR É IR A FUNDO. Um participante (P3) usou “parecem estar mergulhando fundo”, em que, ao invés da ideia de escavação de terra, trouxe uma noção de profundidade dentro d’água. Neste caso, além da metáfora do texto de partida, identificamos a metáfora primária CIRCUNSTÂNCIAS SÃO FLUIDOS (cf. GRADY, 1997), cuja combinação acarreta uma MC. Já outro participante (P11) utilizou a frase “o corpo diplomático russo [...] está sendo vasculhado”, alterando a perspectiva referencial da frase, mas usando a MP INVESTIGAR É EXPLORAR FISICAMENTE, que não é a mesma desse trecho, mas está presente em outras expressões do texto de partida. Assim também fez outro participante (P14) com “autoridades estão vasculhando”.

Apesar de alguns participantes terem utilizado a metáfora INVESTIGAR É EXPLORAR FISICAMENTE nas suas traduções, eles parecem ter tido problemas para mantê-la no caso da expressão “Mueller’s **probe**”. Ainda que o substantivo ‘probe’ possa ser definido como “um instrumento médico estreito usado especialmente para exploração (de um ferimento ou cavidade corporal)”<sup>33</sup>, conceito não desconhecido por nós, parece que não temos um equivalente metafórico que possa ser utilizado nesse contexto sem que cause mal entendidos ou soe inusitado<sup>34</sup>. Nas tarefas, essa expressão foi majoritariamente traduzida por expressões literais, como “investigação de Mueller” (11 participantes: sete do grupo controle e quatro do experimental), “inquérito de Muller” (três participantes do grupo controle e dois do experimental) ou mesmo somente “da investigação” (P8). Outros participantes ainda não compreenderam a frase corretamente (“chamado de ‘Mueller’s probe’, disse...”, P12), a omitiram (P22) ou explicaram a situação no texto (P17). Dentre as atualizações metafóricas da primeira sessão do estudo, esta parece ter sido a expressão mais difícil para os participantes.

<sup>33</sup> [a slender medical instrument used especially for exploration (as of a wound or body cavity)]. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/probe>> Acesso em: 18/07/19.

<sup>34</sup> Durante o estudo piloto, um participante utilizou “sonda de Mueller”, que manteria a metáfora em questão, mas provavelmente não cumpre sua função comunicativa ao deixar o leitor em dúvida sobre seu significado.

Conforme dissemos, na segunda tarefa, os números de MC mantidas como MC aumentaram substancialmente para ambos os grupos. Uma metáfora desta sessão seguida por boa parte dos participantes foi SUGERIR É APONTAR, presente no trecho “It **points** to a [...] disturbing narrative”. Treze participantes usaram o verbo ‘apontar’, mantendo a metáfora. Outros usaram outras expressões que atualizam a metáfora primária SABER É VER, pressuposta na MC no texto de partida, como em “fato indicativo de...” (P5), “Isso mostra...” (P8) e “Ele ilustra uma narrativa” (P20). Outras escolhas tradutórias incluíram as metáforas COMUNICAR É CONDUZIR (“Isso nos leva a...”, P15 e P21) e de personificação (“Isso nos conta...”, P10). Não identificamos comportamentos distintos entre os grupos neste caso.

Um caso em que vimos uma pequena diferença entre os grupos e que teve certa diversidade de traduções foi o trecho “a much more **sweeping** and disturbing narrative”, em que observamos a metáfora COMOÇÃO É DEVASTAÇÃO. Seis participantes (três de cada grupo) usaram a palavra ‘abrangente’ atualizando a metáfora primária IMPORTÂNCIA É TAMANHO, assim como os participantes do grupo controle que utilizaram ‘ampla’ (P4) e ‘maior’ (P19). Ainda outras metáforas, principalmente primárias, foram empregadas neste caso, como INTENSIDADE É PROFUNDIDADE (“muito mais profunda”, P3 e P8, do grupo controle). As traduções só empregaram metáforas complexas em três casos: ‘avassaladora’ (P5 e P18) e ‘pungente’ (P10), dois destes também sendo provenientes do grupo controle. Ainda, as únicas traduções literais foram do grupo experimental, como ‘complexa’ (P14) e ‘preocupante’ (P21).

Por outro lado, de forma similar (mas não tão extremo quanto) ao trecho “Mueller’s probe” na primeira tarefa, manter a metáfora INVENTAR UMA ACUSAÇÃO É ENQUADRAR em “Detective Guevara is accused of **framing** at least 51 people for murder” também parece ter sido desafiador para ambos os grupos. Treze participantes (sete do grupo controle e seis do experimental) utilizaram formas literais, entre ‘incriminar’, ‘prender’ e ‘falsa acusação’. Das formas metafóricas, todas foram complexas, com “armar para...” (P3, P14) e “plantar evidências” (P13, P19). Por fim, tivemos ‘enquadrar’ e ‘enquadramento’ (P6, P7, P18) como traduções que mantêm a metáfora do texto de partida, inclusive utilizando seu domínio fonte. Entretanto, em português, essa palavra parece não ter a mesma conotação da expressão em inglês, em que a acusação é falsa e de má-fé, inclusive provavelmente envolvendo fabricar

evidências<sup>35</sup>. Assim, este caso parece não ter equivalentes metafóricos diretos em português que mantenham essa valência negativa.

Outros casos permitiram mais criatividade aos participantes. A julgar por algumas decisões tradutórias (e por alguns comentários nos questionários, conforme próxima subseção), parece que alguns participantes tomaram o trecho “the **rot** at the heart of the system still **festers**” como uma expressão conjunta. Em nossa análise, incluímos apenas ‘rot’ [podre] e ‘festers’ [putrefazer/deteriorar] como metáfora, apesar de ‘heart’ [coração] também poder ser considerada uma metáfora primária. Entretanto, alguns participantes incluíram expressões maiores nesse trecho. Uma participante do grupo controle (P18) usou a expressão “o buraco é mais embaixo”. Decidimos quantificar separadamente como MC no caso de ‘buraco’ para ‘rot’ (PROBLEMAS SÃO BURACOS, combinação das MP RUIM É ESCURO, RUIM É PARA BAIXO e INTENSIDADE É PROFUNDIDADE) e MP em ‘mais embaixo’ para ‘festers’ (INTENSIDADE É PROFUNDIDADE)<sup>36</sup>.

De forma parecida, muitos outros participantes mantiveram a relação entre os dois elementos. Por exemplo, outra participante (P9), também do grupo controle, produziu a seguinte frase: “Mas o esgoto do sistema ainda abriga muitos ratos”. Novamente, quantificamos separadamente as metáforas PROBLEMAS SÃO DEJETOS para a primeira parte e PROBLEMAS SÃO ANIMAIS ROEDORES para a segunda. Outros casos foram: “o câncer no sistema ainda se espalha” (P3), “o sistema continua podre até a raiz” (P13), “a ferida parece ser bem maior” (P21). Esta última foi a única participante do grupo experimental que se aventurou com uma tradução mais distante do trecho de partida. Dado que os outros participantes desse grupo ficaram mais presos às expressões presentes no trecho (nesse caso, ‘podridão’, ‘deteriorar’, etc.), este pode ser um indício de que, após a intervenção, eles tenham pensado que o mais indicado seria seguir o mesmo mapeamento do texto de partida, ao invés de identificar as metáforas e procurar uma maneira de manter seu efeito.

Por fim, embora possamos ver diferenças suaves entre os grupos em casos específicos, os dois grupos parecem estar bem divididos entre escolhas literais ou metafóricas – o que condiz com os dados qualitativos. Além disso, quando traduzidas como primárias,

<sup>35</sup> Conforme os dicionários Dicio (disponível em: <<https://www.dicio.com.br/enquadrar/>>) e Merriam-Webster (disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/frame>>), ambos com acesso em 23/07/19.

<sup>36</sup> O caso desta escolha tradutória é bastante complexo. A expressão “o buraco é mais embaixo” parece ser mais fixa e maior do que uma EI, sendo uma construção sentencial como os provérbios. Ao mesmo tempo, ela não apresenta uma moral da história inerente a este último fenômeno. Identificamos aqui, portanto, uma expressão que parece estar em um ponto intermediário entre os dois fenômenos.

boa parte das metáforas complexas suscitavam traduções por metáforas relacionadas (geralmente superordenadas), como foi o caso da MP SABER É VER, que estava subjacente a várias MC no estudo. Veremos abaixo quais tendências se mantêm para as EI.

### 5.1.2.3 Expressões idiomáticas

Para as EI, conforme dissemos anteriormente, não obtivemos resultados significativos em termos estatísticos. Assim, resta saber se os grupos demonstram algum tipo de diferença em suas decisões tradutórias qualitativamente. Em cada uma das sessões tivemos uma expressão que foi geralmente mantida como EI, uma majoritariamente traduzida por uma paráfrase literal e uma que dividiu opiniões. Dado que temos somente quatro expressões idiomáticas por tarefa, poderemos analisar uma por uma e esmiuçar os dados coletados.

Na primeira sessão do estudo, a expressão “under the spotlight”, que atualiza quatro mapeamentos metafóricos (resumidos pela MC ESTAR SOB O HOLOFOTE É RECEBER ATENÇÃO), foi sempre mantida como figurada nas traduções dos participantes. A maior parte deles (sete do grupo controle e seis do grupo experimental) utilizou variações de “sob os holofotes”, mantendo o mapeamento do texto de partida e utilizando uma expressão moderadamente fixa em português. Outros ainda utilizaram metáforas primárias que estavam subjacentes na expressão original, como SUJEIÇÃO É PARA BAIXO, em “sob a atenção da mídia” (P4, P10 e P12, dois do grupo controle), ou ainda ESTADO (MENTAL) É LUGAR, como em “centro das atenções” (P3, P17, P18 e P20, três do grupo controle).

Assim como na EI acima, “played a major supporting role” também apresenta várias metáforas subjacentes que influenciam a tradução, já que os tradutores têm mais opções em relação a que parte da expressão manter no texto em português. Por exemplo, oito participantes realizaram traduções como “tiveram um grande papel coadjuvante/auxiliar”, que não é uma EI em português, mas sim uma combinação entre a metáfora primária IMPORTÂNCIA É TAMANHO e a complexa VIDA É PEÇA DE TEATRO. Outros seis participantes utilizaram somente essa MC, e um (P10) instanciou somente a MP. Ainda assim, no presente caso, alguns tradutores escolheram expressões literais, como “desempenharam uma função importante” (P7, P8, P14). Apenas dois participantes, ambos do grupo controle, utilizaram a EI “roubaram a cena” em português (P13 e P22). Esta foi a única diferença identificada entre os grupos até aqui.

Já no trecho “had to be given a helping hand”, tivemos respostas bem divididas entre duas opções. Onze participantes (quatro do grupo experimental) foram literais e escolheram variações de “precisaram de uma ajuda”. Nove participantes (novamente quatro do grupo experimental) utilizaram expressões como “tiveram de dar uma mãozinha” e “precisaram de uma mãozinha”, assim mantendo o mapeamento metafórico AJUDAR É DAR A MÃO e a EI na tradução. Algo que pode ter influenciado a tradução aqui é a presença da metonímia de INSTRUMENTO (MÃO) PELA ATIVIDADE, tanto em inglês quanto em português. Todavia, considerando a quantidade de traduções literais, talvez este não tenha sido um fator.

O caso que foi geralmente trazido para a literalidade em português foi “tied the knot”, EI que atualiza a metáfora RELACIONAMENTO É UNIÃO DE PARTES. Dezesesseis participantes (cinco do grupo experimental) empregaram a palavra ‘casamento’. Apenas dois participantes do grupo controle (P4 e P18) mantiveram a MC com “na união” e “no momento da união”. Dois participantes do grupo experimental (P12 e P20) inseriram no trecho uma metonímia de PARTE PELO TODO ao produzirem “trocaram alianças” e uma (P21) traduziu a EI por “casório”, provavelmente buscando deixar o trecho mais informal. As escolhas destes participantes demonstram tentativas de manter linguagem figurada e sugerem que alguns tradutores já concebiam, mesmo antes da intervenção, uma certa importância em manter um tom idiomático no texto.

Na segunda tarefa do estudo, tivemos resultados similares. A EI “with open arms” foi traduzida por linguagem figurada em todas os casos. Dezoito participantes usaram a expressão em português “recebida/acolhida de braços abertos”. Um participante do grupo experimental (P14) a traduziu por “iria abraça-la”, mantendo a MC ACOLHER É ABRAÇAR, e um participante do grupo controle (P19) usou “seria bem acolhida”, estabelecendo uma MP de personificação (NAÇÃO É PESSOA). Este resultado é similar ao de “under the spotlight”, na primeira sessão, com nenhuma tradução literal. Entretanto, naquele caso, o motivo parece ser a existência de várias metáforas transpassadas na EI, enquanto aqui o fator mais determinante aparenta ser a disponibilidade da expressão em português.

Uma EI que ocasionou várias traduções com metáforas diversas nesta tarefa foi “to hang around with”. Sete traduções (uma do grupo experimental) ficaram relacionadas “costumava andar com...”, atualizando o mesmo mapeamento da expressão de partida, SER AMIGO É ACOMPANHAR. Ainda, seis (quatro do grupo experimental) trouxeram a MP SITUAÇÃO É CONTAINER, com “costumava sair com...”. Ainda tivemos traduções literais,

como “se relacionar” ou “socializar” (dois do grupo controle e dois do experimental). Provavelmente devido ao fato de ser uma locução verbal (*phrasal verb*) no inglês, os participantes podem não ter percebido a idiomaticidade dessa expressão.

Contudo, a expressão desta tarefa que mais dividiu os participantes foi “under the radar”. Nove participantes (apenas dois do grupo experimental) usaram formas literais, como ‘despercebida’ ou ‘no anonimato’. Oito dos participantes restantes (cinco do grupo experimental) utilizaram expressões bastante fixas em português que atualizam metáforas complexas, como “afastada dos holofotes” e “longe das manchetes”. Ainda, dois participantes (P3 e P12, um de cada grupo) empregaram a MP SABER É VER através de “fora do radar”. Lembramos que, em “given a helping hand”, expressão que dividiu os participantes na primeira tarefa, a quantidade de participantes do grupo experimental que mantiveram a EI ou traduziram literalmente foi igual (4 em cada escolha tradutória). Neste caso em específico, os participantes que passaram pela intervenção utilizaram mais metáforas nas suas traduções.

A EI que fecha a segunda tarefa de tradução foi, assim como “tied the knot” foi para a primeira, a mais desafiadora aos participantes. Atualizando a MC ACRÉSCIMO DE QUALIDADE É ADEREÇO, “a real feather in our cap” foi traduzida por paráfrases literais pela grande maioria dos participantes. Dezesesseis (seis do grupo experimental) a traduziram por “motivo de orgulho” ou “uma honra/conquista”. Uma participante do grupo controle (P11) usou a EI “algo para se tirar o chapéu”, e um do grupo experimental (P12) usou “uma coroa de louros”. Ambos mantiveram a ideia de algo na cabeça, com a metáfora ACRÉSCIMO DE QUALIDADE É ADEREÇO no segundo caso, porém, enquanto a primeira parece funcionar bem, a segunda expressão soa um tanto incomum. As outras escolhas atualizaram metáforas primárias, com BOM É PARA CIMA em “algo a ser visto com a cabeça erguida” (P10, controle), e IMPORTÂNCIA É QUANTIDADE em “não é pouca coisa, não” (P14, experimental). Novamente, alguns poucos participantes de ambos os grupos demonstram certa tendência a perceber o tom idiomático e até informal que as EI trazem ao texto de partida e conseguiram traduzi-las com isso em mente.

Portanto, podemos concluir que, das vezes em que temos traduções que mantêm a linguagem figurada nos trechos, elas são provenientes tanto do grupo controle quanto do experimental na maioria dos casos. Também há uma conformidade nas traduções das tarefas antes e após a intervenção. Ainda assim, parece existir uma inclinação de alguns participantes a perceber o tom idiomático do texto e traduzir em conformidade, muito embora encontrar

uma forma linguística que seja adequada semanticamente para cada contexto seja um desafio. Portanto, as análises sugerem novamente que a intervenção não resultou em um uso maior de linguagem figurada na tradução.

## 5.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Complementando os resultados das tarefas de tradução e visto que consideramos importante o ponto de vista dos próprios tradutores participantes sobre a intervenção proposta, apresentamos também os dados dos questionários de impressões. As perguntas presentes nos questionários compreendiam principalmente escalas Likert de cinco pontos, assim facilmente calculáveis estatisticamente. Além destas, haviam também questões dissertativas, em que o participante podia exprimir livremente suas opiniões. Ambas serão aqui apontadas e analisadas, de forma quantitativa e qualitativa, portanto.

Ao responderem às escalas de cinco pontos, em que 1 denotava “muito fácil” e 5 denotava “muito difícil”, os participantes de ambos os grupos disseram que a dificuldade em traduzir metáforas em contextos normais de trabalho é de pouco a muito difícil ( $M= 4,15$ ,  $DP=0,812$ ). O resultado foi o mesmo para a dificuldade de tradução de expressões idiomáticas ( $M= 4,15$ ,  $DP=0,745$ ). Um fator aqui é que talvez alguns participantes, principalmente do grupo controle, poderiam não saber diferenciar os fenômenos. Mesmo assim, isso demonstra que estes não são encarados facilmente pelos tradutores, especialmente considerando que nenhum participante respondeu 1 ou 2 (muito ou pouco fácil) nessas questões. Da mesma forma, os participantes consideraram bastante importante utilizar uma teoria linguística para a tradução de linguagem figurada ( $M=4,25$ ,  $DP=0,638$ , em que 1 seria “muito pouco importante” e 5 seria “muito importante”), ainda que não conhecessem ou demonstrassem utilizar alguma.

Também perguntamos aos participantes sobre a dificuldade das tarefas de tradução realizadas nas duas sessões do estudo. A dificuldade média sentida por ambos os grupos na primeira sessão foi de 2,95 ( $DP=0,887$ ) e na segunda de 3,3 ( $DP=0,801$ ), conforme as respostas dos participantes na escala em que 1 denotava “muito fácil” e 5 denotava “muito difícil”. Estatisticamente, este aumento não foi significativo. Através de um teste t pareado, realizado por meio da interface *RStudio Cloud* (versão 3.6.0), identificamos que somente para o grupo experimental houve aumento significativo ( $p=0,011$ ) na média de dificuldade no

processo de tradução da primeira para a segunda sessão (de  $M=2,62$ ,  $DP=0,744$ , para  $M=3,25$ ,  $DP=0,707$ ).

Quando compararam sua satisfação/contentamento para com seus produtos de tradução, as respostas dos participantes também ficaram um pouco acima da média (considerando o ponto 3 como resposta mediana). Considerando os dois grupos, a satisfação com a primeira tarefa foi de 3,5 em média ( $DP=0,760$ ), em que 1 denotava baixa satisfação. No caso da segunda tarefa, o resultado foi bastante parecido ( $M=3,75$ ,  $DP=0,786$ ). Especificamente para o grupo experimental, antes e após o treinamento, os resultados nesta questão também foram similares ( $M=3,25$ ,  $DP=0,886$ , na primeira e  $M=3,37$ ,  $DP=0,916$ , na segunda). As médias do grupo controle ficaram levemente acima dessas ( $M=3,66$ ,  $DP=0,651$ , na primeira e  $M=4$ ,  $DP=0,603$ , na segunda). Nenhuma diferença entre as variáveis foi significativa estatisticamente através do teste t pareado nesta questão.

Em relação às perguntas realizadas somente ao grupo experimental, também temos resultados tímidos. Em média, os participantes consideraram que o nível de impacto que a teoria exerceu no processo de tradução após a intervenção foi de médio a considerável ( $M=3,5$ ,  $DP=0,925$ ), bastante parecido com o impacto da teoria no produto final das traduções ( $M=3,75$ ,  $DP=0,886$ ). O teor deste impacto no processo ficou entre médio e bom<sup>37</sup> ( $M=3,87$ ,  $DP=0,991$ ). Quando comparando suas produções tradutórias antes e após a capacitação, os participantes deste grupo disseram que as traduções da segunda sessão foram produções um pouco melhores do que as da primeira<sup>38</sup> ( $M=3,62$ ,  $DP=0,517$ ). Ou seja, os participantes reconhecem que a intervenção não foi tão influente nas suas traduções, ainda mais se levarmos em conta um aspecto de desejabilidade social<sup>39</sup> nas respostas.

Através das perguntas dissertativas, é possível perceber que os próprios participantes identificam alguns motivos pelos quais a intervenção não teve efeitos ou teve um efeito contrário do pretendido (no caso das MP). Uma maior sensibilidade aos fenômenos pode causar uma maior insatisfação para com as opções que antes pareciam mais equivalentes e utilizáveis na tradução, conforme disse uma participante do grupo experimental: “Depois da aula, fiquei mais preocupada em pensar sobre as metáforas do texto e sobre a melhor maneira de traduzi-las. Acredito que quanto mais pensamos sobre o texto e sobre as diferenças entre

---

<sup>37</sup> A escala nesta questão era rotulada por rostos tristes (1 e 2) a felizes (4 e 5). Entende-se que uma resposta ao ponto 3 da escala seja uma resposta mediana, já que o rosto não tinha expressão marcada (cf. Apêndice E).

<sup>38</sup> Idem à nota de rodapé anterior.

<sup>39</sup> Desejabilidade social (*social desirability bias*) é um possível viés nas pesquisas sociais, em que os participantes respondem a testagens de forma a agradar ao pesquisador ou a outros indivíduos.

as línguas, mais difícil é traduzir e mais insatisfeita fico com o resultado” (P5). Outros elementos mencionados foram o tempo limitado (de intervenção ou para a tradução, que alguns participantes dispunham), pouca familiaridade com os temas ou expressões e falta de recursos de pesquisa que se alinhem com essa perspectiva.

Ao ser perguntada sobre sua satisfação em relação às traduções realizadas após a intervenção, o relato da seguinte participante do grupo experimental foi alinhado ao de cima: “...acho que consegui interpretar melhor as metáforas pensando no mapeamento que vimos na aula sobre metáforas. Porém, em relação às minhas escolhas como tradutora, não foram tão satisfatórias pois não consegui encontrar correspondentes para as metáforas em português” (P21). Essa dificuldade na busca por equivalentes foi mencionada por boa parte dos participantes do grupo experimental, como temos no seguinte comentário: “Um glossário ou dicionário conceitual de metáforas ajudaria muito os tradutores a traduzir metáforas de acordo com o campo semântico porque, se não conhecemos o ‘equivalente’, a pesquisa na internet, por exemplo, é bem frustrante” (P20).

Ainda assim, boa parte do grupo experimental identificou vantagens em conhecer a TMC através da intervenção. Na última pergunta do questionário, em que os participantes podiam fazer quaisquer observações, algumas foram as seguintes: “Eu gostei de ter sido forçado na TMC. Acho que poderia ser interessante forçar mais alunos a ter contato com ela. Talvez uma disciplina obrigatória, não sei. Ela pareceu muito útil para o trabalho do tradutor” (P12), e “Achei interessante ver como a teoria pode se aplicar na prática da tradução, e com certeza vou levar em consideração durante meu trabalho” (P15), entre outros.

Algumas respostas do grupo controle indicam que já existe, por parte de alguns tradutores, uma certa preocupação com uma tradução de linguagem figurada mais fidedigna, mesmo quando não confrontados com a perspectiva da LC, conforme afirmou a P22: “Eu ficaria mais satisfeita se eu tivesse conseguido encontrar expressões idiomáticas equivalentes em português, em vez de explicar de modo literal o que estava sendo vinculado no texto de partida”. Da mesma forma, essa participante identificou um déficit de recursos que auxiliem nesse trabalho: “Algumas expressões são bastante atreladas à cultura e desconheço ferramentas de tradução que possam ajudar a traduzir expressões idiomáticas”.

Por fim, oito participantes (cinco do grupo experimental e três do controle) mencionaram a EI “feather in our cap”, da segunda tarefa, como uma das expressões mais difíceis nas tarefas de tradução. Outras citadas foram “tied the knot”, da primeira tarefa,

“framing” e “rot at the heart of the system”, da segunda, todas por três participantes. Da mesma forma, oito participantes (sete do grupo controle) disseram que a segunda tarefa era mais difícil ou que tinha mais expressões figuradas. Aqui, podemos supor um efeito de recência nas respostas, já que as expressões e a dificuldade ao traduzir a segunda tarefa seriam mais facilmente lembradas pelos participantes do que a primeira, que havia sido realizada duas semanas antes. Caso houvésemos antecipado esse efeito, poderíamos ter aplicado parte do questionário após a primeira tarefa para controlá-lo.

Em resumo, no geral, os participantes reconheceram que a linguagem figurada ainda é uma questão em aberto para a tradução e que uma perspectiva como a da LC poderia ter contribuições a fazer nesse sentido. Entretanto, observamos, através dos relatos dos participantes, certa dificuldade em transpor o conhecimento adquirido em uma rápida capacitação para a tradução de textos. Conforme identificado pelos próprios tradutores, recursos e/ou ferramentas montadas com base nessa perspectiva para a utilização na tradução facilitariam o uso dos pressupostos teóricos da teoria por tradutores com pouca experiência no assunto.

### 5.3 DISCUSSÃO GERAL

Considerando os resultados e as análises apresentadas, nossos dados indicam que a intervenção conforme realizamos, com um pouco mais de duas horas, causou efeito contrário do pretendido no caso das metáforas primárias e não teve efeito significativo nas traduções para metáforas complexas e expressões idiomáticas. Entendemos que isso se deva a alguns fatores, principalmente à duração do treinamento em relação à extensão e dificuldade das tarefas de tradução. O estudo, portanto, não corrobora os resultados geralmente obtidos na área de ensino de L2<sup>40</sup>. Tomando juntos os dados do questionário e do experimento, algumas considerações podem ser feitas.

Com base nos comentários dos participantes sobre suas dificuldades, as metáforas primárias, ao que parece, foram majoritariamente mantidas sem grandes desafios ou impasses. É provável, ainda, que os participantes, principalmente na primeira sessão, nem tenham percebido algumas das metáforas ali presentes, já que as MP são de extrema convencionalidade na maioria das vezes. Isso pode ter sido um fator relevante inclusive para

---

<sup>40</sup> Já que não encontramos estudos que abordassem a tradução especificamente, e sim utilizavam métodos que envolviam a tradução como tarefa e tinham como objetivo principal contribuir com o ensino de línguas.

o grupo experimental na segunda sessão. Levantamos essa hipótese porque os exemplos utilizados na intervenção foram metáforas conceituais mais claramente metafóricas (p. ex. “A festa estava super pra cima”, com BOM É PARA CIMA) e uma capacitação de apenas um encontro pode não ter sido suficiente para que os participantes estendessem o conhecimento obtido para metáforas mais discretas, como é o caso de algumas das MP presentes no estudo (p. ex. “we **go through** our days...”, com PROCESSO É TRAJETÓRIA). Além disso, durante a aplicação da segunda tarefa, pedimos aos participantes que usassem os pressupostos da LC nas traduções quando possível, e isso nem sempre pôde ser verificado nos dados. Temos, como exemplo, o trecho “What if we [...] were told the exact date and **means** of our deaths?”, com a metáfora ACONTECIMENTOS SÃO TRAJETÓRIAS, citado anteriormente. Neste caso, era possível usar ‘meios’ como tradução, mas nenhum participante o fez, preferindo formas como ‘maneira’ ou ‘circunstâncias’.

Nossas conclusões estão em consonância com isso também a respeito da interação significativa entre as variáveis grupo e tempo. Esta interação indica que os grupos se comportaram de maneiras significativamente diversas ao longo das duas sessões. Dado que a única diferença entre os grupos foi a sessão de intervenção e que pedimos que usassem a teoria durante a tarefa, duas coisas podem ter acontecido: os participantes do grupo experimental podem ter focado em expressões e metáforas mais culturais ou diretamente citadas na intervenção e não perceberam outras metáforas menos evidentes, e/ou podem ter se concentrado em reconhecer os domínio alvo e fonte e acabaram traduzindo as expressões pelos domínios alvo. Esta suposição estaria de acordo com a maior dificuldade reportada pelos participantes do grupo experimental na segunda sessão através do questionário.

Ainda, os resultados das tarefas de tradução indicam que as escolhas tradutórias dos participantes parecem respeitar os graus de complexidade dos fenômenos. Isto é, não observamos casos em que uma metáfora primária tenha sido traduzida por uma complexa ou EI, nem ocorrências de MC traduzidas por EI, embora tenhamos tido casos limítrofes. Esses dados estão de acordo com a noção de que os fenômenos figurados estão dispostos em uma ordem específica de complexidade, a saber: metonímia, metáfora primária, metáfora complexa, expressões idiomáticas e provérbios. Os fenômenos, de acordo com essa hipótese, seriam adquiridos nesta ordem ao longo do ciclo vital. Da mesma forma, ao que nossos dados indicam, um fenômeno de certa complexidade dificilmente seria traduzido por outro fenômeno de complexidade maior. Assim, nossos dados corroboram a noção de que existe uma complexidade gradual no *continuum* da linguagem figurada.

No caso das metáforas complexas, vimos anteriormente que os números destas metáforas mantidas como tais nas traduções aumentaram significativamente de uma sessão do estudo para outra em ambos os grupos. Novamente, este resultado refuta a hipótese de que a intervenção causaria mais traduções metafóricas, já que o grupo controle, que não passou pela intervenção, também aumentou significativamente a quantidade de metáforas mantidas. Uma possível explicação para este aumento geral, portanto, seria a de que o texto com MC da segunda tarefa seria mais facilmente traduzível através de linguagem figurada do que o texto da primeira. Entretanto, considerando os dados do questionário, descartamos essa suposição porque os participantes de ambos os grupos reportaram maior dificuldade na segunda sessão. Além disso, vários deles comentaram que perceberam mais expressões figuradas na segunda tarefa<sup>41</sup>.

Isso aponta, inclusive, para um efeito de treino (*testing effect*, cf. CHRISTENSEN, JOHNSON e TURNER, 2015). Por termos duas testagens com tarefas similares, na segunda sessão do estudo os participantes provavelmente já estavam “treinados” na tarefa e, assim, ficaram mais sensíveis ao tópico do estudo, percebendo (e traduzindo com) mais metáforas nesta sessão. Interessantemente, esse efeito não ocorreu para as MP ou EI, talvez pela metaforicidade pouco evidente de uma e da questão linguística de outra.

Além disso, o texto das metáforas complexas na segunda tarefa em especial apresenta mais marcadores de metaforicidade (cf. DIENSTBACH, 2018). Marcadores de metaforicidade são aspectos que deixam um texto mais claramente metafórico para o leitor, neste caso. Com o trecho “the rot at the heart of the system still festers” no segundo texto da segunda tarefa, a concatenação de palavras usadas figurativamente e a associação semântica entre ‘rot’ e ‘festers’ pode ter promovido o marcador de saturação, até constituindo um pequeno nicho metafórico<sup>42</sup> (VEREZA, 2007; 2010). Considerando que esse aspecto provavelmente causou uma maior percepção pelos participantes das metáforas no texto, isso pode ajudar a explicar tanto o aumento significativo no uso de metáforas complexas pelo grupo controle na segunda sessão quanto o motivo pelo qual os participantes reportaram achar a segunda tarefa mais “metafórica”.

---

<sup>41</sup> Também havíamos controlado a dificuldade dos textos através da ferramenta Coh-Metrix (GRAESSER et al., 2004), como afirmamos na seção 4.

<sup>42</sup> Conforme Vereza (2010, p. 708), um nicho metafórico é uma rede ou conjunto de expressões figuradas de um mesmo mapeamento, muito comum em textos argumentativos.

A noção de metaforicidade também pode ajudar a elucidar o fato de que os participantes geralmente usavam linguagem figurada para traduzir EI já na primeira sessão do estudo. Quando comparamos as EI com as metáforas complexas, vemos grande diferença na primeira testagem. Enquanto as MC eram majoritariamente traduzidas literalmente, as EI já eram traduzidas por algum tipo de linguagem figurada cerca de 60% das vezes. Isso sugere que, mesmo que os participantes não soubessem ao certo definir os fenômenos na primeira sessão do estudo, já existia previamente uma certa inclinação dos participantes a uma tradução mais figurada, ou ao menos mais informal, no que tange às EI.

Também não esperávamos como resultado a estagnação do uso de EI nas traduções na segunda tarefa. Explicamos este resultado através de uma questão levantada pelos próprios participantes: a falta de recursos e ferramentas que amparem o tradutor na busca por equivalentes idiomáticos na língua de chegada. Como as EI são por definição fenômenos regularmente fixos, existe uma sobrecarga cognitiva aos tradutores para que lembrem de expressões adequadas em cada contexto figurado específico de um texto. Para evitar bloqueios e otimizar a tradução, glossários ou obras terminológicas ou lexicográficas baseadas na LC poderiam ter grande contribuição. Em geral, dicionários de expressões idiomáticas do inglês são amplamente criados e vendidos pelo mundo em forma física, mas atualmente, não são conhecidos (por nós e por nossos participantes) dicionários/glossários de especificamente de linguagem figurada online ou digitais e facilmente utilizáveis, tampouco baseados na TMC<sup>43</sup>.

Não somente a respeito da EI, diversos participantes defenderam durante o estudo que a teoria ajuda a entender melhor as expressões figuradas, mas conseguir transpor para o português seria uma tarefa ainda mais desafiadora. Essa observação também está em consonância com a hipótese de Mandelblit (1995) de que, nos casos em que a metáfora apresenta domínios diferentes entre as línguas, o tradutor pode ficar “preso” no domínio usado na língua do texto de partida; exatamente como afirmou a P20, conforme reportado na subseção acima. Equilibrar mapeamentos metafóricos conscientes e a naturalidade do discurso em um texto fluido parece requerer maior atenção ou experiência, tanto com a teoria quanto com a prática tradutória. Assim, unir as duas coisas pode ser um grande desafio.

---

<sup>43</sup> De fato, já existem algumas ferramentas bem estabelecidas, como a FrameNet (criada na Universidade da Califórnia em Berkeley, por Charles Fillmore, e trazida para o português brasileiro por pesquisadores da Universidade Federal de Juiz de Fora), o FIELD – Dicionário de Expressões do Futebol e o Dicionário Olímpico (desenvolvidos pelo grupo de pesquisa SemanTec, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Estes três são resultados práticos de pesquisas em teorias e noções da LC, mas não se concentram em questões de linguagem figurada ou da TMC.

Novamente, conforme os próprios participantes sustentaram, algo que poderia auxiliar o tradutor nesse sentido seriam ferramentas como glossários, dicionários ou corpora multilíngues especializados em linguagem figurada.

Também observamos que foram raras as escolhas tradutórias que soassem demasiadamente incomuns aos ouvidos de um falante de português. Poucos casos (*outliers*) aconteceram, como “coroa de louros” para “feather in our hat” (P12), provavelmente por grande empenho em manter uma EI no texto traduzido. Talvez o fato de que tenhamos tido poucos destes indique que a prioridade dos participantes era produzir um texto fluido e claro (metaforicamente falando) na língua de chegada e utilizar expressões figuradas somente em casos de certeza de sua adequação.

É interessante ressaltar que, entre os participantes, houve bastante variabilidade. Analisando dois casos de perto, as traduções dos participantes que usaram quase nenhuma metáfora (p. ex. P8) foram bastante diretas e resultaram num texto de chegada com poucas das nuances semânticas e especificidades presentes no texto de partida. Por outro lado, as traduções que claramente tentaram seguir todas as metáforas possíveis (p. ex. P12) causaram algumas (pouquíssimas, de fato) expressões anômalas em português, quase como forçando as expressões ou mapeamentos do inglês para o português, como o exemplo acima. Considerando que os participantes se comportavam desta maneira quando ainda não haviam passado pela intervenção promovida pelo estudo, imaginamos que um estilo de tradução mais palavra-por-palavra possa ter causado esse efeito, no caso deste último participante.

Ao longo do trabalho, e principalmente na seção de referencial teórico, vimos que vários estudos corroboram a noção de que explicitar as relações entre os domínios ou a sistematicidade da metáfora conceitual, mesmo com intervenções relativamente rápidas, seria útil para aprendizes de língua estrangeira. Entretanto, não obtivemos um resultado que corrobore essa ideia. Sabemos que traduzir demanda processos cognitivos outros do que apenas compreender as metáforas do texto. Essa complexidade entre a análise conceitual da metáfora no texto de partida e a transposição dessa análise a outro sistema conceitual pode ter sido o fator determinante dos nossos resultados. Além disso, os estudos reportados no referencial teórico que obtiveram resultados positivos com intervenções curtas geralmente exigiram tarefas mais simples aos participantes (por exemplo, para completarem listas com as expressões figuradas, frequentemente locuções verbais, na L2), como os estudos de Kövecses e Szabó (1996), Boers (2000) e Kartal e Uner (2017). Apesar de indicar certa compreensão,

completar lacunas não quer dizer exatamente que os participantes dominam o fenômeno ou a teoria nem que vão produzir essas metáforas em situações complexas de uso.

Um estudo já mencionado que ilustra o caso é o de Hastürkoğlu (2018). A autora selecionou expressões idiomáticas sobre cores com base em símiles e as classificou através do critério de SMC ou DMC, conforme Mandelblit (1995). Seus resultados foram significativos e os participantes utilizaram mais metáforas na tarefa após o treinamento. Embora seja o estudo mais parecido com o proposto aqui que podemos encontrar, as EI utilizadas nele estavam descontextualizadas e foram mais diretas do que as nossas atualizações linguísticas, além de estarem repetidos nas tarefas antes e após a intervenção. Em nosso estudo, as expressões estavam inseridas em trechos maiores, autênticos e contextualizados, não se repetiam e os participantes não sabiam exatamente quais expressões dos textos seriam analisadas. Estas características conferem mais validade ecológica ao nosso estudo, já que o aproximam mais de situações reais de tradução. Outro diferencial foi que a capacitação de Hastürkoğlu, mais extensa do que o nosso, abordava questões mais específicas à tradução.

Em resumo, de acordo com os participantes, muito embora o treinamento tenha os sensibilizado para interpretar melhor as expressões metafóricas no texto, ele não obteve sucesso em aumentar a quantidade e a qualidade (em termos de tipo de metáfora) da linguagem figurada presente nos textos. Pensamos que o resultado tenha se dado principalmente pela pequena duração da intervenção realizada em relação a uma tarefa mais extensa do que geralmente se tem em outros experimentos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo descrito aqui teve como objetivo avaliar as contribuições da Linguística Cognitiva (LC), em especial da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), para a tradução de metáforas primárias (MP), complexas (MC) e expressões idiomáticas (EI) metafóricas. Para tanto, um estudo *quasi*-experimental foi conduzido em que expusemos noções da teoria a tradutores novatos e investigamos se suas traduções mantinham as condições dos tipos de linguagem figurada contidos nos textos de partida. Também fez parte da coleta de dados um questionário em que os sujeitos podiam se expressar de forma bastante livre e através do qual buscamos conhecer suas próprias impressões sobre a aplicação da teoria à tradução. De forma geral, a intervenção não teve o efeito de uma capacitação, pois não aumentou o número de metáforas mantidas nos textos traduzidos, mas sim de uma sensibilização aos participantes, já que há indícios de benefícios em relação à percepção e à interpretação das expressões metafóricas (isto é, em relação à competência metafórica).

Temos, portanto, a resposta à nossa primeira questão de pesquisa investigada, que perguntava se 1. tradutores principiantes utilizam mais metáforas nas suas traduções após serem submetidos a um treinamento sobre a TMC. Contrariamente ao que esperávamos a partir da literatura, o uso de metáforas primárias nas traduções diminuiu para o grupo experimental após a intervenção e praticamente permaneceu o mesmo para as EI metafóricas. Já para as metáforas complexas, houve aumento significativo, mas acompanhado de um aumento também do grupo controle. Por isso, não podemos afirmar que essa mudança foi causada pela intervenção. Assim, de fato, em resposta à questão agregada (1a. Se sim, essa maior utilização de metáforas está condicionada a um tipo específico de metáfora?), identificamos comportamentos diferentes nas traduções de cada fenômeno, mesmo que não atreladas a uma maior utilização destes.

Também tivemos a seguinte questão de pesquisa: 2. existem indícios de uma maior satisfação dos participantes em relação ao processo e ao resultado da tradução após o treinamento? Os dados do questionário de impressões sugerem que os participantes perceberam benefícios em ter o apoio da teoria durante o processo, principalmente ao que diz respeito à interpretação dos textos, apesar de haverem reportado maior dificuldade ao traduzirem na segunda sessão. Entendemos que esta dificuldade esteja mais relacionada à busca por equivalentes, assim como vemos nos dados sobre os produtos de tradução. A respeito dos produtos, muitos participantes disseram que não conseguiram o resultado que

buscavam, seja por falta de ferramentas que auxiliassem na busca por equivalentes adequados ou porque se sentiram mais inquietos quanto às opções identificadas por eles. Citando novamente o comentário da P5, “...quanto mais pensamos sobre o texto e sobre as diferenças entre as línguas, mais difícil é traduzir e mais insatisfeita fico com o resultado”. Novamente aqui observamos que talvez uma intervenção mais longa traria mais alento aos participantes quanto a isso. Conhecendo mais sobre o assunto e assim tendo mais recursos, os tradutores provavelmente ficariam mais confiantes e satisfeitos em relação às suas escolhas tradutórias.

Desta forma, a extensão da intervenção realizada é a primeira limitação deste estudo. Através de um treinamento mais longo, que abordasse diferentes usos e efeitos dos tipos de metáfora (ou linguagem figurada em geral), conforme fez Hastürkoğlu (2018), poderíamos ter investigado as possíveis contribuições da teoria com mais exatidão. Infelizmente, neste estudo, tivemos de optar por favorecer a participação dos sujeitos ao promover uma intervenção de apenas uma sessão. Mesmo assim, ainda obtivemos um número relativamente pequeno de participantes. Nesta mesma linha, também pode ter sido uma limitação determinante para os nossos resultados o fato de que não pudemos selecionar uma amostra aleatória nem dividir randomicamente os participantes para cada grupo<sup>44</sup>, já que dependíamos da disponibilidade deles de comparecerem à sessão de capacitação agendada.

Em relação à teoria, uma grande limitação seria a divisão relativamente subjetiva entre metáforas primárias e complexas, já que não existem normas na literatura de como distingui-las mais objetivamente. Nosso método foi baseado no conhecimento da teoria (aquelas metáforas que parecem ser mais universais e calcadas em questões sensoriais são primárias e aquelas mais culturais ou que combinam metáforas são complexas) e na verificação das MP na lista de Grady (1997). Entretanto, dado à própria noção de *continuum* de figuratividade na LC, alguns casos específicos ofereciam mais desafio e não identificamos maneiras mais objetivas de estabelecer essa classificação. Talvez por isso não tenhamos notícia de estudos que compararem interpretações ou o processamento do falante ao ter contato com um ou outro tipo de metáfora. Encorajamos pesquisas futuras neste âmbito.

De forma parecida, enfrentamos certa dificuldade em assegurar o ponto em que uma expressão figurada bastante fixa pode ser considerada uma EI. Diferentemente do caso da metáfora, em que temos o Procedimento de Identificação de Metáforas (MIP, PRAGGLEJAZ, 2009 [2007]) e sua versão aprimorada utilizada neste trabalho, MIPVU

---

<sup>44</sup> Conforme já criticava Boers (2013) em relação a alguns estudos da área.

(STEEN et al., 2010), não existem hoje procedimentos ou diretrizes para a identificação de EI. Optamos por fazer buscas em sites e plataformas de pesquisa com as expressões dúbias e, caso tivessem um número expressivo de resultados que indicassem EI, ela seria considerada como tal. Pesquisas futuras que providenciem uma classificação mais precisa também são bem-vindas neste caso.

Outros aspectos que poderiam ser levantados como limitações dizem respeito a algumas decisões feitas a fim de manter a validade ecológica do estudo. Por exemplo, os participantes puderam consultar a internet durante as sessões, o que poderia ter enviesado os dados conforme a abordagem fornecida pelos sites consultados (ainda que tenhamos observado suas buscas de uma distância apropriada). Também, as tarefas requeriam certo esforço cognitivo pelo fato de serem três textos, o que poderia ter cansado os participantes. Contudo, pensamos que estas não tenham sido questões preocupantes em relação a variáveis intervenientes, e sim aproximam o estudo de uma situação genuína de tradução.

Como mencionado anteriormente, compreendemos que traduzir demanda processos cognitivos complexos por si só (SHREVE e ANGELONE, 2010; ROJO, 2015; SCHWIETER e FERREIRA, 2017). Além de desempenhar tarefas de tradução, nossos participantes tiveram de adquirir o conhecimento de uma teoria e aplicá-la; tudo em um período relativamente curto de tempo. A complexidade das atividades de análise conceitual da metáfora no texto de partida e de transposição dessa análise a outro sistema conceitual é um fator importante a se considerar na pesquisa sobre tradução de linguagem figurada e pode ter sido determinante em nossos resultados. O fato é que pesquisas ainda são bastante iniciais quanto aos processos cognitivos por trás da tradução de linguagem figurada. Apesar das pesquisas sobre processamento de metáforas serem um pouco mais desenvolvidas (p. ex. GIBBS, GOULD e ANDRIC, 2006; CITRON e GOLDBERG, 2014; CITRON et al., 2019), ainda existe ainda uma lacuna em relação a estudos que unam esses dois temas.

Mesmo que com limitações, nossos achados são relevantes na medida em que não estão de acordo com os estudos de intervenção na literatura (mencionados nas seções 2.3.1). Esses estudos tinham principalmente como objetivo verificar as contribuições da TMC/LC para o ensino de línguas, e nossa suposição de que os resultados seriam parecidos para a tradução não foi ratificada. Dado que a diferença nos resultados aconteceu provavelmente pela extensão da intervenção em relação à complexidade da tarefa requerida, nossos resultados podem informar pesquisas futuras tanto em relação à metodologia quanto a

respeito da tradução e da metáfora. Isso acontece ao passo que abordamos a tradução de metáforas empiricamente, buscando obter resultados objetivamente fidedignos. Também constatamos que, apesar das complexidades envolvidas, pode haver contribuições ao unir a TMC à tradução, mesmo que somente em termos da interpretação do texto pelos tradutores. Em relação à aplicação da teoria à tradução em termos práticos, ainda são necessários estudos que a corroborem.

Além desses, outro diferencial importante deste estudo foram os questionários de impressões, que nos permitiram dar voz aos próprios tradutores que seriam ou não beneficiados pela aplicação da TMC à prática tradutória. Algumas das críticas às propostas cognitivistas para a tradução, por exemplo, estão relacionadas ao fato de que existem situações de tradução em que os tradutores simplesmente podem escolher conscientemente deixar mapeamentos de lado em favor de um outro tipo de procedimento ou estratégia e isso não seria levado em conta em estudos descritivos da tradução (SAMANIEGO, 2011). Esta questão não nos inquieta porque, através dos questionários, os participantes poderiam também falar sobre suas estratégias durante as tarefas.

Reconhecemos que, nem sempre que uma metáfora é mantida no texto de chegada, a tradução será mais adequada ou mais equivalente. Por exemplo, como mencionamos anteriormente, no caso de “**framing** at least 51 people for murder”, trecho da segunda tarefa, alguns participantes utilizaram o verbo ‘enquadrar’, que mantém a metáfora conceitual complexa, mas não tem as mesmas nuances de sentido devido a diferenças entre as línguas envolvidas. Para evitar esse tipo de questão, o ideal seria investigar, em estudos futuros, a utilização da teoria aqui esposada junto aos conhecimentos linguístico e de mundo dos tradutores.

É necessário frisar também que, além de questões cognitivas, culturais e textuais, a tradução apresenta a particularidade de ser uma atividade remunerada, com “prazos, clientes e ainda uma série de fatores externos que também influenciam a tradução” (BAIOCCO e SIQUEIRA, 2018, p 88). Assim, os tradutores trabalham com restrições e entraves que não necessariamente influenciaram este estudo, mas que devem ser levadas em conta ao considerarmos a prática tradutória profissional.

Por fim, reiteramos que uma teoria linguística, seja sobre qualquer fenômeno da linguagem, sempre pode se fazer útil para a atividade de tradução. Destacamos a possibilidade de os profissionais da linguagem procurarem por perspectivas que possam

ajudar a entender os mecanismos por trás das expressões figuradas. Já que as motivações ou o uso de linguagem figurada podem influenciar diretamente a interpretação de um texto, um conhecimento mais profundo dos mecanismos que regem os fenômenos em questão pode guiar o tradutor até melhores soluções.

O trabalho aqui apresentado pretende ter levantado contribuições para a perspectiva da LC, na medida em que procuramos aplicar seus pressupostos teóricos a mais um campo de estudo multilinguístico. Por outro lado, pesquisas que tratam da tradução através de visões e métodos mais cognitivistas também podem ser informadas por nosso estudo. Ainda que os resultados não tenham sido os esperados, as investigações acerca de maneiras mais adequadas e vantajosas para lidar com a tradução de metáforas ainda devem possibilitar pesquisas por bastante tempo na linguística e áreas afins. Com as palavras da P9 através do questionário de impressões, “definitivamente existe uma lacuna para a tradução de expressões [figuradas] e precisamos de recursos melhores para lidar com isso”.

## REFERÊNCIAS

AL-HASSNAWI, Ali. A Cognitive Approach to Translating Metaphors. *Translation Journal*, v. 11, n. 3, 2007.

ALVES, Fábio; HURTADO ALBIR, Amparo. Translation as a cognitive activity. In: MUNDAY, Jeremy (Ed.). *The Routledge Companion to Translation Studies*. Abingdon: Taylor & Francis Group, 2009, p. 54-73.

ALVES, Fábio; HURTADO ALBIR, Amparo. Evolution, Challenges, and Perspectives for Research on Cognitive Aspects of Translation. In: SCHWIETER, John; FERREIRA, Aline (Eds.). *The Handbook of Translation and Cognition*. Nova Jersey: Wiley Blackwell, 2017, p. 537-554.

ARISTÓTELES. (séc IV a.C.) *Poética*. 3. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BAIOCCO, Laura. *Tradução de Linguagem Figurada: Uma análise comparativa com base na Teoria da Metáfora Conceitual*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 53f., 2017.

BAIOCCO, Laura; SIQUEIRA, Maity. Como se traduz metáfora? Uma análise com base na teoria da metáfora conceitual. *Linguagem em Foco*, v. 10, n. 2, p. 79 - 89, 2018.

BARCELONA SÁNCHEZ, Antonio. Metaphorical expressions in interlinguistic lexicography: A cognitive approach. In: SOLAS, Ricardo; LAZARO, Luis; GURPEGUI, José (Eds.). *XVIII Congreso de AEDEAN*. Alcalá, Espanha: Servicio de Publicaciones, 1997, p. 83-91.

BOERS, Frank. Metaphor awareness and vocabulary retention. *Applied Linguistics*, v. 21, n. 4, p. 553–571, 2000.

BOERS, Frank. Remembering figurative idioms by hypothesising about their origin. *Prospect*, v. 16, n. 3, p. 35–43, 2001.

BOERS, Frank. Cognitive Linguistic approaches to teaching vocabulary: Assessment and integration. *Language Teaching*, v. 46, n. 2, p. 208-224, 2013.

BOERS, Frank; LINDSTROMBERG, Seth (Eds.). *Cognitive Linguistic Approaches to Teaching Vocabulary and Phraseology*. Berlin: De Gruyter, 2008.

BOHRN, Isabel; ALTMANN, Ulrike; JACOBS, Arthur. Looking at the brains behind figurative language - A quantitative meta-analysis of neuroimaging studies on metaphor, idiom, and irony processing. *Neuropsychologia*, v. 50, p. 2669-2683, 2012.

BOULENGER, Véronique; HAUKE, Olaf; PULVERMUELLER, Friedemann. Grasping ideas with the motor system: Semantic somatotopy in idiom comprehension. *Cerebral Cortex*, v. 19, p. 1905–1914, 2009.

CAMERON, Lynne; DEIGNAN, Alice. The Emergence of Metaphor in Discourse. *Applied Linguistics*, v. 27, n. 4, p. 671–690, 2006.

CARROL, Gareth; LITTLEMORE, Jeannette; DOWENS, Margareth. Of false friends and familiar foes: Comparing native and non-native understanding of figurative phrases. *Lingua*, v. 204, p. 21-44, 2018.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. Second language figurative proficiency: A comparative study of Malay and English. *Applied Linguistics*, v. 23, p. 104-133, 2002.

CHRISTENSEN, Larry; JOHNSON, R. Burke; TURNER, Lisa. *Research Methods, Design, and Analysis*. 12<sup>a</sup> Ed. Nova Jersey: Pearson, 2015.

CITRON, Francesca. *Metaphor and Emotion*. Oxford: The Creative Power of Metaphor Conference, 2019. (Comunicação oral em painel temático).

CITRON, Francesca; CACCIARI, Cristina; FUNCKE, Jakob; HSU, Chun-Tin; JACOBS, Arthur. Idiomatic expressions evoke stronger emotional responses in the brain than literal sentences. *Neuropsychologia*, v. 131, p. 233-248, 2019.

CITRON, Francesca; GOLDBERG, Adele. Metaphorical sentences are more emotionally engaging than their literal counterparts. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 26, n. 11, p. 2585–2595, 2014.

CITRON, Francesca; GÜSTEN, Jeremie; MICHAELIS, Nora; GOLDBERG, Adele. Conventional metaphors in longer passages evoke affective brain response. *NeuroImage*, v. 139, p. 218–230, 2016.

COLSTON, Herbert. *Using figurative language*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2015.

DAGUT, Menachem. Can "Metaphor" Be Translated? *Babel*, v. 22, n. 1, p. 21-33, 1976.

DEIGNAN, Alice; GABRYŚ, Danuta; SOLSKA, Agnieszka. Teaching English metaphors using cross-linguistic awareness-raising activities. *ELT Journal*, v. 51, n. 4, p. 352-360, 1997.

DIENSTBACH, Dalby. *Metaforicidade nos Gêneros Discursivos: a natureza das metáforas e a sua relação com os tipos de discurso*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 275f., 2017.

DIENSTBACH, Dalby. Por uma análise sistemática da metaforicidade no discurso. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 18, n. 2, p. 287-306, 2018.

DIRVEN, Renè. *Metaphor and nation: Metaphors Afrikaners live by*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.

ENQUADRAR. *Dicio: Dicionário Online do Português*, 2019. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/enquadrar/>> . Acesso em 23/07/2019.

EVANS, Vyvyan. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2007.

FRAME. *Merriam-Webster Dictionary*, 19/07/2019. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/frame>>. Acesso em 23/07/2019.

GRAESSER, Arthur; McNAMARA, Danielle; LOUWERSE, Max; CAI, Zhiqiang. Coh-Metrix: Analysis of text on cohesion and language. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, v. 36, p. 193-202, 2004.

GIBBS Jr., Raymond. *Embodiment and Cognitive Science*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005.

GIBBS Jr., Raymond. *Metaphor Wars: Conceptual metaphors in human life*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2017.

GIBBS Jr., Raymond; BOGDANOVICH, Josephine; SYKES, Jeffrey; BARR, Dale. Metaphor in idiom comprehension. *Journal of memory and language*, v. 37, p. 141-154, 1997.

GIBBS Jr., Raymond; GOULD, Jessica; ANDRIC, Michael. Imagining metaphorical actions: embodied simulations make the impossible plausible. *Imagination, Cognition and Personality*, v. 25, n. 3, p. 221-238, 2006.

GOOSSENS, Louis. Metaphtonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 3, p. 323-340, 1990.

GRADY, Joseph. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade da Califórnia, Berkeley, 300 f., 1997.

HALVERSON, Sandra. Cognitive models, prototype effects and ‘translation’: The role of cognition in translation (meta)theory. *Across Languages and Cultures*, v. 3, p. 21–43, 2002.

HALVERSON, Sandra. The cognitive basis of translation universals. *Target*, v. 15, n. 2, p. 197–241, 2003.

HALVERSON, Sandra. Implications of Cognitive Linguistics for Translation Studies. In: ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide (Eds.). *Cognitive Linguistics and Translation*. Berlim: De Gruyter, 2013, p. 33-73.

HASTÜRKOĞLU, Gökçen. Incorporation of Conceptual Metaphor Theory in translation pedagogy: A case study on translating simile-based idioms. *Australian Journal of Linguistics*, v. 38, n. 4, p. 467-483, 2018.

JOHNSON, Janice. Metaphor interpretations by second language learners: Children and adults. *The Canadian Modern Language Review*, v. 53, n. 1, p. 219–241, 1996.

KARTAL, Galip; UNER, Seda. The effects of conceptual metaphors on the acquisition of phrasal verbs by Turkish EFL learners. *European Journal of Foreign Language Teaching*, v.2, n. 2, 2017.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: A practical introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSESE, Zoltán. Conceptual metaphor theory and the nature of difficulties in metaphor translation. In: MILLER, Donna; MONTI, Enrico (Eds.). *Tradurre Figure/Translating Figurative Language*. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014, p. 25-39.

KÖVECSESE, Zoltán; SZABÓ, Peter. Idioms: A view from Cognitive Semantics. *Applied Linguistics*, v. 17, n. 3, 1996.

LACEY, Simon; STILLA, Randall; SATHIAN, K. Metaphorically feeling: Comprehending textural metaphors activates somatosensory cortex. *Brain and Language*, v. 120, p. 416–421, 2012.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than a Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGLOTZ, Andreas. *Idiomatic Creativity: A cognitive-linguistic model of idiom-representation and idiom-variation in English*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

LAVIOSA, Sara. Core patterns of lexical use in a comparable corpus of English narrative prose. *Meta* v. 43, n.4, p. 557–570, 1998.

LI, Thomas. *Metaphor, image, and image schemas in second language pedagogy: The acquisition of metaphorical expressions, idioms, and proverbs by Chinese learners of English*. Koln: Lambert Academic, 2009.

LITTLEMORE, Jeannette. Metaphoric Competence: A language learning strength of students with a holistic cognitive style? *TESOL Quarterly*, v. 35, n. 3, p. 459-491, 2001a.

LITTLEMORE, Jeannette. The use of metaphor in university lectures and the problems that it causes for overseas students. *Teaching in Higher Education*, v. 6, n. 3, p. 333-349, 2001b.

LITTLEMORE, Jeannette. *Applying Cognitive Linguistics to Second Language Learning and Teaching*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

LITTLEMORE, Jeannette. Metaphoric competence in the first and second language: Similarities and differences. In: PÜTZ, Martin; SICOLA, Laura (Eds.). *Cognitive Processing in Second Language Acquisition: Inside the learner's mind*. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 293 – 316.

LITTLEMORE, Jeannette; KRENNMAYR, Tina; TURNER, James; TURNER, Sarah. An Investigation into metaphor use at different levels of second language writing. *Applied Linguistics* v. 35, n. 2, p. 117 - 144, 2014.

LITTLEMORE, Jeannette; LOW, Graham. *Figurative thinking and foreign language learning*. Londres: Palgrave Macmillan, 2006.

LOW, Graham. On teaching metaphor. *Applied Linguistics*, v. 9, n. 2, p. 125-147, 1988.

MAALEJ, Zouheir. Translating metaphor between unrelated cultures: A cognitive-pragmatic perspective. *Sayyab Translation Journal*, v. 1, p. 60-82, 2008.

MALASZKIEWICZ, Paula. *Conceptualização metafórica da anatomia em português: artérias, veias e nervos*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 101f., 2013.

MANDELBLIT, Nili. The cognitive view of metaphor and its implications for translation theory. *Translation and meaning*, v. 3, p. 482 - 495, 1995.

MARTÍN DE LEÓN, Celia. Who cares if the cat is on the mat? Contributions of cognitive models of meaning to translation. In: ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide (Eds.). *Cognitive Linguistics and Translation*. Berlin: De Gruyter, 2013, p. 99-122.

MILLER, Donna; MONTI, Enrico (Eds.). *Tradurre Figure/Translating Figurative Language*. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014.

NAYAK, Nandini; GIBBS Jr., Raymond. Conceptual knowledge in the interpretation of idioms. *Journal of Experimental Psychology: General*, v. 119, n. 3, p. 315 - 330, 1990.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. Hempstead: Prentke Hall International, 1988.

NORD, Christiane. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist approaches explained*.

Manchester: St. Jerome, 1997.

PONTEROTTO, Diane. Cross-cultural variation in idiomatic expression: Insights from Conceptual Metaphor Theory and implications for Translation Studies In: TABAKOWSKA, Elżbieta; CHOIŃSKI, Michał; WIRASZKA, Łusasz (Eds.). *Cognitive Linguistics in Action: From theory to application and back*. Berlin: De Gruyter, 2010, p. 345-369.

PRAGGLEJAZ. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

PRAGGLEJAZ. PIM: Um método para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso. Trad. Dalby Dienstbach. *Cadernos de Tradução (UFRGS)*, n. 25, p. 77-120, 2009.

PROBE. *Merriam-Webster Dictionary*, 12/07/2019. Disponível em <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/probe>>. Acesso em 18/07/2019.

RABADÁN, Rosa. *Equivalencia y Traducción: problemática de la equivalencia transléctica inglés-español*. León: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1991.

ROJO, Ana. Applying Frame Semantics to Translation: A practical example. *Meta*, v. 47, n. 3, p. 312–350, 2002.

ROJO, Ana. Translation Meets Cognitive Science: The Imprint of Translation on Cognitive Processing. *Multilingua*, v. 34, n. 6, p. 721-746, 2015.

ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide (Eds.). *Cognitive Linguistics and Translation*. Berlin: De Gruyter, 2013a.

ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Cognitive Linguistics and Translation Studies: Past, present and future. In: ROJO, Ana; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide (Eds.). *Cognitive Linguistics and Translation*. Berlin: De Gruyter, 2013b, p. 3-30.

ROJO, Ana; RAMOS, Marina; VALENZUELA, Javier. The emotional impact of translation: A heart rate study. *Journal of Pragmatics*, v. 71, p. 31-44, 2014.

SAMANIEGO FERNÁNDEZ, Eva. Translation Studies and the cognitive theory of metaphor. *Review of Cognitive Linguistics*, v. 9, p. 262-279, 2011.

SAYGIN, Ayse. Processing figurative language in a multi-lingual task: Translation, transfer and metaphor. In: *Proceedings of Corpus-Based & Processing Approaches to Figurative Language Workshop*. Lancaster: Lancaster University, UK. 2001.

SCHÄFFNER, Christina. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. *Journal of Pragmatics*, v. 36. p. 1253–1269, 2004.

SCHÄFFNER, Christina. Metaphor in translation. In: SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (Eds.). *The Routledge Handbook of Metaphor and Language*. Abington, UK: Routledge, 2016, p. 247–262.

SCHMALTZ, Márcia. *Resolução de problemas na tradução de metáforas linguísticas do chinês para o português: um estudo empírico-experimental*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras e Humanas, Universidade de Macau, Taipa, 302 f., 2015.

SCHOLL, Ana Paula; FINGER, Ingrid. Elaboração de um questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues. *Nonada: Letras em Revista*, v. 2, n. 21, 2013.

SCHWIETER, John; FERREIRA, Aline (Eds.). *The Handbook of Translation and Cognition*. Nova Jersey: Wiley Blackwell, 2017.

SHREVE, Gregory; ANGELONE, Erik (Eds.). *Translation and Cognition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2010.

SHUTTLEWORTH, Mark. Translation studies and metaphor studies: Possible paths of interaction between two well-established disciplines. In: MILLER, Donna; MONTI, Enrico (Eds.). *Tradurre Figure/Translating Figurative Language*. Emilia-Romagna: Università di Bologna, 2014, p. 53-65.

SIQUEIRA, Maity; LAMPRECHT, Regina. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico. *Delta*. v. 23, n. 2, p. 245-272, 2007.

SJØRUP, Annette. *Cognitive effort in metaphor translation: an eye-tracking and key-logging study*. Tese (Doutorado em Linguagem e Cultura). Escola de Doutorado em Direito, Linguagem, Informática, Gerenciamento de Operações, Contabilidade e Cultura, Escola de Administração de Copenhague, Frederiksberg, DK, 246 f., 2013.

STEEN, Gerard. Translating metaphors: What's the problem? In: MILLER, Donna; MONTI, Enrico (Eds.). *Tradurre Figure/Translating Figurative Language*. Emilia-Romagna, IT: Università di Bologna, 2014, p. 11-24.

STEEN, Gerard; DORST, Aletta; HERRMANN, J. Berenike; KAAL, Anna; KRENNMAYR, Tina; PASMA, Trijntje. *A method for linguistic metaphor identification*. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

TABAKOWSKA, Elżbieta. *Cognitive linguistics and poetics of translation*. Tübingen, Alemanha: Gunter Narr, 1993.

TEBBIT, Simon. *Metaphor in Biblical Translation: A Study of the Translation of Metaphorical Concepts in the Fourth Gospel in Modern Italian Bibles*. Tese (Doutorado em Filosofia). Perth: University of Western Australia, 2013.

TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. Metaphors in translation processes and products. *Quaderns. Revista de traducció*, v. 6, p. 11-15, 2001.

TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. Metaphoric expressions in translation processes. *Across Languages and Cultures*, v. 3, n. 1, p. 101-116, 2002.

TÜRKER, Ebru. The role of L1 conceptual and linguistic knowledge and frequency in the acquisition of L2 metaphorical expressions. *Second Language Research*, v. 32, n. 1, p. 25 - 48, 2016.

VAN DEN BROECK, Raymond. The Limits of Translatability Exemplified by Metaphor Translation. *Poetics Today*, v. 2, n. 4, p. 73-87, 1981.

VANDAELE, Sylvie. Os modos de conceitualização do ser vivo: uma abordagem linguística. Trad. Joice Monticelli Furtado e Paula Fernanda Malaszkiewicz, *Cadernos de Tradução*, n. 25, p. 235-255, 2009.

VANDAELE, Sylvie. Conceptualisation indices in health and life sciences translation: an experientialist approach. In: MONTALT, Vicent; ZETHSEN, Karen; KARWACKA, Wioleta (Eds.). *Retos actuales y tendencias emergentes en traducción médica/Current challenges and emerging trends in medical translation*. MonTI 10, 2018, p. 225-256.

VEREZA, Solange. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, Solange. Articulating the conceptual and the discursive dimensions of figurative language in argumentative texts. *DELTA*, v. 26, n. esp., p. 701-718, 2010.

YU, Ning. *The contemporary theory of metaphor: A perspective from Chinese*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO DE PROFICIÊNCIA

### QUESTIONÁRIO DE AUTOAVALIAÇÃO DE PROFICIÊNCIA E HISTÓRICO DA LINGUAGEM\*

Participante nº: \_\_\_\_\_

(não preencher)

Nome: \_\_\_\_\_ Ano de ingresso na Letras: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Já fez alguma cadeira de tradução? Qual? \_\_\_\_\_

1. Liste todas as línguas que você conhece na ordem em que foram adquiridas (1 sendo sua língua nativa):

Língua 1		Língua 3	
Língua 2		Língua 4	

2. Informe a idade em que você:

	Inglês L2	L3	L4
Começou a aprender	_____ anos	_____ anos	_____ anos
Começou a usar ativamente	_____ anos	_____ anos	_____ anos
Tornou-se fluente *	_____ anos	_____ anos	_____ anos

\*Caso não seja fluente, deixe em branco.

3. Indique onde você aprendeu as línguas que não são sua língua nativa (Língua 1).  
Marque quantas opções forem necessárias:

Inglês L2	L3	L4
<input type="checkbox"/> Casa	<input type="checkbox"/> Casa	<input type="checkbox"/> Casa
<input type="checkbox"/> Escola	<input type="checkbox"/> Escola	<input type="checkbox"/> Escola
<input type="checkbox"/> Curso de línguas	<input type="checkbox"/> Curso de línguas	<input type="checkbox"/> Curso de línguas
<input type="checkbox"/> Sozinho	<input type="checkbox"/> Sozinho	<input type="checkbox"/> Sozinho
<input type="checkbox"/> Outro _____	<input type="checkbox"/> Outro _____	<input type="checkbox"/> Outro _____

4. Indique, em uma escala de 1 a 5, qual foi o impacto de cada um destes fatores para a sua aprendizagem de línguas:

1 = muito baixo    2 = baixo    3 = razoável    4 = alto    5 = muito alto

	Inglês L2	L3	L4
Interação com a família			
Interação com os amigos			
Leitura geral			
Assistir televisão, séries e filmes			
Ouvir música			
Uso da internet e aplicativos			
Curso de línguas			
Outro _____			

5. Informe o número de vezes que você já viajou a um país anglofalante (onde a população é falante de inglês) ou em que teve que se comunicar em inglês.

País	Ano	Período de estadia*

\*Pode ser uma data aproximada (ex. cerca de dois meses).

6. Marque com um X em que língua você realiza estas atividades e circule o número correspondente à frequência com que elas acontecem:

1 = algumas vezes por ano      2 = uma vez por mês      3 = algumas vezes por mês  
 4 = uma vez por semana      5 = mais de uma vez por semana      6 = diariamente

	Inglês L2	Frequência	_____ L3	Frequência	_____ L4	Frequência
Fala com amigos		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Fala com familiares		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Fala na universidade ou no trabalho		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Usa para estudar		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Lê/escreve em redes sociais		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6
Lê/escreve textos variados		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6		1 2 3 4 5 6

**7. Circule, em uma escala de 1 a 6, o número que corresponde ao seu nível de proficiência nas línguas:**

**1 = muito baixo 2 = baixo 3 = razoável 4 = bom 5 = muito bom 6 = muito proficiente**

**Inglês L2**

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

**\_\_\_\_\_ L3**

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

**\_\_\_\_\_ L4**

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

**8. Caso você já tenha realizado algum teste de proficiência, por favor, informe:**

Língua	Teste	Ano	Pontuação

\* Questionário adaptado de Scholl e Finger (2013).

**APÊNDICE B – PRIMEIRA TAREFA DE TRADUÇÃO****TAREFA DE TRADUÇÃO 1**

Nome:

Ano de início no curso de Letras:

**Traduza os três textos abaixo de forma livre. Eles foram retirados de textos jornalísticos e o público alvo é diversificado.**

1:

Texto original:

Recently, I've been lucky enough to be around a lot of people who I would regard as moral heroes. They spend their lives fighting poverty, caring for the young or the sick, or single-mindedly dedicated to some cause. I've been wondering what traits such people tend to have in common. The first is that they didn't overthink their decision before choosing to live this way. They didn't weigh the costs and benefits or wage any internal battle with themselves. As Anne Colby and William Damon write, "We saw an unhesitating will to act, and a simplicity of moral response."

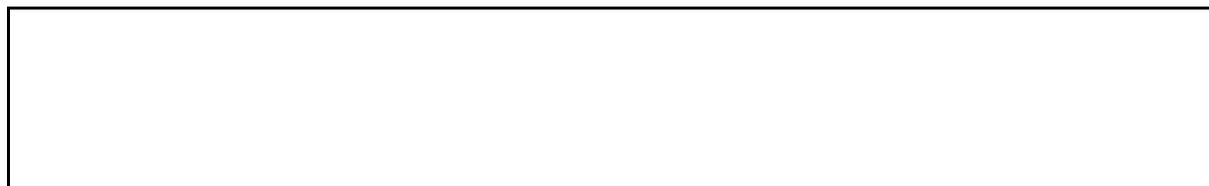
Tradução:

2:

Texto original:

United States authorities are investigating hundreds of newly uncovered payments from Russian diplomatic accounts. Authorities appear to be digging into the entire Russian diplomatic corps operating in the US, with bank records dating back 10 years that show financial conduct flagged as suspicious. The official with knowledge of Mueller's probe said it is examining a wide range of financial behavior by Russian diplomats.

Tradução:



3:

Texto original:

Six bridesmaids and four pageboys played a major supporting role as Prince Harry and Meghan Markle tied the knot. Prince George and Princess Charlotte - Prince Harry's niece and nephew - were among the children, all aged between two and seven, under the spotlight of the world's media at St George's Chapel, Windsor. The bridesmaids had to be given a helping hand as they walked up the steps of the Chapel.

Tradução:



## APÊNDICE C – SEGUNDA TAREFA DE TRADUÇÃO

### TAREFA DE TRADUÇÃO 2

Nome:

Data:

**Traduza os textos abaixo levando em consideração as noções sobre linguagem figurada da perspectiva da Linguística Cognitiva quando possível. Eles foram novamente retirados de textos jornalísticos e o público alvo é diversificado.**

1:

Texto original:

“Most of the time, we go through our days unaware, not thinking of our mortality,” says Chris Feudtner, an ethicist at the University of Pennsylvania. “We cope by focusing on the things more directly in front of us.” What would happen, though, if the ambiguity surrounding our own demise were taken away? What if we all suddenly were told the exact date and means of our deaths? While this is, of course, impossible, careful consideration of this hypothetical scenario can shed light on our motivations as individuals and societies and hint at how to best spend our limited time on this Earth.

Tradução:

2:

Texto original:

Chicago Police Detective Reynaldo Guevara is accused of framing at least 51 people for murder. When a group of mothers, aunts and sisters found that no officials wanted to take up their cause, the women went in search of justice themselves. But the rot at the heart of the system still festers — to this day. It points to a much more sweeping and disturbing narrative: This is the story not merely of one allegedly rogue cop, but of serious problems in Chicago’s criminal justice system.

Tradução:

3:

Texto original:

For years, Meghan Markle lived relatively under the radar. However, she supposedly used to hang around with famous Canadian personalities as she moved there to start her acting career. Markle has spoken about how she has embraced Canada as a second home and the feeling is reciprocated. Former society columnist Rosemary Sexton says "it wouldn't matter who Prince Harry had chosen as far as Canadian society goes, because she would be welcomed with open arms". Still, Sexton says that having a Canadian - even an adopted one - marrying royalty is "a real feather in our cap".

Tradução:

**APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE IMPRESSÕES (CONTROLE)**

**QUESTIONÁRIO DE IMPRESSÕES DA TRADUÇÃO  
GRUPO CONTROLE**

Nome: \_\_\_\_\_ Tempo de experiência em tradução: \_\_\_\_\_

Tempo médio (em hrs) que traduz por semana: \_\_\_\_\_

**Responda aos questionamentos abaixo da forma mais objetiva e sincera possível.**

**I - Background**

1. Você conhece alguma teoria sobre metáfora ou linguagem figurada?

( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_ ( ) Não.

2. Em contextos normais/cotidianos de trabalho, qual você diria que é o nível de dificuldade em traduzir metáfora? Indique na escala.

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

3. Em contextos normais/cotidianos de trabalho, qual você diria que é o nível de dificuldade em traduzir expressões figuradas fixas (idiomáticas)? Indique na escala.

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

4. Indique, na escala de 1 a 5, o quão você acha importante utilizar uma teoria linguística para a tradução de fenômenos de linguagem figurada.

**1 = muito pouco    2 = pouco    3 = médio    4 = consideravelmente    5 = muito**

**II - Processo**

1. Indique, na escala de 1 a 5, o nível de dificuldade que você sentiu ao traduzir a *primeira* tarefa de tradução, realizada na primeira sessão do estudo:

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

2. Indique, na escala de 1 a 5, o nível de dificuldade que você sentiu ao traduzir a *segunda* tarefa de tradução, realizada hoje:

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

2a. Se houve diferença, justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

---

---

---

### III - Produto

1. Assinale o quão satisfeito você ficou com o produto final das suas traduções na *primeira* tarefa de tradução, realizada na primeira sessão do estudo.



1



2



3



4



5

2. Assinale o quão satisfeito você ficou com o produto final das suas traduções na *segunda* tarefa de tradução, realizada hoje.



1



2



3



4



5

2a. Se houve diferença, justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

---

---

---

**Algum dos textos foi mais difícil de traduzir do que os outros? Alguma metáfora ou expressão foi mais difícil do que outras?** \_\_\_\_\_

---

---

**Você tem outros comentários sobre o que foi abordado nesta pesquisa?** \_\_\_\_\_

---

---

---

**APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE IMPRESSÕES (EXPERIMENTAL)**

**QUESTIONÁRIO DE IMPRESSÕES DA TRADUÇÃO  
GRUPO EXPERIMENTAL**

Nome: \_\_\_\_\_ Tempo de experiência em tradução: \_\_\_\_\_

Tempo médio (em hrs) que traduz por semana: \_\_\_\_\_

**Responda aos questionamentos abaixo da forma mais objetiva e sincera possível.**

**I - Background**

1. Você conhecia a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) previamente à aula/treinamento?

- ( ) Nunca tinha ouvido falar.                      ( ) Conhecia noções básicas.  
( ) Tinha apenas ouvido falar.                      ( ) Conhecia bastante.

2. Você conhece alguma outra teoria sobre metáfora ou linguagem figurada?

- ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_                      ( ) Não.

3. Em contextos normais/cotidianos de trabalho, qual você diria que é o nível de dificuldade em traduzir metáfora? Indique na escala.

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

4. Em contextos normais/cotidianos de trabalho, qual você diria que é o nível de dificuldade em traduzir expressões figuradas fixas (idiomáticas)? Indique na escala.

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

5. Indique, na escala de 1 a 5, o quão você acha importante utilizar uma teoria linguística para a tradução de fenômenos de linguagem figurada.

**1 = muito pouco    2 = pouco    3 = médio    4 = consideravelmente    5 = muito**

**II - Processo**

1. Indique, na escala de 1 a 5, o nível de dificuldade que você sentiu ao traduzir a *primeira* tarefa de tradução, realizada na primeira sessão do estudo:

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

2. Indique, na escala de 1 a 5, o nível de dificuldade que você sentiu ao traduzir a *segunda* tarefa de tradução, realizada hoje:

**1 = muito fácil    2 = pouco fácil    3 = médio    4 = pouco difícil    5 = muito difícil**

3. A teoria de metáfora vista em aula (TMC) influenciou seu *processo* de tradução hoje?

( ) Sim      ( ) Não

4. Se sim, indique na escala o nível de impacto que a teoria exerceu no seu *processo* de tradução.

1 = muito pouco      2 = pouco      3 = médio      4 = consideravelmente      5 = muito

5. Indique na escala o *teor* do impacto que a teoria exerceu nas suas traduções de hoje.



1



2



3



4



5

5a. Justifique sua resposta: \_\_\_\_\_

---



---



---

### III - Produto

1. O quão satisfeito você ficou com o produto final das suas traduções na primeira tarefa de tradução, realizada na primeira sessão do estudo?



1



2



3



4



5

2. O quão satisfeito você ficou com o produto final das suas traduções na tarefa de tradução realizada hoje?



1



2



3



4



5

3. A teoria de metáfora vista em aula (TMC) influenciou o *produto final* da sua tradução?

( ) Sim      ( ) Não

4. Se sim, indique na escala o nível de impacto que a teoria exerceu na sua tradução final.

1 = muito pouco      2 = pouco      3 = médio      4 = consideravelmente      5 = muito

5. Indique se/quanto você acha que o produto final das suas traduções de hoje foi melhor ou pior do que as da primeira sessão.



1



2



3



4



5

**Algun dos textos foi mais difícil de traduzir do que os outros? Alguma metáfora ou expressão foi mais difícil do que outras?** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Você tem outros comentários sobre o que foi abordado nesta pesquisa?** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE F – TCLE (CONTROLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO GRUPO CONTROLE

Você está sendo convidado a colaborar como participante da pesquisa “Tradução de linguagem figurada: a Linguística Cognitiva na prática e no processo tradutório”. Por favor, leia os seguintes esclarecimentos a fim de decidir se participará da pesquisa.

O projeto objetiva investigar a tradução de linguagem figurada. Além de ser reconhecida como desafios para tradutores, a linguagem figurada é muito frequente nas nossas comunicações diárias, como quando alguém diz que uma reunião foi pesada ou que está se sentindo para cima. Assim, esta pesquisa deverá contribuir para a comunidade científica e profissional com uma reflexão teórica e aplicada sobre esse tipo de fenômeno.

Sua participação neste projeto envolve a realização de duas tarefas de tradução, de aproximadamente 45 minutos cada. Nas tarefas, você deverá traduzir três trechos jornalísticos do inglês para o português. Além disso, responderá um questionário de proficiência em inglês e um questionário de impressões sobre as traduções que não deverá levar mais de 10 minutos. Normalmente, não há desconfortos relacionados à sua participação além do risco de cansaço. A sua inclusão neste projeto é voluntária. Suas respostas serão inseridas em um banco de dados construído especificamente para este estudo, ficarão armazenadas por no máximo dois anos no computador da pesquisadora orientadora, no Gabinete 117 do Instituto de Letras da UFRGS, e serão utilizadas somente para esta pesquisa.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui informado(a) do projeto de pesquisa e que estou ciente: a) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca das tarefas e outros assuntos relacionados com a pesquisa, b) da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento, c) da segurança de que não serei identificado em nenhum momento após a coleta de dados e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas, d) da probabilidade de apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos e de publicá-los, e) de que não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e f) que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética ([etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br)) através do Parecer 3.094.187 de 19/12/18. A pesquisadora envolvida neste estudo é a mestranda do PPGLetras/UFRGS Laura Baiocco ([laura.baiocco@ufrgs.br](mailto:laura.baiocco@ufrgs.br)), sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maity Siqueira ([maity.siqueira@ufrgs.br](mailto:maity.siqueira@ufrgs.br)). Ambas poderão ser contatadas por e-mail.

Data: ...../...../.....

Assinatura do participante: .....

Assinatura da pesquisadora: .....

Assinatura da pesquisadora orientadora: .....

## APÊNDICE G – TCLE (EXPERIMENTAL)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO GRUPO EXPERIMENTAL

Você está sendo convidado a colaborar como participante da pesquisa “Tradução de linguagem figurada: a Linguística Cognitiva na prática e no processo tradutório”. Por favor, leia os seguintes esclarecimentos a fim de decidir se participará da pesquisa.

O projeto objetiva investigar a tradução de linguagem figurada. Além de ser reconhecida como desafios para tradutores, a linguagem figurada é muito frequente nas nossas comunicações diárias, como quando alguém diz que uma reunião foi pesada ou que está se sentindo para cima. Assim, esta pesquisa deverá contribuir para a comunidade científica e profissional com uma reflexão teórica e aplicada sobre esse tipo de fenômeno.

Sua participação neste projeto envolve a realização de duas tarefas de tradução, de aproximadamente 45 minutos cada, e sua participação em um treinamento em linguagem figurada na perspectiva da Linguística Cognitiva. Nas tarefas, você deverá traduzir três trechos jornalísticos do inglês para o português. Além disso, responderá um questionário de proficiência em inglês e um questionário de impressões sobre as traduções. Normalmente, não há desconfortos relacionados à sua participação além do risco de cansaço. A sua inclusão neste projeto é voluntária. Suas respostas serão inseridas em um banco de dados construído especificamente para este estudo, ficarão armazenadas por no máximo dois anos no computador da pesquisadora orientadora, no Gabinete 117 do Instituto de Letras da UFRGS, e serão utilizadas somente para esta pesquisa.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui informado(a) do projeto de pesquisa e que estou ciente: a) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca das tarefas e outros assuntos relacionados com a pesquisa, b) da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento, c) da segurança de que não serei identificado em nenhum momento após a coleta de dados e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas, d) da probabilidade de apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos e de publicá-los, e) de que não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e f) que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética ([etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br)) através do Parecer 3.094.187 de 19/12/18. A pesquisadora envolvida neste estudo é a mestranda do PPGLetras/UFRGS Laura Baiocco ([laura.baiocco@ufrgs.br](mailto:laura.baiocco@ufrgs.br)), sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maity Siqueira ([maity.siqueira@ufrgs.br](mailto:maity.siqueira@ufrgs.br)). Ambas poderão ser contatadas por e-mail.

Data: ...../...../.....

Assinatura do participante: .....

Assinatura da pesquisadora: .....

Assinatura da pesquisadora orientadora: .....

## APÊNDICE H – LISTA DE METÁFORAS E EXPRESSÕES CONSIDERADAS

Primeira tarefa:

Atualização linguística	Tipo e metáfora conceitual
1. “to be <b>around</b> a lot of people”	MP: CIRCUNSTANCIAS SÃO ARREDORES
2. “They <b>spend</b> their lives”	MP: TEMPO É RECURSO
3. “ <b>fighting</b> poverty”	MP: PROTESTAR É ATACAR
4. “people <b>tend</b> to have in common”	MP: ATITUDE É POSIÇÃO FÍSICA
1. “to live this <b>way</b> ”	MC: A VIDA É UMA VIAGEM
5. “They didn’t <b>weigh</b> ”	MP: CONSIDERAR É PESAR
6. “the <b>costs</b> and benefits”	MP: VIDA É BEM MATERIAL (INCONVENIENCIA É CUSTO)
7. “or wage any <b>internal...</b> ”	MP: A MENTE É UM CONTAINER
8. “... <b>battle</b> with themselves”	MP: DIFICULDADES SÃO Oponentes
2. “newly <b>uncovered</b> payments”	MC: VISÍVEL É DESCOBERTO
3. “to be <b>digging into</b> the entire...”	MC: INVESTIGAR É IR A FUNDO
4. “dating <b>back</b> 10 years”	MC: O PASSADO É PARA TRÁS
5. “conduct <b>flagged</b> as suspicious”	MC: CLASSIFICAR É SINALIZAR
6. “Mueller’s <b>probe</b> ”	MC: INVEST. É EXPLORAR FISICAM.
1. “played a major supporting role”	EI (MP: IMPORTANCIA É TAMANHO e MC: VIDA É PEÇA DE TEATRO)
2. “tied the knot”	EI (RELACIONAMENTO É UNIÃO DE PARTES, PESSOAS SÃO OBJETOS)
3. “under the spotlight”	EI: (MC: ESTAR SOB O HOLOFOTE É RECEBER ATENÇÃO)
4. “had to be given a helping hand”	EI (MC: AJUDAR É DAR A MÃO)

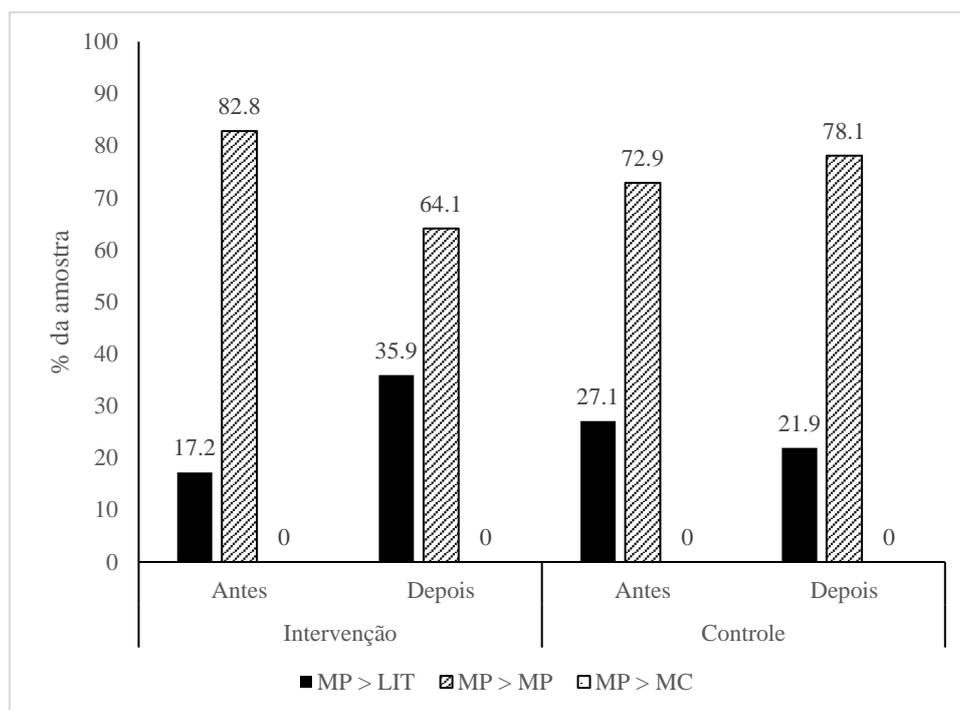
Segunda tarefa:

Atualização linguística	Tipo e metáfora conceitual
9. “we <b>go through</b> our days”	MP: PROCESSO É TRAJETÓRIA

10. "We cope by <b>focusing</b> on things"	MP: ATENÇÃO É FOCO
7. "more directly <b>in front</b> of us."	MC: FUTURO É PRA FRENTE
11. "if the ambiguity <b>surrounding</b> "	MP: CIRCUNSTÂNCIAS SÃO ARREDORES
12. "our own demise were <b>taken away?</b> "	MP: ATRIBUTOS SÃO OBJETOS
13. "and <b>means</b> of our deaths?"	MP: EVENTOS SÃO TRAJETÓRIAS
14. "can <b>shed light</b> on our motivations"	MP: SABER É VER
15. "to best <b>spend</b> "	MP: TEMPO É RECURSO
16. "our <b>limited</b> time"	MP: TEMPO É RECURSO
8. "RG is accused of <b>framing</b> "	MC: INVENTAR UMA ACUSAÇÃO É ENQUADRAR
9. "the <b>rot</b> at the heart of the system"	MC: ATRIBUTOS RUINS SÃO ALIMENTOS PODRES
10. "still <b>festers</b> "	MC: INSTITUIÇÕES DECADENTES SÃO ORGANISMOS VIVOS PODRES
11. "this <b>points to</b> "	MC: SUGERIR É APONTAR
12. "a much more <b>sweeping</b> and..."	MC: COMOÇÃO É DEVASTAÇÃO
5. "under the radar"	EI (MP: SABER É VER, CONTROLE É PARA CIMA)
6. "used to hang around with"	EI (MC: SER AMIGO É ACOMPANHAR)
7. "be welcomed with open arms"	EI (MC: INTIMIDADE É PROXIMIDADE, NAÇÃO É PESSOA)
8. "a real feather in our cap"	EI (MP: BOM É PRA CIMA, MC: ACRÉSCIMO DE QUALIDADE É ADEREÇO [ATRIBUTO É OBJETO])

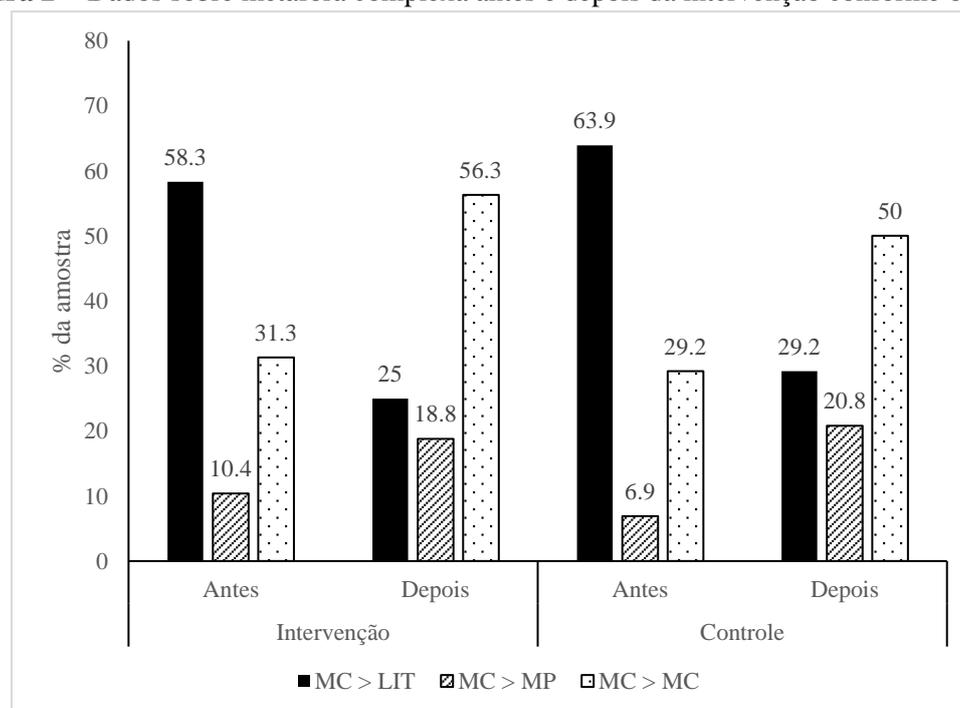
## APÊNDICE I – FIGURAS 1, 2 E 3 COM RESULTADOS QUANTITATIVOS

**Figura 1** - Dados sobre metáfora primária antes e depois da intervenção conforme o grupo



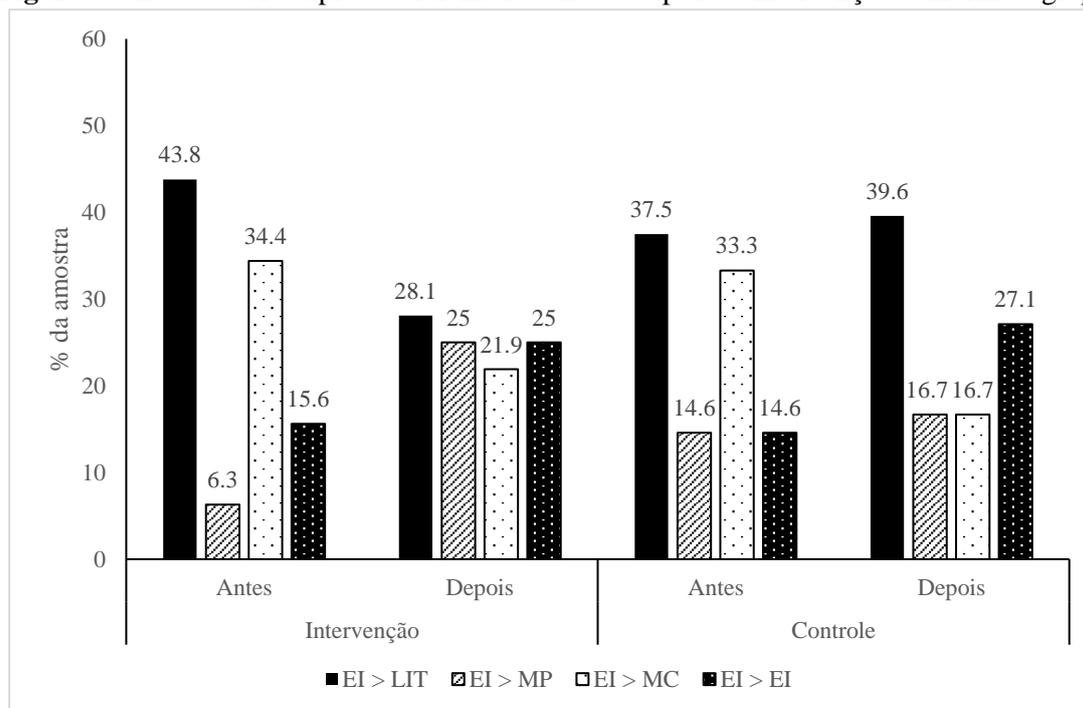
Fonte: Elaboração própria

**Figura 2** - Dados sobre metáfora complexa antes e depois da intervenção conforme o grupo



Fonte: Elaboração própria

**Figura 3** - Dados sobre expressão idiomática antes e depois da intervenção conforme o grupo



Fonte: Elaboração própria